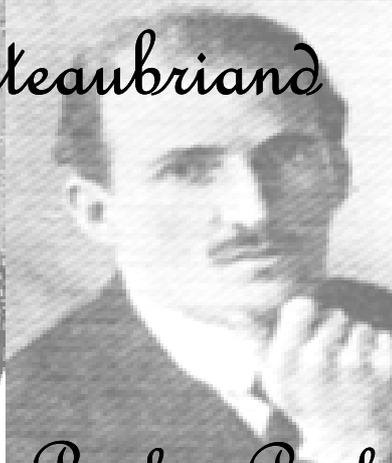
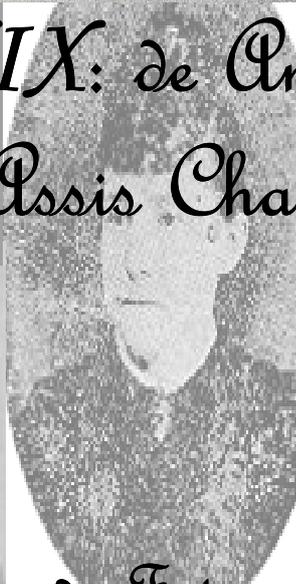


*Pequeno Dicionário dos
Escritores/Jornalistas da Paraíba do
Século XIX: de Antonio da Fonseca a
Assis Chateaubriand*



*Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Organizadora*



2009



João Américo de ...

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Organizadora

Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da
Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a
Assis Chateaubriand

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor
ROMULO SOARES POLARI
Vice-Reitora
MARIA VARA CAMPOS MATOS



EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor
JOSÉ LUIZ DA SILVA
Vice-Diretor
JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO
Supervisor de Editoração
ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JUNIOR

P425 Pequeno Dicionário dos Escritores / Jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand. / Socorro de Fátima Pacífico Barbosa organizadora. – João Pessoa, 2009. Disponível em:
<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>
145p.
ISBN 978-85-7745-338-2
1. Escritores / Jornalistas – Dicionário Biobibliográfico – Sec. XIX. I. Barbosa, Socorro de Fátima Pacífico – Org.

UFPB/BC

C.D.U. : 070:82(038)

Revisão técnica:

Fabiana Sena

Edição gráfica:

Fabiana Sena

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Apoio e Financiamento:



*Para Eduardo Martins, historiador da cultura
paraibana e da imprensa do século XIX.
(in memoriam).*

Introdução

Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio Borges da Fonseca a Assis Chateaubriand tem como origem os resultados do projeto *Jornais e folhetins literários da Paraíba do século XIX*, pesquisa desenvolvida no estágio de pós-doutoramento, no período de 2005 a 2007, na PUC/RS, sob a supervisão da Prof^a Dr^a. Regina Zilberman e financiamento do CNPq. Seu objetivo é o de suprir lacunas. Neste caso aquela que havia sido “apagada” pela historiografia paraibana, principalmente, a construída à sombra do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), cujo propósito sempre foi o de elaborar “um enredo romanesco, com a preocupação de relatar os fatos heróicos do passado, no sentido de uma história linear” (SÁ e MARIANO, 2003, p. 12). Mas além disso, este *Pequeno dicionário* objetiva demonstrar ter havido na Paraíba, a exemplo de outros estados e da Capital brasileira, uma vida literária e cultural produzida, sobretudo, pelos jornais e periódicos.

Dessa forma, esperamos reconstituir, através dessa publicação, parte da memória cultural paraibana do século XIX, através da vida e da obra de jornalistas escritores que

nasceram e/ou trabalharam na Paraíba no século XIX. Nesse sentido, concebemos “imprensa do século XIX”, como aquela movida, sobretudo, pela polêmica, por isso optamos por definir as bases temporais a partir de dois ícones paraibanos, reconhecidos nacionalmente pela atuação controversa, pelas disputas travadas nas páginas dos periódicos: Antonio Borges da Fonseca e Assis Chateaubriand.

Considerando o jornal como o principal suporte para a divulgação do conhecimento no século XIX, decidimos que o conceito de jornalistas deveria ter uma abrangência e um significado próprios ao tempo, o que significava incluir nesse rol, os homens e mulheres de letras que faziam uso sistemático desse veículo. O termo “paraibano” também deve ser compreendido como nascido na Paraíba, ou produzido em jornais desse estado. Um levantamento preliminar indicava em mais de uma centena o número de jornalistas paraibanos nascidos no século XIX. O título, por sua vez, é uma cópia e uma homenagem a outro dicionário produzido no Rio Grande do Sul, o *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul* (1999).

Definidos os critérios para a inclusão dos nomes, a pesquisa teve início com o levantamento dos nomes a partir de

diversas fontes, entre as quais jornais, almanaques e periódicos paraibanos do século XIX. As pesquisas nas obras de referência e nos arquivos do projeto *Jornais e folhetins paraibanos do século XIX* tentaram, a despeito de toda a dificuldade causada pela prática do anonimato e do uso dos pseudônimos, dar visibilidade à produção dos homens e mulheres que fizeram o jornalismo paraibano da época. Porém, no que diz respeito à biografia daqueles jornalistas esquecidos pela historiografia. Essa pesquisa, no entanto, pouco revelou uma vez que parte da produção escrita nos periódicos do século foi notadamente anônima. Mesmo assim, fizemos entradas com nomes de jornalistas que constavam como membros do corpo editorial, redator, na esperança de quem possam ampliar o número daqueles que merecem o nome de jornalista. De grande importância para esta compilação foi o *Dicionário literário da Paraíba* (1994), de Idelette Muzart F. dos Santos, fonte pioneira no âmbito da literatura paraibana, que além de obra de referência serviu como base de onde foram retirados alguns verbetes inteiros. Nesse caso, são os verbetes sem indicação de redator e com a referência do *Dicionário literário*. Mesmo sem acrescentar dados novos, compreendemos que essa nova entrada neste *Pequeno dicionário* ajuda a redimensionar a importância de

certos perfis, no que diz respeito a sua participação na cultura paraibana, principalmente, no suporte jornal. Entre esses destacamos os nomes de Joaquim José de Abreu, Maciel Pinheiro, Odilon Nestor entre outros, que deixam sua condição de poetas e romancistas “menores” da literatura paraibana para assumir sua escrita de jornalistas. Assim, sempre que foi possível, indicamos a fonte jornalística na qual foi publicado, primeiramente, o trabalho depois transformado em livro, quase sempre sob auspício oficial. Nesse sentido, muita vez, a importância de um nome é redimensionada quando deixa de ser valorizado pela escassa publicação bibliográfica. No caso da produção dos escritores jornalistas paraibanos, observa-se o paradigma brasileiro segundo o qual, para os historiadores, “a literatura será identificada com a alta cultura e o jornalismo com a cultura de massa” (COSTA, 2005, p. 14).

Dessa forma, o que do ponto de vista da produção da literatura tornava um autor “menor”, é compreendido nas condições de produção do tempo, como participando ativamente da vida cultural paraibana. Seja traduzindo folhetins franceses e ingleses, seja escrevendo crônicas anônimas ou trasladando artigos dos jornais de outras províncias, esses jornalistas foram os atores e

os intermediários da literatura (Darnton, 1995), tal como era possível escrever e promover essa arte no século XIX.. Esse é o caso de Antonio da Cruz Cordeiro Júnior, cujas atividades jornalísticas cotidianas consistiam em traduzir, escrever e produzir a literatura que era lida pelos leitores paraibanos e de outros estados.

Os verbetes sem indicação de redator e com referência do dicionário foram retirados quase inteiramente na íntegra dessa fonte tão importante. A consulta aos jornais permitiu pelo menos ligar nomes a periódicos que, infelizmente, não puderam merecer um verbete específico, com um pouco de sua história¹. Tem razão, portanto, Mariano (2003, p. 88), quando afirma que a memória da Paraíba se restringiu à história das elites e de seus instrumentos de poder, entre os quais se incluíam apenas alguns jornais e apenas aqueles jornalistas alinhados com uma concepção de “*paraibanidade*”, segundo a qual, a história da Paraíba era contada a “partir da sua “paz”, da sua “bravura”, da sua ordem de suas relações de família, da sua riqueza e dos cargos que ocupa na sociedade”.

¹Nesse sentido, foi fundamental o trabalho de levantamento de fontes feito pelas bolsistas de Iniciação Científica voluntárias, Priscila Carvalho de Almeida e Luciane Ornilo, que vieram a redigir verbetes também.

Para corroborar a tese de que não havia produção cultural no século XIX e início do XX fora dos quadros do jornalismo, foram incluídas as mulheres, professoras, em sua maioria, historiadoras, poetisas e jornalistas. A pesquisa desenvolvida pela professora Marta Falcão (2001) sobre as mulheres paraibanas historiadoras veio a somar e enriquecer os quadros dessa publicação, na medida em que sua produção jornalística muitas vezes foi mais marcante do que aquela publicada ou divulgada através dos livros. Às historiadoras juntaram-se as professoras, que publicaram em periódicos. Assim, a despeito de ser um espaço predominantemente masculino, não foram raras as mulheres que utilizaram as páginas de suporte democrático e heterogêneo, que abrigava em suas páginas, sem qualquer discriminação, toda a sorte de gênero e de conteúdo.

No campo da imprensa propriamente dita, a obra de Eduardo Martins (1976; 1977), que ainda demanda um estudo aprofundado, foi fundamental para recuperar alguns dados e nomes esquecidos pela historiografia paraibana. Embora não se trate de fonte primária, as biografias e informações por ele oferecidas foram pistas fundamentais na recuperação do quadro geral da imprensa paraibana do século XIX. Por isso, a existência de jornalistas desconhecidos ou

pouco referidos pela historiografia. Esse é o caso de José dos Anjos, mulato, pobre, que como tantos da sua época foi obrigado a migrar para a região Norte, em busca de melhores condições de vida e acabou sendo assassinado. A rigor, temos que, dos jornalistas nascidos no século XIX, de Antonio Borges da Fonseca, o mais antigo, a Assis Chateaubriand, o mais poderoso, todos cumpriram alguma espécie de êxodo, no seu percurso profissional. Porém, se Borges da Fonseca e Assis Chateaubriand se tornaram célebres, principalmente pela sua atuação fora dos limites paraibanos, restaurados que foram por estudos alheios ao saber histórico desse estado, o mesmo não se pode afirmar de mais de uma dezena de jornalistas, cuja existência foi apagada pela história e pela história da literatura paraibana.

A perspectiva de que a literatura válida e relevante era a que circulava através do suporte livro não é uma prerrogativa da historiografia literária paraibana. Entretanto, durante pelo menos um século, o jornal foi considerado uma fonte “menor”, ou no mínimo, uma fonte previsível, na qual os pesquisadores buscavam, como em um túmulo tautológico, os grandes escritores e as grandes obras. Trata-se de uma abordagem comum à historiografia que não garante uma perspectiva verdadeiramente

histórica nem para a literatura, nem para a cultura em geral. Primeiramente, porque ao descartar a materialidade do texto, que são seus suportes e veículos, essa “abstração” não considera o fato fundamental de que as formas que fazem com que os textos sejam lidos também participam da construção de seu significado (MCKENZIE, 2004). Segundo, porque estabeleceu, *a posteriori*, uma definição e uma concepção da literatura que simplificaram em muito o sentido amplo e a multiplicidade de gêneros que este conceito tinha no século XIX (ABREU, 2003). Esse redimensionamento do jornal como suporte mais importante e mais lido dessa época, que favorecia a partir de sua materialidade uma maior circulação, a circulação da cultura letrada pode explicar o sucesso de Augusto dos Anjos, teve suas poesias publicadas primeiramente nessa fonte. Ao coligir seus poemas em livros – mesmo que populares – os historiadores desconsideraram as práticas de leitura próprias às condições de produção em que foram forjadas.

Principalmente, porque o jornal é, para a história cultural e da literatura, o lugar por excelência da multiplicidade e da heterogeneidade de vozes (POBLETE, 2006), que amplia – se não nos deixarmos envolver pela catalogação, fixação e hierarquia de certas construções

historiográficas – a possibilidade de se identificar de forma mais “verossímil”, o modo como aquele passado, ou “realidade social [foi] construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

O caráter plural do periódico transformou a equipe que trabalhou nesse dicionário em multidisciplinar, envolvendo geógrafas, historiadores e educadores. Agradecemos, portanto, àqueles que redigiram os verbetes. Todos tiveram liberdade na utilização das referências bibliográficas, mas algumas obras serviram também de base para estabelecer a redação final e foram citadas abaixo dos verbetes.

Esperamos, com esse dicionário, contribuir para o interesse de jovens pesquisadores, pelo conhecimento da história cultural paraibana do século XIX, principalmente aquela que circulou nos periódicos.

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Referências

ABREU, Márcia. *Letras, Belas-letas, Boas Letras*. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (Org.) *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

Luciane Ornilo

Maria Simone Moraes Soares

Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904@2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MCKENZIE, D. F. Bibliography and the sociology of texts. In: *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MARTINS, Eduardo. *Primeiro jornal paraibano: apontamentos históricos*. João Pessoa: A União, 1976.

_____. *A União: jornal e história da Paraíba*. João Pessoa, 1977.

_____. *A tipografia do beco da Misericórdia*. João Pessoa: SEC, 1978.

POBLETE, Juan (Org.) *Revista Iberoamericana*. v. LXXII, n. 214, enero/marzo. 2006.

_____. La revista, el periodico y sus lectores en el Chile decimonónico. In: *Revista Iberoamericana*. v. LXXII, n. 214, p. 49-59, enero/marzo. 2006.

ZILBERMAN, Regina et al. *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

Os Autores

Antonio Carlos Ferreira Pinheiro

Carmelo Ribeiro do Nascimento Filho

Doralice Sátyro Maia

Fabiana Sena

Favianni da Silva

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Abreviaturas

ACFP - Antonio Carlos Ferreira Pinheiro

CRNF - Carmelo Ribeiro do Nascimento Filho

DSM - Doralice Sátyro Maia

FSe - Fabiana Sena

FS - Favianni da Silva

LO - Luciane Ornilo

MSMS - Maria Simone Moraes Soares

NLARS - Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá

SFPB - Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Relação dos Verbetes

- ABIAHY, Baronesa do
ABREU, Joaquim José de
ACHILES dos Santos, Artur
ADAUTO Aurélio de Miranda Henriques (Dom).
ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcanti de
ALBUQUERQUE, Otacílio Camelo
ALBUQUERQUE, Salvador Henrique de
ALMEIDA, Alonso de
ALMEIDA, Horácio de
ALMEIDA, José Américo de
AMÉRICO, Pedro
AMSTEIM, Catarina de Moura
ANDRADE, Jader
ANÍSIO, Monsenhor Pedro
ANJOS, Aprígio Rodrigues de Carvalho dos
ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues dos
ANJOS, José dos
ANJOS, Manuel dos
AQUILES, Arthur
ARAÚJO, Eduardo Marcos de
ARAÚJO, Fernando Coelho de
ARAÚJO, José Peregrino de
ARAÚJO, José Pereira de
ARAUZ, Ignácio
AZEVEDO, Francisco João de
AZEVEDO, J. Soares de
- BALTAR, Alcides Ferreira
BAPTISTA, João Antonio
BARBOSA, Florentino. (Pe.)
BARONESA DO ABIAHY
BARRETO, Antônio Gomes de Arruda
BARRETO, Ezilda Milanez
BARRETO, João da Silva Guimarães
BARRETO, Jonathas de Mello
BARROS Analice de Caldas
BARROSO, Francisco Joaquim Pereira
BASTO, Job Paciente
BELLI, Nicola de
BENVINDO, Antônio
BELMONT, Augusto
- BEZERRA, Alcides
BEZERRA, Ildefonso
BEZERRA, José
BONAVIDES, Aluísio Fernandes
BORBA, José de
BOTELHO, Leônidas de Lima
BRAGA, João Joaquim da Silva
BRITO, Eugênio Toscano de
BRITO, Felizardo Toscano de
- C. O.
CABRAL, Nelson Lustosa
CALDAS, Analice
CALDAS, Diógenes
CÂMARA, Epaminondas
CAMILLO, Antonio
CAMPOS, Afonso Rodrigues de Souza
CAMPOS, Gervázio R. Pereira
CARDOSO VIEIRA
CARLOS JÚNIOR, José
CARLOS, Manoel
CARVALHO, Álvaro Pereira de
CARVALHO, José Rodrigues de
CARVALHO, Tancredo de
CASTRO, Oscar de Oliveira
CASTRO JÚNIOR, Joaquim Garcia
CASTRO PINTO, João Pereira de
CAVALCANTI, João Alcides Bezerra
CAVALCANTE, Leonarda Merandolina B. Baronesa do Abiahy
CAVALCANTI, Manoel Tavares
CELSO, Afonso
CÉSAR, Eliseu Elias
CHATEAUBRIAND, Francisco de Assis
CIRNE, Arthur
COELHO, Artur (Artur Roberto Coelho de Sousa)
COELHO LISBOA
COELHO, José Gomes
COELHO, Juvenal
COELHO, Moisés
CORDEIRO SÊNIOR, Antônio da Cruz.
CORDEIRO JÚNIOR, Antonio da Cruz
CORREIA, Pe. Lindolfo

COSTA, Delfino Ferreira da Costa
COSTA JÚNIOR, José da
COSTA, José Rodrigues da
COSTA, Silvestre
COSTA, Silvino Olavo Cândido Martins da
COUTINHO, Odilon (Padre)
CRISTO REI, João de
CUNHA, Ambrosina Magalhães Carneiro
CUNHA, Francisca de Ascensão
CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da
CUNHA, Silvino Elvídio Carneiro da

DANTAS, Pedro Anízio Bezerra.
(Monsenhor)
D'OLIVEIRA, Severino Peryllo

FALCÃO, Américo Augusto de Souza
FERNANDES, Carlos Dias Augusto
Furtado de Mendonça
FIGUEIREDO, Maximiniano de
FILGUEIRAS, Caetano Alves de Sousa
FONSECA, Antônio Borges da
FREIRE, Antônio
FREIRE, Mathias, Cônego

GAMA E MELLO, Antônio Alfredo da
GAMBARRA, Genésio Gomes
GALVÃO, Enéas de Arrochelas
GUEDES, Lyliá
GUIMARÃES SOBRINHO, Sinésio
Pessoa

HOLLANDA, Antonio. Camillo
HENRIQUES, Aduino Aurélio de Miranda
HENRIQUES, Padre Leonardo Antunes
Meira

JOFFILY, Irineu Ceciliano Pereira

LEAL Ramos, José
LEITÃO JÚNIOR, Cândido Firmino de
Melo
LEITÃO, Tranquilino Graciano de Melo
LIMA, Albertina Correia
LISBOA, João Coelho Gonçalves
LOBO, Aristides
LOPES, Silvino
LUCENA, Severino Albuquerque

LUNA, Mauro
LUSTOSA, Nelson

MACHADO, Maximiano Lopes
MACHADO FILHO, Maximiano Lopes
MACHADO, Raul Campelo
MADRUGA, Manoel
MAIA, Benedito
MARINHO, Hilton Moreno
MARIZ, Celso Marques
MARIZ, Romeu
MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de
MEIRA, Padre
MELLO, Antônio Alfredo da Gama e
MELLO, Benjamin Franklin d'Oliveira e
MELO, Francisco Aurélio Figueiredo
MELO, Francisco de Assis Chateaubriand
Bandeira de
MELO, JOSÉ BATISTA DE
MELO, Manuel Cavalcanti Ferreira de
MELLO, Pedro Américo Figueiredo
MENEZES, Antônio de Aguiar Botto de
MOURA, Catarina
MONTENEGRO, Olívio Bezerra
MOURA, Francisca
MOURA, Francisco Coutinho de Lima

NACRE, Mardoqueu
NEVES JÚNIOR, Theodomiro Ferreira.
NEVES, Alfredo Jader de Carvalho
NEVES Padre Lindolfo José Correia das
NÓBREGA, João Norberto da
NOVAES, José Ferreira de

OLAVO, Silvino
OLIVEIRA, Mateus Augusto
OLIVEIRA, Peryllo de
OLIVEIRA, Rafael Correia de
OTAVIANO de Moura Lima, Manuel PE

PATRÍCIO, Simão
PEDROSA, Pedro da Cunha
PESSOA, Antonio Elias
PESSOA, Benjamim Falcão
PESSOA JÚNIOR, João Ribeiro da Veiga
PESSOA, Olavo Otaviano Pinto
PINHEIRO, Luiz Pereira Maciel
PINTO, Irineu Ferreira

PINTO, João Pereira de Castro
PINTO, Joel
PINTO, Luiz
PIRAGIBE, Aderbal
PIRES, Pe. Heliodo de Souza
PIRES, Rodolfo
PORTO, Carlos Eugênio

RABELO, Francisco José
RAMOS, José Leal
RÉGIS, Edson
RETUMBA FILHO, Francisco Soares da
Silva
RIBEIRO, Beatriz
RIBEIRO, Hortêncio de Sousa
RIBEIRO, Odilon Nestor de Barros
RODRIGUEZ, Walfredo

SANTOS NETO, Antônio Bernardino dos
SANTOS, Antônio Bernardino
SANTOS, Arthur Aquiles dos
SERRA SOBRINHO, Joaquim Maria
SILVA, Antônio Joaquim Pereira da
SILVA, Beatriz Ribeiro da
SILVA, Joaquim José Henrique da
SILVA, José Coutinho da. (Padre Zé
Coutinho)
SILVA, Tito Henrique
SILVEIRA, Isabel Iracema Feijó da
SILVEIRA, Josué Gomes da
SOARES, Eptácio
SOARES, Orris Eugênio
SOUZA, Braz Florentino Henriques de

TAVARES, João Lyra
TEJO, William
TOLEDO, Severino Carvalho de

VASCONCELOS, Albino Gonçalves Meira
VASCONCELOS, Olinto José Meira
VIDAL FILHO
VIDAL, Ademar Victor de Menezes
VIEIRA, Eudésia
VIEIRA, José de Araújo
VIEIRA, Manoel Pedro Cardoso



ABIAHY, Baronesa do – Ver CAVALCANTE, Leonarda Merandolina.

ABREU, Joaquim José de – (* 1840 – Portugal). Guarda-livros, abolicionista, poeta e jornalista. Nasceu em Portugal mais ou menos em 1840, chegando à antiga província da Paraíba, quando tinha cerca de 30 anos. Nessa, se casou, defendeu com afinco o abolicionismo. Participou ativamente da vida literária e jornalística da Paraíba, principalmente através da publicação de sua prosa poética, crônicas, poesias e contos, além da transcrição dos escritos de Heine, durante todo o ano de 1895, na *Gazeta do Comércio*. Segundo descrição de Liberato Bittencourt, o jornalista era médio na estatura e bastante afável. Seu grau de generosidade teria o levado à pobreza na sua velhice, vivendo-a em “verdadeira penúria”. Como homem de letras, conhecia o português e dominava o inglês e francês. No ano de 1891, publicou sistematicamente sua prosa poética no jornal *O Estado da Paraíba*. Entre essas citamos “Sem Ventura”, de 06 de setembro de 1891, “Nostalgia”, em 31 de maio de

1892; “Ritmos”, em 10 de abril de 1892; “Threnos”, em 21 de junho de 1892. Neste período, o jornal *O Estado da Paraíba* se constituía como grande divulgador da literatura, com publicações sistemáticas de Coelho Neto, Eça de Queiroz, Luiz Guimarães Junior.

Em 1903, com cerca de sessenta anos, publicou pela tipografia de Manoel Henrique de Sá o *Livro de Branca*, em homenagem à Branca Dias, paraibana queimada pela inquisição. O livro é escrito em prosa e verso. Horácio de Almeida lhe atribui as seguintes publicações: *Carta aberta ao Exm^o. Sr. D. Adauto, Bispo da Paraíba, s/ed*, 1899; *Carta aberta às paraibanas*, 1899; *Da praia ao monte*, Paraíba: Torre Eiffel, 1909; *Folha soltas*, Paraíba: Imprensa Oficial, 1904.

Redatora: SFPB

Referência:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*; vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

ACHILES dos Santos, Artur – (* 20.06.1864, Pedra de Fogo-PB – + 29.11.1916, Recife-PE). Jornalista, político e filósofo. Após a conclusão do curso de humanidade no Liceu Paraibano, dedica-se à imprensa ao lado de seu pai, Antônio Bernardino dos Santos, como redator do

jornal *A Paraíba*. Quando oficial de gabinete do governo Gama Rosa, dirige *O Comércio e A Voz do Povo*, iniciando sua longa caminhada na vida jornalística, também registrada nos jornais: *O Paraibano*, *Gazeta da Manhã*, *Gazeta da Paraíba e Liberal Paraibano*. Revela-se oposicionista ferrenho do poder, principalmente do governo de Venâncio Neiva e Álvaro Machado, denunciando-lhes as corrupções administrativas através d'*O Comércio e A Voz do Povo*, jornal que lhe serve de tribuna de novembro de 1889 até o primeiro decênio do século passado. Em 1904, forças repressoras do poder invadem *O Combate*, bem como *O Comércio*, depredando máquinas, móveis e arquivos, obrigando-o a procurar uma tipografia do Recife para imprimir seu jornal que, depois de dois anos, volta à circulação. Edita em seu jornal as primeiras poesias de Augusto dos Anjos, a pedido de seu filho, Santo Neto, amigo do poeta.

Com o pseudônimo de Rostand participa do círculo literário do Café Chique. Mantém uma coluna denominada Estrada do Carro. Foi diretor do Arquivo Público, onde segundo Oscar Castro encontrou a enfermidade que iria levá-lo à morte. Nove anos antes de morrer, escreve um testamento poético, onde restaura um pouco dos valores e das condutas que teve em vida. Nele, fica evidente o seu

ressentimento com o que chamou de ingratidão os seus “coestaduanos”. Revela-se um homem guiado pela organização moral, sempre a favor das camadas inferiores da sociedade. Segundo seu ponto de vista, “todos os seus atos na vida pública obedeceram ao desejo consciencioso de ser útil aos outros e, sobretudo, à Paraíba”.

Redatora: SFPB

Referências:

CASTRO, Oscar Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955;

Revista da APL, n. 09.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira07.htm>

ADAUTO Aurélio de Miranda Henriques (Dom) – (* 30.08.1855, Areia-PB – + 15.08.1935, João Pessoa-PB). Nasceu no dia 30 de agosto de 1855, na cidade de Areia, no Estado da Paraíba, onde também fez seus primeiros estudos. Estudou também no Seminário de Olinda/PB, transferindo-se depois para a Europa a fim de fazer os estudos superiores: de Filosofia no São Sulpício, em Paris e Teologia na Universidade Gregoriana, em Roma, doutorando-se em Direito Canônico. Ordenou-se sacerdote no dia 18 de setembro de 1880. De volta ao Brasil, passa a exercer as funções de Diretor Espiritual e Professor no Seminário de Olinda e as de Cônego efetivo da Sé de 1881 até 1893. Em 1892 é criada a Diocese

da Paraíba e Dom Aduino é nomeado seu 1º Bispo pelo Papa Leão XIII em 2 de janeiro de 1894. Estando em Roma nessa ocasião, foi sagrado a 7 de janeiro na capela do colégio Pio Latino Americano, tomando posse da Diocese em 4 de março do mesmo ano. Em 6 de fevereiro de 1914 a Diocese da Paraíba é elevada à categoria de Arcebispado por decreto consistorial de Pio X, e Dom Aduino é promovido por esse mesmo ato a Arcebispo Metropolitano. Governou a Província da Paraíba por 41 anos, que foi de 1894 a 1935. Foi durante a visita pastoral que Dom Aduino fez a Mossoró em 30 de janeiro 1900, que surgiu a idéia da fundação do Diocesano. Durante o tempo que durou a visita, Dom Aduino em conversa com os paroquianos, sentiu que a maior aspiração do povo mossoroense era a criação de uma “casa de educação moldada nos princípios evangélicos”. Foi pensando em atender a essa necessidade que o Bispo reuniu os cidadãos de maior projeção da cidade, para discutir a possibilidade da instalação de um educandário, já no ano seguinte, que preenchesse os requisitos mais indispensáveis à formação intelectual dos jovens, dentro dos princípios cristãos. Aceita a idéia da criação do educandário, os presentes se comprometeram a adquirir prédio e mobiliário que se adaptasse a tal

fim. Fundou na Paraíba o jornal *A Imprensa*.

Referência:

<http://www2.uol.com.br/omossoroense/260803/nhistoria.htm>

ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcanti de – (* 09.11.1829, Gurinhém-PB – + 14.06.1899, Juiz de Fora-MG). Era filho de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque e de Ângela Sofia Cavalcanti de Albuquerque. Exerceu a promotoria pública em Areia, onde participou da vida política como membro do Partido Conservador, pelo qual foi eleito para a Assembléia Provincial no biênio 1854-55, sendo reeleito para outro biênio. Elegeu-se também como representante da Paraíba na Câmara dos Deputados para a legislatura de 1857-1860, época em que foi morar no Rio de Janeiro. Diogo Velho foi Membro do Gabinete presidido pelo Visconde de Itaboraí, defensor da abolição da escravatura; Presidente da Província do Piauí (1859); Presidente do Ceará (1868); Presidente de Pernambuco (1870); Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; Ministro da Justiça; Diretor do Ministério dos Estrangeiros; Deputado Provincial; Deputado Geral; Senador Vitalício pelo Estado do Rio Grande do Norte e Membro do Conselho do Estado. Representou o Brasil na Exposição Universal de Paris, como Comissário Geral. Marcou a sua

presença na Paraíba pela construção da Estrada de Ferro Conde D'Eu, que ligava Cabedelo a Alagoa Grande e pela extensão da linha telegráfica de Recife a João Pessoa. Mesmo após a República, Diogo permaneceu em Paris, sempre leal ao Imperador, só retornando ao Brasil após a morte do soberano. Além de relatórios e pareceres, elaborou um trabalho intitulado *Notice generale sur les principales lois promulgués au Brésil de 1891 a 1894*, uma monografia apresentando um resumo histórico dos primeiros anos do Brasil República. Redigiu *Alva*, a primeira revista literária da Paraíba, publicada no Rio de Janeiro. **Redatora: SFPB**

Referências:

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira13.htm>;

BARBOSA, Socorro de F.
<http://www.revistafenix.pro.br>

Revista do IHGP, n. 10.

ALBUQUERQUE, Otacílio Camelo – (* 21/02/1874, Areia-PB – + 27.12.1954, Rio de Janeiro-RJ). Era filho de João Aureliano Camelo de Albuquerque e Mariana Borges da Fonseca. Sobrinho de Francisco Xavier Júnior, jornalista, educador e autor do livro *Lições de Língua Materna* (1906), foi no colégio do tio, o Culto às Letras que iniciou com 17 anos a docência, primeiro em Areia, depois na Capital, no Colégio Paraibano, antes de concluir os preparatórios do Liceu

Paraibano. Em 09/01/1892, o jornal *A Verdade*, da cidade de Areia publica o seguinte anúncio: “Otacílio Camelo participa aos pais de família que no dia 12 do corrente abrir-se-ão as aulas do seu modesto estabelecimento”. Em outro número foi publicada outra nota: “Ensino particular. Sob a direção do abaixo assinado acha-se aberto nesta cidade, na Rua Direita nº 17, um estabelecimento de instrução primária e secundária”. Sua carreira como professor de Álgebra, do Liceu, tendo antes exercido as cadeiras de História Natural, Física e Química e Higiene da Escola Normal, durou mais de 30 anos, gozando de prestígio consideração entre os alunos.

Sua carreira de jornalista tem início, aos dezoito anos, como redator e diretor do jornal *A Verdade*. Como era comum aos homens de letras da época, ele era também ator e autor de teatro. Em 1893 viaja para o Rio de Janeiro a fim de iniciar seu curso de medicina. Sua ida ao Rio de Janeiro foi a saída que encontrou para conciliar trabalho com estudo. Para ele, só na capital poderia ter oportunidade. A passagem foi comprada com a ajuda de todos os parentes pobres. No Rio, passou a lecionar no Colégio Abílio, onde dispunha de casa, comida e um ordenado tão pequeno que mal chegava para as passagens de bonde. Além de aluno de medicina e professor, Otacílio e

Albuquerque também escrevia peças de teatro nas horas vagas, o que lhe garantia algum extra. Suas peças – aquelas escritas em Areia e as do Rio de Janeiro – foram encenadas na capital federal com sucesso. Ainda na condição de estudante, volta para Areia, em 1897, a fim de casar com Zulmira Ribeiro dos Santos Coelho. Depois de formado, volta à terra natal onde é recebido com festas e foguetório. Na guerra travada entre os Cunha Lima e os Simeão Leal, Álvaro Machado, então governador da Paraíba, o escolhe para prefeito de Areia (1904 a 1908) por não pertencer a nenhum dos dois grupos. Participando depois de várias disputas até ser eleito deputado federal, em 1913, quando mandou arrancar a placa de médico da sua porta e fugiu da clínica. Foi também deputado estadual.

Entre outras atividades, era poeta e costumava fazer sonetos corretos, com os quais premiava os inimigos. Eça de Queiroz e seus romances foram suas leituras preferidas até o fim da vida. Depois do rompimento político com Epitácio Pessoa, passou a utilizar a seção de sátira de *O Jornal*, que dirigia com Rodrigues de Carvalho, para atacar seus inimigos, utilizando-se do pseudônimo de Biête do macaco. Contra José Américo de Almeida, utilizou o *Correio da Manhã*, folha de propriedade de Ruy Carneiro. Segundo seus

biógrafos, foi o pioneiro na idéia do voto secreto, que divulgou na Câmara Federal, na imprensa da Paraíba e do Rio. Sua paixão pela imprensa, se revelava de vários modos, inclusive na assinatura de *O Jornal*, folha do Rio, do seu amigo Assis Chateaubriand. Data de 1926 a sua participação ativa nos jornais paraibanos. Vários artigos foram escritos em *O Jornal*, onde foi redator-chefe de 1926 a 1927, da capital paraibana. Após o seu fechamento do jornal vai escrever na imprensa do Recife, no *Diário da Manhã* e *Jornal do Recife*, entre 1928 e 1929.

No fim da vida, viúvo, residiu no Paraíba-Hotel, indo algumas vezes ao Rio de Janeiro para visitar os filhos. Em 1953 passa a residir naquela cidade, no bairro de Copacabana, casa de uma filha. Era leitor de jornais, pela manhã o *Diário de Notícias* e à tarde *O Globo*. Morreu em 27 de dezembro de 1954. Em sua homenagem, Ruy Carneiro deu-lhe o nome de um grupo escolar. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP. Publicou *Impuludismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Is.n.I, 1901. **Redatora: SFPB**

Referências:

- ALMEIDA, Horácio. *Brejo de Areia*. Memórias de um município, 1958
- PINTO, Luiz. *Octacílio de Albuquerque*. Época. Vida. Obra. Rio de Janeiro: Minerva, 1966.

ALBUQUERQUE, Salvador Henrique de – (* 1813, João Pessoa-PB – + 1880, Olinda-PE). Colaborou na imprensa da Paraíba, na redação da revista *Alva* e em periódicos de Pernambuco. Autor do *Breve Compêndio de Gramática Portuguesa, Novas Cartas, Breve Compêndio de Doutrina Cristã, Compêndio de Geografia Universal, Noções de Geografia, Resumo de Aritmética, Resumo das Quatro Operações e Bosquejo Histórico da Paraíba*.

Referência:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

MARTINS, Eduardo. *Primeiro jornal paraibano: apontamentos históricos*. João Pessoa: A União, 1976.

ALMEIDA, Alonso de – Diretor de *A Gazeta Paraibana*.

ALMEIDA, Horácio de – (* 21.10.1896, Areia-PB – + 05.06.1983, Rio de Janeiro-RJ) Estuda as primeiras letras na terra natal, onde permanece até os vinte e dois anos, dedicando-se aos trabalhos do engenho do pai, Rufino Augusto de Almeida, e convivendo com a riqueza da tradição oral que lhe dá sensibilidade para as pesquisas do Romancero popular e da Literatura de Folheto. Inicia-se na arte literária, na época do curso secundário no Liceu Paraibano, participando da criação da revista *Era Nova* ao lado de Sinésio Guimarães, Severino

Lucena, Edgard Dantas e Mardoqueu Nacre. Participou ativamente da animação cultural da imprensa paraibana no alvorecer na arte moderna. Em 1922, casa-se e volta à vida dos engenhos, mas sem abandonar os estudos. Matricula-se na Faculdade de Direito do Recife, concluindo-o em 1930, quando se transfere para a capital, onde exerce a advocacia até 1947. Na década de 50, retorna a João Pessoa e torna-se um revolucionário da vida intelectual, fundando várias revistas como *Reação*, da Academia Paraibana de Letras. Dirigiu *O Estado da Paraíba*. É pioneiro na história dos livros na Paraíba, ao publicar a obra de referência obrigatória aos estudiosos da leitura *Contribuição para uma bibliografia paraibana*, em que apresenta as publicações dos paraibanos e da Paraíba por quase dois séculos. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da Academia Paraibana de Letras. Em 1958 escreve *Brejo de Areia*, obra memorialista, uma mistura de história e ficção, que marca sua volta às letras. Sua produção é vasta e centra-se principalmente em livros sobre a história da Paraíba e dicionários. História da Paraíba. 2 volumes, João Pessoa: EDUFPB, 1978; *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: EDUFPB, 1979; Dicionário de termos eróticos e afins. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; Catálogo de dicionários portugueses e

brasileiros. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983. Biografou Augusto dos Anjos e Pedro Américo.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

ALMEIDA, José Américo de – (*10.01.1887, Areia-PB – + 10.03.1980, João Pessoa-PB). Filho de Inácio Augusto de Almeida e Josefa Leal de Almeida. Ele deixa o engenho onde nascera a convite do seu tio padre, Odilon Benvindo de Almeida, que o leva, após a morte de seu pai para o seminário. A educação recebida garante-lhe vaga para o preparatório realizado pelo Liceu Paraibano, para ingresso na Faculdade de Direito do Recife, onde se torna bacharel em 1908. Ser homem de letras sempre foi seu desejo, quando indagado sobre o que queria ser quando crescesse. A vocação para jornalista vem à tona em 1907, ao editar, em Areia, com Simão Patrício e Eduardo Medeiros, o jornal *Correio da Serra*. E fez poesia, sendo desse tempo alguns sonetos divulgados no *Almanaque da Paraíba*. Escreveu em jornais do interior e da Capital.

Retomou essa atividade mais tarde, escrevendo artigos literários na *A União* e como assíduo colaborador da revista *Era*

Nova, que fez época no Estado, no Governo de Sólton de Lucena. Apareceu, então, o cronista impregnado dos puristas da língua, influenciado pelos clássicos portugueses e por Ruy Barbosa, entre os nacionais. José Américo publica também nos jornais *A Imprensa* e *O Norte* e, mas é com o surgimento da revista *Era Nova*, em 1922, que firma-se em sua carreira de escritor intervindo na produção intelectual paraibana, com publicações em quase todos os cem números dessa revista, até 1926. A revista *Era Nova* possuía uma separata, intitulada de “Novela”, que era reservada aos novos escritores e poetas paraibanos, estimulados, assim, a manifestar o seu talento literário. E é através desse projeto editorial que o escritor publica seu primeiro livro, *Reflexões de uma cabra*, em 1922. Ele mesmo não atribuía maior valor a esse trabalho de estréia na ficção. Escreveu às pressas, como era característica das produções feitas primeiramente para os folhetins dos jornais, para atender ao pedido do suplemento literário. Essa novela conta a história do ex-seminarista Zé Fernandes que rompeu o noivado com Maria Anunciada, deixando o sertão onde vivia, por causa da seca, quando migrou para a Capital do Estado. Aqui encontrou vários colegas de seminário, que também haviam deixado a batina. Depois viajou para

São Paulo, lá se casou com outra moça, e nasceu o primeiro filho do casal, Amaril. O menino adoeceu de gastroenterite e só se curou com leite de cabra, a “tal cabra, que passou a heroína da novela” e para cujo animal a mãe agradecida arranja um companheiro, pedindo ao marido que lhe compre um bode do seu sertão. Segundo Joacil Pereira de Brito “essa primeira obra do ficcionista, feita em poucos dias, era apenas um esboço do talento americista que se manifestaria com toda força no ensaio *A Paraíba e seus Problemas* (1923) e no romance *A Bagaceira* (1928), saudado por Tristão de Athayde, em consagrador artigo de repercussão nacional “Romancista ao Norte”. Ainda segundo o historiador, essa sua primeira produção literária apresenta um tanto de humor que, “filosoficamente é o exagero conjugado com a malícia, produzindo uma percepção a um só tempo aumentativa e pejorativa da realidade”. Por outro lado, empregou largamente a ironia e a sátira. Para ele, o humor de José Américo “revela-se, por sinal, na duplicidade e no contraste, no impacto e na contrafação presentes desde os seus primeiros escritos”.

Após a publicação de *A Paraíba e seus problemas* (1923), José Américo de Almeida volta à ficção, com o conhecidíssimo romance *A Bagaceira*, em 1928, que se tornou o marco inicial da segunda fase do

Modernismo brasileiro, inaugurando o ciclo do “romance nordestino” dos anos 30. O enredo baseia-se no êxodo da seca de 1898, descrito como “(...) Uma ressurreição de cemitérios antigos - esqueletos redivivos, com o aspecto e o fedor das covas podres (...)”. Obra-prima do romance regionalista moderno, hoje com trinta e duas edições em língua portuguesa, edição crítica e versões em espanhol, francês, inglês e esperanto. Sua obra, com dezessete títulos, abriga ainda ensaios, oratória, crônica, memórias e poesia. A história se passa entre 1898 e 1915, os dois períodos de seca.

A vocação de escritor jornalista se mostrará mais uma vez em 1957, com a publicação na revista *O Cruzeiro*, da série de crônicas *Sem me rir, sem chorar*. Segundo Deusdedit Leitão esse é o título que José Américo desejava há muito tempo dar a uma de suas obras. A revista *Era Nova*, de 01 de junho de 1922, anunciava-o como sendo de um livro de crônicas. Como naquela época as revistas e periódicos, ao mesmo tempo em que divulgavam as obras de ficção também se encarregavam de divulgá-las e propagá-las, principalmente no que diz respeito à participação do leitor, em 01 de julho de 1922 a revista *Era Nova* exibiu o interesse do público pelo surgimento da obra.

Esse interesse, como era corrente, também foi reproduzido em notas pelo jornal *O*

Norte. Mais uma vez a *Era Nova*, n.30, no dia 15 de julho do mesmo ano, pedia aos leitores que aguardassem o *Sem me rir, sem chorar*, em anúncio em um canto de página. Na seção Livros e Revistas, contudo, vê-se a informação de que a impressão do livro pela Imprensa Oficial, se achava “muito adiantada”. A revista esperava lançá-lo “por todo o fim de agosto ou princípio de setembro”, daquele ano, ao mesmo tempo que indicava ser a obra uma coletânea de crítica. Os meses se passaram até que, em 24 de dezembro de 1922, é noticiado o adiantamento da composição pela Imprensa Oficial, daquele que seria o primeiro livro editado pela nova empresa. Apesar de nunca ter saído a obra tão anunciada, José Américo guardou o título para tornar a usá-lo na década de 50, na série de crônicas que publicaria em *O Cruzeiro*.

Assim, no dia 29 de junho de 1957, a famosa revista *O Cruzeiro*, do também paraibano Assis Chateaubriand, que naquele momento se consagrava por publicar e congregar os melhores escritores e jornalistas brasileiros, divulgou a primeira crônica da série intitulada *Sem me rir, sem chorar*, escrita por José Américo de Almeida. Com o título de “Homem de Letras”, a revista assim se referiu à matéria que começava a publicar: “O Cruzeiro apresenta, a partir de hoje, uma série de

quatro crônicas de José Américo, ex-deputado, ex-senador, ex-ministro, ex-governador, ex-tudo politicamente falando – um homem a quem o Brasil sempre encontra à mão para servi-lo. É o romance da vida, aos pedaços, neste Brasil que é uma pilhéria, como ele próprio o classificou em carta que dirigiu ao Deputado Pereira Diniz. “São episódios destacados de minhas memórias por seu tom anedótico. Virão depois, no mesmo tom, perfis, história política, costumes, tudo que testemunhei nos vários planos da minha vida”. Aquelas que foram anunciadas apenas com o número de quatro crônicas, foram ampliadas e deram lugar à publicação de vinte e cinco, sendo a última delas publicada apenas em 28 de dezembro de 1957, sem a regularidade semanal da revista. A série de crônicas se transformaria em livro póstumo, publicado pela fundação que leva o seu nome, apenas em 1984.

Escreveu em todos os gêneros literários. Revelou-se “nessas múltiplas facetas o jornalista e panfletário, o ensaísta de fôlego e o cronista amemo”, o sociólogo e ficcionista que dominou a novela e criou o moderno romance nordestino de sabor regional.

Publicou: *Reflexões de uma Cabra* (1922); *A Paraíba e seus Problemas* (1923); *A Bagaceira* (1928). *O Ministério da Viação* (1934), *Coiteiros*

(1934), *O Boqueirão*(1935), *As Secas do Nordeste* (1935), *Entrevistas e Discursos* (1945), *Ocasos de Sangue* (1954), *Discursos do seu Tempo* (1965 e 66), *A Palavra e o Tempo* (1965), *Ad Imortalitatem* (1968), *Eu e Eles* (1970), *Quarto Minguante* (1975), *Antes que me Esqueça* (1978) e *Sem Rir sem Chorar* (1984), livro póstumo que reuniu crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro*. Ainda se poderia acrescentar trabalhos jornalísticos e poesias diversas publicadas na revista *Era Nova* e em matutinos de João Pessoa. **Redatoras: FSe e SFPB.**

Referências:

AGUIAR, Wellington. Apresentação. In: *Sem rir, sem chorar*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1984.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa *A União* – 1994.

PEREIRA, Joacil de Britto. *José Américo de Almeida: a saga de uma vida*. Brasília: Instituto Nacional do Livro: Senado Federal, 1987.

AMÉRICO, Pedro – Ver MELLO, Pedro Américo Figueiredo.

AMSTEIM, Catarina de Moura – (* 20.12.1882, Paraíba). Foram seus pais Misael do Rêgo Moura e Francisca Rodrigues Chaves Moura. Fez seus estudos primários e secundários na Escola Normal Oficial, onde recebeu o diploma de professora normalista, em 1902. Feito o curso de preparatórios no Liceu Paraibano, matriculou-se em 1908, na Faculdade de

Direito do Recife, de onde saiu formada e laureada, em 1912, obtendo também o prêmio de viagem à Europa. Como quartanista de Direito, advogou no crime, na cidade de Pau d’alho, em Pernambuco. Em 1913, no Governo Castro Pinto, fez conferência públicas, no Teatro Santa Rosa, sobre “Direitos da Mulher” e escreveu, no Jornal *A União*, crônica assinada com o pseudônimo de Paraguaçu. Na Escola Normal desta Capital ensinou como professora, as cadeiras de Português, Desenho, Francês, e História da Civilização, sendo, em 1917, nomeada professora efetiva da cadeira de Português. **Redator: FS**

Referências:

Revista *Manáira* João Pessoa, junho de 1940. N. 08 pág. 03

A União, João Pessoa de 1930/1940.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940.

Revista *IHGP*, João Pessoa, A UNIÃO, Imprensa Oficial, 1910/1940.

ANDRADE, Jader – Redator de *O Combate*, que foi incendiado em 28 de julho de 1904.

ANÍSIO, Monsenhor Pedro. Ver

ANJOS, Aprígio Rodrigues de Carvalho dos – (* Sapé). Colaborou nos jornais de sua época.

ANJOS, Augusto de Carvalho Rodrigues

dos – (* 20.04.1884, Espírito Santo-PB - + 12.11.1914, Leopoldina-MG). Publicou seu primeiro trabalho literário “Saudade”, no Almanaque do *Estado da Paraíba*, em 1900 e, em 1901, inicia uma colaboração regular no jornal *O Comércio*, dirigido por Arthur Aquiles. Sua formação foi autodidata e pouco sabe-se dela. Em 1903, ingressa na Faculdade de Direito do Recife, ali concluindo o curso vago, em 1907, sem obrigatoriedade de frequência. Seus poemas usualmente publicados em jornais e periódicos eram imitados e por isso foi lido e recitado antes mesmo de ter seu único livro editado. Sua participação em jornais não se restringe à publicação de poesias, mas também incluem crônicas, como a que publica em *O Comércio*, de 07 de novembro de 1905, “Crônica paudarquense”. Esse jornal, no qual Augusto dos Anjos colabora desde 1901, publica como era comum à época poesias de outros autores entre os quais Cruz e Souza, Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, Antero de Quental, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, entre outros. Em 1909, passa a colaborar regularmente no *Diário Oficial* do Estado, *A União*. Casa-se com Ester Fialho em 1910, nesse mesmo ano, após romper com o governador, que lhe nega afastamento, parte para o Rio de Janeiro. Leciona Geografia na Escola Normal do Rio de Janeiro, como

professor interino e também no Colégio Pedro II. Sua estadia no Rio foi precária.

Em 1912, publica em uma edição particular o seu único livro de poesias *Eu*, que teve “acolhida desigual, porém marcante”, segundo Andrade Muricy. Ao tentar rastrear os “complexos caminhos da formação de uma mentalidade”, Zenir Campos Reis tem que se voltar para a suas publicações dispersas, sobretudo nos periódicos, a que o historiador chama de “elemento fluido”. No exaustivo levantamento empreendido por ZCR, este enumera apenas oito poemas do livro *Eu*, que não foram publicados em periódicos. Entre os títulos em que publicou estão *Almanaque do Estado da Paraíba*, *O Comércio*, *A União*, *Terra Natal*, *O Norte*, e *Era Nova*, todos paraibanos; *Fon-Fon !* e *A Época*, no Rio de Janeiro e por fim a *Gazeta Leopoldina*. Restaurando aos periódicos o lugar de principal suporte por onde foi difundida, divulgada e promovida a leitura literária no século XIX e início do XX, talvez se possa compreender a repercussão de sua obra, a partir de suas condições de leitura pelos leitores populares e de sua produção, demandando várias edições, muitas das quais, julgam os críticos eivadas de erro devido a sua destinação popular.

Em 1914, é nomeado diretor do grupo escolar Ribeira Junqueira, em Leopoldina,

Minas Gerais, onde também publica no jornal *Gazeta de Leopoldina*. Ali veio a falecer de tuberculose, doença sem cura à época. A notícia de sua morte teve discreta repercussão e os estudos mais significativos sobre sua obra só começaram a surgir a partir da segunda edição de *Eu*, entre os quais os de Gilberto Freyre e o de Tasso da Silveira. Surpreendente, contudo, foi e é a repercussão de sua obra entre os leitores de todo o país, de várias gerações e segmentos sociais. Contudo, é notável a repercussão de seu único livro de poesias, que é sistematicamente editado, com mais de quarenta edições, e estudado, sob vários ângulos e diversas correntes entre as quais a psicanálise. **Redatora: SFPB**

Referências:

CORREIA, Francisco J. G(Chico Viana). *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: EdUFPb, 1994.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2.ed. Brasília: CFC e INL,1973, V.2.

REIS, Zenir Campos. *Augusto dos Anjos: poesia e prosa*. São Paulo: Ática, 1977.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

ANJOS, José dos – (* 1874, Paraíba – + 1901, Belém-PA). Filho de Plácida dos Anjos. Mulato paupérrimo, antes de concluir seu curso primário na escola do Prof. Alves Branco, foi levado às oficinas

do jornal *O Conservador*, dirigido por Caetano Filgueiras, onde aprendeu o ofício de tipógrafo. Colaborou na *União Tipográfica e n' O Artista*, este de propriedade do Centro Artístico. Revelando desde criança vocação para a poesia, chegou a ser um “dos mais populares poetas da sua terra”. Tanto na Paraíba, como em Manaus e Belém, onde também residiu, exerceu o jornalismo. Regressou à Paraíba em 1898. não podendo mais acomodar-se nela, voltou ao Pará onde foi assassinado no dia 02 de junho de 1901. suas poesias estão esparsas em jornais e revistas do extremo norte.

ANJOS, Manuel dos – (* 12.02.1889, João Pessoa-PB – + 24.10.1954, João Pessoa-PB). Poeta e autodidata, Manuel dos Anjos Pereira teve seus primeiros poemas publicados em *A União*.

AQUILES, Arthur – (* 20.06.1864, Pedras de Fogo-PB – + 29.11.1916, Recife-PE). Sua carreira de jornalista tem início após o curso de humanidades no Liceu Paraibano, ao lado do seu pai, Antonio Bernardino dos Santos, como redator do jornal *A Paraíba*. Também dirigiu *O Comércio* e *A Voz do Povo*. Sua participação também é registrada nos jornais *O Paraibano*, onde em 14/09/1892 publica um elogio a Pardal Mallet. Este jornal foi empastelado, como se usava chamar na época, à intervenção do governo

com a depredação das oficinas e a detenção dos diretores e empregados. O jornal, crítico ferrenho do governo de Álvaro Lopes Machado, era impresso na Tipografia de José Rodrigues da Costa. Juntamente com Eugenio Toscano e Antonio Bernardino assina o manifesto de 04 de novembro de 1892, que informa aos assinantes e leitores do jornal *O Paraibano*, a ação arbitrária de Álvaro Machado. A ação comandada por Antonio Baltar repercutiu em todo o Brasil, principalmente na capital, onde o assunto foi discutido pelos jornais *O País* e *Cidade do Rio*. A Arthur Aquiles e Eugenio Toscano foi concedido um hábeas corpus preventivo, para defendê-los das ameaças explícitas a sua pena oposicionista. O governo do estado utilizava o *Correio Oficial*. Ao voltar a publicar ele passa a assinar a coluna “Calúnia Oficial”. Também trabalhou na *Gazeta da Manhã*, no *Liberal Paraibano* e na *Gazeta da Paraíba*, jornal à época de grande circulação, com tiragem de 700 exemplares ao dia. Nele, também trabalharam os jornalistas Eugênio Toscano, Antônio Bernardino, Cordeiro Júnior, Afonso Almeida e Eduardo Marques. Devido ao uso do anonimato e de pseudônimos fica difícil identificar, entre a produção literária que circulou abundantemente naquele jornal, a produção do jornalista. Também foi considerado anti-

clerical, criticando a Igreja e o papel que desempenhava nos assuntos da cidade, no jornal católico *A Imprensa*. Já no século XX, em 28 de julho de 1904, sofre novo empastelamento nos jornais *O Combate*, jornal da mocidade republicana e *O Comércio*. Ao lado de Coriolano de Medeiros, Celso Mariz, Rocha Barreto e José Rodrigues de Carvalho criou o periódico independente *Jornal do Comércio*, que teve vida breve. No Recife, participava das rodas literárias do Café Chic. Sob o pseudônimo de Rostand, manteve uma coluna chamada de “Estrada do carro”, que se dedicava a vários assuntos como, política, arte, literatura e religião. **Redatora: SFPB**

Referências:

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do beco da Misericórdia*. João Pessoa: SEC, 1978.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

O Paraibano.

Gazeta da Paraíba

ARAÚJO, Eduardo Marcos de – Colaborador de *O Sorriso*, que foi substituído em 1887 pelo *Arauto Paraibano*. Participou do Clube Literário Recreativo (1880), fundado com o propósito e promover a educação popular. Em 1883, o clube inaugura a sua biblioteca que é doada, por falta de recursos, à Loja Maçônica Lealdade e Perseverança.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa *A União* – 1994.

ARAÚJO, Fernando Coelho de – Colaborador de *A Gazeta Paraibana*.

ARAÚJO, José Peregrino de – Redator de *O Liberal Paraibano*, que veio substituir *A União Liberal*, em 1879 e circulou até 1879.

ARAÚJO, José Pereira de – Redator de *O Liberal Paraibano*, jornal do Partido Liberal.

ARAÚZ, Ignácio – Colaborador, na crítica política, de *O Sorriso*, que foi substituído em 1887 pelo *Arauto Paraibano*.

AZEVEDO, Francisco João de – (04.03.1814, Paraíba –)

AZEVEDO, J. Soares de – Colaboração assídua em *A Imprensa*, 1987.

BALTAR, Alcides Ferreira – (* 12.10.1877, Espírito Santo - + 1918). Desde a juventude Alcides revela-se poeta, lírico e satírico, publicando seus textos em revistas e jornais, ganhou notoriedade com o poema Tamar.

BAPTISTA, João Antonio – Redator de *Jornal da Parahyba*, que circulou de 1862 a 1890.

BARBOSA, Florentino (Pe.) – Diretor de *A Imprensa*, 1987.

BARONESA DO ABIAHY – Ver CAVALCANTE, Leonarda Merandolina B.

BARRETO, Antônio Gomes de Arruda – (* 1856, Pedra Lavrada-PB, – + 1909, João Pessoa-PB). Era filho de Antônio Gomes Barreto e de Ana de Arruda Câmara. Homem inteligente e de caráter nobre, dedicou-se ao magistério, especialmente, à educação dos jovens sertanejos. Em 1875, seguiu para Catolé do Rocha, fixando-se, aí, onde formou a sua família. Em 1897, fundou o Colégio Sete de Setembro em Brejo do Cruz, primando pela qualidade, o seu Colégio era procurado

tanto por alunos paraibanos quanto por aqueles que residiam no vizinho Estado do Rio Grande do Norte. Em decorrência da seca que assolou o Estado, no ano de 1898, Antônio Gomes viu-se obrigado a fechar o seu educandário e emigrar para o Rio Grande do Norte, instalando-se em Mossoró, em 1900. Antônio Gomes era autodidata e poliglota. Além de professor, era poeta satírico, jornalista polêmico e combativo. Foi advogado e promotor sem ser bacharel. Foi deputado provincial por duas legislaturas (1901/1904 e 1908/1911), faleceu no exercício do mandato. Republicano, ao lado de Epitácio Pessoa, Castro Pinto e Argemiro de Souza, prestou relevantes serviços jornalísticos a sua terra. Foi redator do *Jornal O Estado da Paraíba*; redator-chefe de *O Mossoroense* e colaborador de *O Combate* e *O Eco*. Também dedicava-se à poesia satírica, arma utilizada para atacar os adversários políticos do seu tempo. Entretanto, segundo Oscar de Castro, seus versos eram cheios de um humor sadio, que não chegavam a provocar ódios ou melindres justificados. Publicou também em *O Comércio*. Era tenente-coronel da Guarda Nacional, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Publicou em jornais muitas poesias, usando sempre os pseudônimos Pincelle e F. Santarém. Também escreveu uma gramática latina *Da*

arte latina e Um tratado de Direito, Alegações finais.

Referências:

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

CASTRO, Oscar. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: 1955.

ODILON, Marcus. *Pequeno Dicionário de Fatos e Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra. 1984.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira09.htm>

BARRETO, Ezilda Milanez – (* 29.02.1898, Guarabira-PB – + 19.01.1986, Areia-PB). De família religiosa, com tio padre e pais conservadores, recebe uma educação rigorosa, estudando no Colégio das Neves em João Pessoa, onde conclui o curso normal. Sonha, desde a juventude, escrever um livro, mas a consciência da falta de amadurecimento literário e o receio da crítica atrasam, por vinte anos, este projeto. Transferindo-se para Areia, dedica-se ao magistério, às obras beneficentes da casa de São Francisco e à leitura de clássicos da literatura Universal. Colaboradora do jornal *O Areiense*, escreve artigo como “Nossos irmãos irracionais”, “O caminho da Fraternidade e sua Verdade”, evidenciando uma temática voltada para religioso e os bons costumes, com profunda intenção moralizante. E “A luz brilhava nas trevas” (1940), seu primeiro romance, descreve o

cotidiano de uma família, tratando o sexo como elemento corruptor da moral. A concepção aparentemente naturalista delineada na descrição de ambiente, no relato de cenas eróticas, no questionamento sobre a autopunição e na caracterização de tipos humanos, não é fruto do determinismo biológico dessa corrente literária antes funciona como pretexto para justificar a conservação dos padrões éticos – sociais e a valorização dos dogmas religiosos. Outras obras: *A sombra de gameleira* (1961), *Nos Arcanos do Império* (1981), *O meu mundo é assim* (1983). **Redator: FS**

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. A UNIÃO João Pessoa 1994.

BARRETO, João da Silva Guimarães – (* 01.06.1897, Paraíba – + Teresópolis-RJ). Filho de Eutiquiano Barreto e de Clara Eutiquiano, faz os estudos primários na sua cidade natal. Quando ginásiano edita e dirige os jornais estudantis *A Época* (1912) e *O Chique* (1913 a 1917) e, no período de 1915 a 1929, colabora em diversos órgãos da imprensa nordestina. Advogado de fama, formado pela Faculdade de Direito do Recife, professor, e jornalista, transfere-se, como Fiscal do Consumo para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde vive até a sua morte. Bibliófilo, chegou a

coleccionar uma biblioteca de cerca de 20.000 exemplares, que foram doados à UFPB. Esse acervo primeiramente deu origem à Fundação Paraibana do Livro e funcionava em um prédio da Biblioteca Central daquela universidade.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

BARRETO, Jonathas de Mello – (* 09.03.1857, Paraíba). Alistou-se no exército em 1879; 1º tenente de artilharia em 1889; capitão, em 1890; coronel em 1913. Tem o curso de artilharia e foi professor de inglês da Escola Militar. Publicou vários artigos no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, muito dos quais traduções.

Referência:

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*. vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

BARROS Analice de Caldas – (* 30.11.1891, Alagoa Nova-PB – + 15.02.1945, Lagoa Seca-MG). Filha de Manoel Paulino Correia de Barros e Ana Salvina de Caldas Barros. Inteligente, logo cedo se destacou no aprendizado das primeiras letras. Concluído o curso primário, transferiu-se para João Pessoa em busca de melhores trunfos, onde se matriculou na Escola Normal Oficial do Estado, recebendo o diploma de professora

em 1911, aos 20 anos de idade. Sua primeira função pública foi como professora de primeiras letras na fazenda experimental de Espírito Santo. Contudo, sua maior paixão foi o ensino profissional onde, em 1923, aos 32 anos de idade, é aprovada em concurso de âmbito nacional, a nível federal, para a cadeira de Português, nível médio, no então Liceu Industrial, antiga Escola de Aprendizes Artífices. Analice Caldas também lecionou em outras escolas, deu aulas na Academia de Comercio Epitácio Pessoa entre os anos de 1930 e 1940, ensinando taquigrafia, entre outras disciplinas, por pouco tempo, também exerceu a função de taquigrafa na Assembléia Legislativa. Como professora, fez parte da primeira diretoria da sociedade dos professores primários. Em 1930, participou ativamente das manifestações em prol da Aliança Liberal, idealizando a chamada Campanha dos Mil Reis Liberal, onde todos os paraibanos eram conclamados a ajudar o Governo do Estado para adquirir munição destinada a sustentar a luta de Princesa. Analice Caldas também não se deixou prender-se somente ao magistério, indo buscar na literatura outros pendoros para seu espírito. Cultora das letras colaborou em revista e jornais de nossa cidade, numa linguagem sutil e interessante. No ano de 1921, iniciou a

colaboração nas edições iniciais de *O Educador*, órgão de divulgação dos professores primários; em 1922, em *O Progresso*, de Alagoa Nova, ao lado de Eudes Barros e João Guimarães, editado por comemoração ao centenário da Independência e em *Paraíba Agrícola*, fundado por Diógenes Caldas. No ano de 1923, escrevia para a revista *Era Nova* onde tinha uma coluna chamada “Álbum de Mlle”, continha depoimentos de personalidades dos meios culturais, artísticos, políticos e sociais do Estado. Nessa mesma época, Analice participou da *Folha*, publicada em Alagoa Nova, onde divulgou as idéias feministas ao lado de Marieta Bezerra, Flaviana Costa, Elisa Cunha, e Jane Ribeiro. Ainda como jornalista, colaborou em jornais e revistas da Paraíba e de outros Estados, a exemplo das revistas, *Ilustração*, *Flor de Liz*, com artigos e poesias e nos jornais *A União* e *A Imprensa*, onde a *Associação Paraibana pelo Progresso Feminino* manteve a “Página Feminina” até 1939, uma coluna quinzenal de divulgação das idéias da APPF. Além desses, colaborou nos jornais *O Jornal do Comercio* e no *Aprendiz*, órgão de publicação oficial da Escola Industrial de João Pessoa. Em 1933, juntou-se ao grupo idealista juntamente com Albertina Correia Lima, Lylia Guedes entre outras e fundam a Associação

Paraibana Pelo Progresso Feminino que exerce uma incontestável liderança em prol da emancipação da mulher. Em 1936 foi admitida como sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Proferia freqüentemente palestras em associações culturais e clubes de serviço, como o Rotary Club da Paraíba, o IHGP. Sabemos que ela deixou pelo menos um estudo inédito, impedida de publicar em virtude do trágico acidente que lhe tirou a vida, quando voltava do Rio de Janeiro. Nessa viagem, trazia consigo os originais desse livro que tencionava editar sobre a genealogia de sua família, cujas pesquisas haviam sido realizadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Na verdade, ela buscava novos dados para ultimar uma pesquisa sobre a sua terra natal, intitulado *Apontamentos para a História da antiga vila de Alagoa Nova*. Trabalho esse, apresentado por duas horas em forma de conferência no instituto Histórico e Geográfico, em 9 de julho de 1939, na posse da advogada Lylia Guedes. Ao falecer em 1945, aos 54 anos de idade, ainda fazia parte do quadro de professores dessa Escola Industrial, deixando um legado de mais trinta anos de experiência como educadora. Boa parte desse tempo foi dedicado ao ensino profissional, numa demonstração de que não se cansava em exercer a profissão que

lhe elevou o espírito e a projetou no seio da sociedade letrada de sua época. Sua memória é lembrada, em projeto de lei que de 1948, apresentado pelo vereador Mário Antônio da Gama e Melo, denominado Prof^a Analice Caldas, a uma das ruas da cidade de João Pessoa. Na homenagem de sua cidade natal, seu nome foi dado a Biblioteca Municipal, poucos depois de sua morte. Na capital, é lembrada no frontispício de um grupo escolar, homenagem da Secretaria Educação, na época que seu primo, o Cônego Eurivaldo Tavares Caldas, era secretário de educação de João Pessoa. **Redator: FS**

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

SILVA, Favianni da. *A Eva do século XX: Analice Caldas e outras educadoras - 1891/1945* / Favianni da Silva. – João Pessoa, 2007.

SOUSA, Evandro Mangueira de. Analice Caldas: Educadora e Cidadã (1911-1945). Coluna Brasil 500 Anos, IN: *O Norte*, João Pessoa, 07 de março de 1999.

TAVARES, Eurivaldo Caldas. *Duas Vidas a Serviço da Paraíba. Diógenes e Analice Caldas* - João Pessoa *A União* Cia Editora – 1976.

A União, João Pessoa de 1930/1940.

A Imprensa, João Pessoa 1928/1940.

BARROSO, Francisco Joaquim Pereira

– (* 10.04.1856, Mamanguape-PB – + 10.1929, João Pessoa-PB). Teatrólogo, jornalista e romancista. Indo estudar em

Portugal, na cidade do Porto, colaborou no *Diário Mercantil*, no jornal *Nacional* e redigiu e fundou com Luiz Pereira Ferraz as *Distrações Literárias*. Voltando ao Brasil, deixa os estudos de lado para se dedicar ao jornalismo, desempenhando a função de redator em vários periódicos da Paraíba, onde também foi diretor da *Gazeta do Comércio* e Redator de *A Philipeia*, revista literária, comercial, agrícola, política, religiosa, científica, artística, industrial e humorística. Também redigiu para jornais do Amazonas e de Pernambuco. Após se fixar em João Pessoa torna-se conhecido por sua atuação na imprensa e nas artes cênicas, tendo escrito vários dramas e comédias, entre as quais tiveram grande prestígio *Depois da lua-de-mel* e *O Queimado Sr. Praxedes*, segundo afirma Liberato Bittencourt. No campo das artes cênicas, chegou a ser diretor do Teatro Santa Rosa. Segundo o ilustre biógrafo, em 1914, Francisco Barroso teria pronto e inédito o romance de costumes *A princesinha*. Foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP.

Referência:

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*. vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

BASTO, Job Paciente – Proprietário de *O Mamanguapense*, de 1863.

BELLI, Nicola de – Redator de *O Boêmio*, do Clube Recreativo Plana Boêmia.

BENVINDO, Antônio (* Areia-PB – + 28.09.1951, João Pessoa-PB). Jornalista e professor, publica em 1923 *Sady Castor*, uma novela passionnal.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

BELMONT, Augusto – Colaborador de *O Comércio*. Órgão das classes conservadoras do Estado da Paraíba. Incendiado em 28 de julho de 1904.

BEZERRA, Alcides – (* 24.01.1891, Paraíba – + 29.05.1938, Rio de Janeiro-RJ). Era filho de João Perdigão Bezerra Cavalcanti, nascido em Bananeiras, e Phelonilla Clara Bezerra Cavalcanti, nascida na capital do Estado, pertencente à família Carneiro da Cunha. Fez o Curso de Humanidades no Liceu Paraibano entre 1903 e 1907, matriculando-se em seguida na Faculdade de Direito do Recife, onde se bacharelou em 1911. Quando volta, ingressa na vida jornalística da Paraíba.

Exerceu os seguintes cargos públicos: Procurador da República, Promotor Público adjunto da Capital, Promotor Público de Catolé do Rocha, Inspetor Geral do Ensino, Secretário da Imprensa Oficial, Deputado

Estadual na legislatura 1920-1923, e Diretor do Arquivo Nacional de 1922 até 1938, quando faleceu.

Dedicou-se aos estudos e à pesquisa, intensificando a sua produção científica e literária. Alcides Bezerra foi jornalista, crítico, historiador, folclorista, novelista, e, acima de tudo, filósofo com nítida influência de Bérqson e Spencer.

Presidiu a Academia Carioca de Letras e a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres; era membro dos Institutos Históricos de São Paulo, Pará e Ceará; da Sociedade Brasileira de Geografia, da Sociedade Brasileira de Filosofia e da Sociedade Capistrano de Abreu. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) a 24 de maio de 1914. Foi prefaciador de documentos importantes editados pelo Arquivo Nacional sobre D. Pedro II, Francisco de Lima e Silva e a Imperatriz Leopodina, além de ter publicado por esta repartição várias biografias. Além disso, sua vasta produção inclui crítica, romance e história. *Ensaio de Crítica e Filosofia*. Paraíba: Imprensa Oficial, 1919; *Maria da Glória* (novela). Paraíba: Edição Filipéia, 1922; *A Paraíba na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1925; *Os Historiadores do Brasil do Século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1927; *Conferências*. Rio de Janeiro: Arquivo

Nacional, 1928; *Ensaio Biográfico de Marçílio Dias*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1928; *A Evolução Científica do Direito*. Rio de Janeiro, Ed. Biblos, 1933; *A Filosofia na Fase Colonial*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1935; *Sílvio Romero, o Pensador e o Sociólogo*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1935; *Achegas da História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1936; *Biografia Histórica do I Reinado a Maioridade*. Rio de Janeiro, 1936; *Vicente Licínio Cardoso - sua concepção da vida e da arte*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936; *O Visconde Cairu – vida e obra*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1937 e *O Visconde de Taunay – vida e obra*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1937. **Redatora: SFPB**

Referências:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

Livro do IHGP.
<http://ihgp.net/memorial2.htm>

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

BEZERRA, Ildefonso – Poeta e prosador. É redator do jornal *O Parafuso*, em 1905.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

BEZERRA, José – Redator-secretário de *O Farol*, semanário que circulou em

Bananeiras de 1833 a 1916, substituído por *Era Nova*.

BONAVIDES, Aluísio Fernandes – Nasceu em Patos, 1889, filho de Fenelon Bonavides e Hermínia Fernandes Bonavides. Fez as primeiras letras na cidade natal. Ainda menino, transferiu-se para Fortaleza, onde passaram a residir sua mãe, viúva, e seus irmãos. Concluídos os estudos secundários, matriculou-se no Liceu Cearense. Ingressou no jornalismo, atuando em vários jornais de Fortaleza. Entre suas atividades jornalísticas destaca-se o exercício dos cargos de Redator-Secretário do *Correio do Ceará*; Redator-Secretário do jornal *Unitário*; Redator do jornal *O Povo* e Diretor-Secretário de *O Democrata*, todos da capital cearense. Foi durante vários anos correspondente do jornal *O Globo* e outros jornais naquela capital. Professor universitário, lecionou na Escola de Administração do Ceará. Foi um dos fundadores da Associação Profissional dos Jornalistas do Ceará, criada em 1944, tendo participado de sua primeira diretoria, como membro do Conselho Fiscal. Foi Secretário do Governo, na Administração Faustino de Albuquerque. Durante algum tempo dirigiu a revista *Panorama*, de sua propriedade. Fixando residência em Brasília, assessorou o deputado Paes de Andrade, ao tempo em que este Presidiu a Câmara dos Deputados.

BORBA, José de. Colaborador de *O Comércio*. Órgão das classes conservadoras do Estado da Paraíba, incendiado em 28 de julho de 1904.

BOTELHO, Leônidas de Lima – (* 20.06.1895, João Pessoa-PB). Diplomado em ciências e letras, torna-se poeta e colabora com as revistas *Cidade Mauricéia* e *Jornal Pequeno* (Recife), *Mocidade Acadêmica* (Juiz de Fora) e *Manaíra*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

BRAGA, João Joaquim da Silva – Editor de *O Liberal*, de 1877.

BRITO, Eugênio Toscano de – (* 10.10.1850, João Pessoa-PB – + 31.01.1903, João Pessoa-PB). Filho do Comendador Felizardo Toscano de Brito e D. Eugênia Accioli Toscano de Brito. Ainda acadêmico fez parte de uma revista mensal de ciências, letras e artes, denominada *A Idéia*, cujo primeiro número apareceu no Rio de Janeiro em 1 de julho de 1874. O seu grande campo de ação foi a imprensa, adaptando à Paraíba os primeiros moldes de jornal moderno, criando e dirigindo a *Gazeta da Parahyba*. Casado com D. Josefina Roy Toscano de Brito. Fez o curso primário e os preparatórios na Parahyba, capital do Estado, seguindo, depois, para o Rio de

Janeiro, onde se diplomou em Medicina, no ano de 1879, defendendo tese sobre o beribéri, voltando a residir na Paraíba, dedicou-se à medicina, ao magistério e ao jornalismo. Foi nomeado Inspetor da Saúde Pública e do Porto; exerceu as funções de Vacinador Provincial, Diretor do Serviço Médico da Santa Casa de Misericórdia, Cirurgião-Mor da Província; Médico Legista da Polícia da Estrada de Ferro Conde D’Eu. Era sócio correspondente da Sociedade de Medicina Cirúrgica do Rio de Janeiro; Professor de Trigonometria, Pedagogia, Ciências Físicas e Naturais, Geografia, Álgebra, Biologia e História Natural. Foi, também, Diretor da Instrução Pública, Diretor da Escola Normal e do Lyceu. Era considerado o terror dos estudantes que não gostavam de estudar. A sua participação em bancas de exames era um sucesso pelo número de reprovações. Era o carrasco da mocidade que não gostava de estudar, possuindo sólido conhecimento nas matérias que lecionava no Lyceu, álgebra, latim, inglês e geografia, além de outras em que se considerava preparado. Revelou-se competente em pedagogia. Filho do chefe do partido Liberal foi, entretanto, Eugenio, mau político, não obstante ser excelente cidadão. Segundo Martins, desde que não podia aceitar fatos consumados, não se alinhava em conchavos, não conhecia ardis

para fazer eleitores, ficou reputado pernicioso à política, condenou-se desde logo, por sua sinceridade, a não atingir altos cargos, mau grado sua competência, seu amor à terra natal e a sua honestidade. Teve, portanto, que clinicar, fonte que lhe ofereceu sólidas amizades e simpatias”. Participou de *Idéia*, revista literária e de *O Paraibano*. Fundador de *A Gazeta da Paraíba*, jornal que, sob a sua orientação, passou a ter uma imagem mais moderna, inovando a linha editorial que tornou mais independente, abordando temas polêmicos, revolucionando toda a técnica conservadora da época, o que não agradou aos chefes políticos, que preferiam o regime antigo, a orientação oficial. *A Gazeta* estava no apogeu, quando foi proclamada a República. A partir da dissidência com o governador Venâncio Neiva, em 1891, fundou um outro jornal, *O Paraibano*. Nas Revistas do Instituto Histórico, encontram-se artigos da autoria de Eugênio Toscano. **Redatora:**

SFPB

público o que mais caracterizou o seu admirável espírito empreendedor foi a sua passagem por duas vezes pela presidência da província. Por duas vezes, como vice-presidente, teve a oportunidade de revelar a sua segura e eficiente orientação de bom e esclarecido administrador”. Teve, ainda,

Referências:

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*.

CASTRO, Oscar Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do Beco da Misericórdia*, 1978;

LELIS, João. *Maiores e menores M*, JRC. Dr. Eugenio de Brito. Almanach do Estado da Parahyba, 1914.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca deira15.htm>

BRITO, Felizardo Toscano de – (* 1814, Mamanguape-PB – + 29.11.1876, Paraíba). Desde cedo passou a residir na Capital da província, dando início a uma carreira que o projetaria como vulto de maior expressão na vida pública da Paraíba. Mesmo antes de conquistar o seu título de Bacharel em Direito, na Faculdade de Direito de Olinda, em 1838, já ia adquirindo projeção partidária como membro da Câmara Municipal de João Pessoa. Também nesse ano, foi aprovado em concurso público para professor de retórica e poética do Liceu Paraibano. Segundo Leitão, “de toda a sua atividade como homem destacada atuação na imprensa política da província e dentro dessa orientação fundou o *Argos Paraibano*, periódico que funcionou de 1850 a 1854. Com o desaparecimento desse jornal passou, em 1855, a organizar *O Comércio*. Em 1859, voltava às lides da imprensa paraibana com a fundação d’O

Despertador, foi esse jornal um dos melhores de quantos apareceram na província durante o regime monárquico. **Redator: SFPB**

Referências:

BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil*.

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.



C. O. – Colaborou como órgão republicano e noticioso de Areia *O Libertador*, em 1895, sempre sob essas iniciais.

CABRAL, Nelson Lustosa – (* 1900, Patos-PB – + 19.07.1981, Rio de Janeiro-RJ). Filho de Francisco Lustoza Cabral e D. Maria Dolores Lustoza Cabral (D. Nenê). Deixou viúva a senhora Emerenciana Barbosa Lustoza Cabral, com os filhos: Nelson, Moacir, Nilse, Milva e Lélia. Estudou na Escola Pública, de Patos, com o Pe. José Vieira e os professores José Calazans e Torres: fez os preparatórios no Lyceu e formou-se em Direito pela faculdade do Recife, em 1921. Bacharel, retornou à cidade natal, a fim de rever os pais e amigos, tendo uma recepção carinhosa, ao som da banda de música local, o que muito lhe sensibilizou. Antes da formatura, na capital do estado, escreveu nos jornais *A União* e *O Norte*; trabalhou, também, como datilógrafo na Assembléia Legislativa, com o apoio dos jornalistas Oscar Soares, Celso Mariz e Carlos Dias Fernandes; foi Diretor de *A União* e editor do *Almanaque da Paraíba*. Deixando *A União*, segue para o Rio de Janeiro, passando a

colaborar na imprensa carioca. Assumiu a sua Cadeira na Academia Paraibana de Letras, em 09 de dezembro de 1967, sendo recepcionado pelo acadêmico Luís Pinto. O Conselho Estadual de Cultura da Paraíba prestou-lhe uma homenagem póstuma, cabendo ao escritor Osias Gomes fazer o elogio a sua personalidade. Publicou: *Paisagens do Nordeste*, 1962; *Garganta do esqueleto*, 1965 e *Uma cruz para Kennedy*, 1966; *Peitudo*, In Revista da APL, 08.

Referência:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/nelson.htm>;

CALDAS, Analice – Ver BARROS, Analice Caldas.

CALDAS, Diógenes – (* 06.04.1886, Bananeiras-PB – + 31.12.1972, Rio de Janeiro-RJ). Era filho do Desembargador Trajano Américo de Caldas Brandão e de Aurélia Emília de Vasconcelos Caldas; Iniciou seus estudos em Cabaceiras e concluiu o 1º grau em Areia; fez o curso secundário no Colégio Diocesano Pio X, na capital do Estado; Em 1904, iniciou seu curso preparatório no Liceu Paraibano para o ingresso na Faculdade de Direito do Recife, onde se tornou Bacharel em 1911.

Neste mesmo ano casou-se, no dia 1º de maio, com Maria Beatriz de Andrade Pedrosa, união da qual nasceram seus 11 filhos. Fundou e fez circular o jornal *A Voz da Mocidade*, onde escrevia e fazia versos. Antes de se tornar o Redator de *A União*, foi colaborador em revistas especializadas e autor de monografias sobre as condições econômicas e produtivas de municípios paraibanos. Fez parte do corpo cênico e produziu o drama *Falso Mendigo*, muito elogiado pela crítica. Diógenes faleceu no Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1972. Ao longo de sua vida, Diógenes Caldas exerceu os seguintes cargos: Diretor da Biblioteca Pública do Estado; Inspetor Agrícola do 7º Distrito; Administrador do Campo de Demonstração de Cruz do Espírito Santo; Delegado do Serviço de Combate à Lagarta; Superintendente da Construção do Patronato Agrícola “Vidal de Negreiros”, em Bananeiras; Representante da Paraíba na Exposição do Centenário da Independência Nacional, no Rio de Janeiro; Membro do Conselho Consultivo do Estado da Paraíba; Representante do Ministério da Agricultura junto ao Instituto do Açúcar e do Alcool; Chefe da Seção Técnica do Serviço do Fomento de Produção Vegetal, no Rio de Janeiro; Agrônomo do Fomento Federal, como Economista Rural; Presidente da

Comissão Executiva dos Produtos da Mandioca; Membro da Junta de Controle da Fundação Brasil-Central; Diretor do Serviço Nacional da Economia Rural do Ministério da Agricultura. **Redatora: LO**

Referência:

TAVARES, Eurivaldo. *Diógenes Caldas – um missionário do bem comum*, João Pessoa, 1986.

CÂMARA, Epaminondas – (* 04.06.1900, Esperança-PB – + 28.04.1958). Filho de Horácio de Arruda Câmara e D. Idalgina Sobreira Câmara, casado com a prima Isaura Gameiro, não deixou descendentes. Não teve uma instrução sistemática. Aprendeu as primeiras letras em Esperança com a professora Maria Sobreira, depois, com o deslocamento da família para Taperoá, antiga Batalhão, passou a receber alguns ensinamentos do professor Minervino Lucíolo de Vasconcelos Cavalcanti, indo para Campina Grande, o professor Clementino Procópio ensinou-lhe alguns rudimentos gramaticais e o professor Renato Alencar transmitiu-lhe noções de Contabilidade. A sua força de vontade, aliada à inteligência, fez com que conquistasse o seu espaço na Academia Paraibana de Letras, assumindo a sua Cadeira no dia 21 de julho de 1945, saudado pelo acadêmico Hortênsio Ribeiro. Ele passava o dia todo em um estabelecimento comercial de Campina Grande, sem que

houvesse tempo para dedicar-se à literatura. Porém, enquanto trabalhava, organizava mentalmente os seus trabalhos literários e, à noite, transferia para o papel tudo o que estava esboçado na mente. Daí, o grande mérito da sua produção, dos seus trabalhos. Publicou: *Os alicerces de Campina Grande - esboço histórico do povoado e da vila, 1943; Municípios e freguesias na Paraíba, 1946; Datas campinenses, 1947*. Além destes, deixou publicados folhetins e muitos artigos em jornais, a maioria em *A Imprensa*.

Referência:

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/epaminondasc.htm>.

CAMILLO, Antonio – Colaborador da *Gazeta Paraibana*

CAMPOS, Afonso Rodrigues de Souza – (* 18.12.1881, Campina Grande-PB – 05.04.1916). Era filho do coronel Silvino Rodrigues de Souza Campos e D. Rosalina Agra de Souza Campos. Estudou em Campina Grande, no Colégio do Professor Clementino Procópio, fazendo o curso de Humanidades em João Pessoa. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1902, com apenas 21 anos de idade. Ainda Acadêmico, elaborou os trabalhos *Evolução do Direito das Obrigações e Ação Penal*, que foram publicados na Revista Jurídica, fundada por ele e mais alguns outros

estudantes do Curso de Direito. Em 1907, casou-se com D. Porphiria Montenegro Campos, D. Iaiá, filha do coronel Lindolfo de Albuquerque Montenegro. Exerceu a promotoria de Campina Grande com muita lisura e dedicação, porém, atraído pela política, deixou a carreira jurídica e integrou-se ao grupo dissidente que lutava contra o governador Álvaro Machado. Por essa época, o grupo fundou o jornal *A República*, sob a direção a direção do Senador Gama e Melo e de Afonso Campos que, por algum tempo, redigiu em sigilo os editoriais desse jornal. Eleito Deputado Estadual, Afonso Campos teve uma atuação marcante na Assembléia. Publicou os trabalhos: *Concurso da cátedra de Direito Administrativo e Economia Política; Bancos, suas espécies; Quais os perigos a que se expõem os Bancos que comanditam indústrias; Memorial sobre direitos do Estado e dos Municípios dos terrenos das extintas aldeias de índios; A moeda;*

Referência:

CASTRO, Oscar de *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

ODILON, Marcus. **Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/caadeira08.htm>.

CAMPOS, Gervázio R. Pereira – Editor de *O Comercial Paraibano* de 1855 a 1860.

CARDOSO VIEIRA – Ver VIEIRA, Manoel Pedro Cardoso.

CARLOS JÚNIOR, José – (* 24.07.1860, João Pessoa-PB – + 29.05.1896, Fortaleza-CE). Atua ao longo da vida, como jornalista, sendo redator da *Alva* em 1850, e colaborador nos periódicos *Flores Acadêmicas*, de Recife, 1882 (onde publica tradições de Schiller), *A Quinzena* de Fortaleza, de 1887 a 1888, *O Domingo*, em 1888, *A Avenida*, em 1889, *O Pão*, de 1892 a 1896 e *O Ceará Ilustrado*, em 1894. Consultar: AMORA, Manuel Albano. *A academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Imp. Universitária do Ceará, 1957, p.44-45; BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948-1962. I: 120,185,186;

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

CARLOS, Manoel – Redator de *A Paraíba*, jornal do Partido Liberal.

CARVALHO, Álvaro Pereira de – (* 19.02.1885, Mamanguape-PB – + 05.10.1952, João Pessoa-PB). Era filho de Manuel Pereira de Carvalho e D. Francisca Leopoldina de Carvalho. Casado em primeiras núpcias com D. Luiza Gonzaga dos Santos, nascendo desse casamento sete filhos: Stélio, Glaura, Stela, Nerina, Dalva,

Vilma e Clóvis. Enviuvando, casou-se, novamente, com D. Francisca Marques da Rocha, em 1947. De origem modesta, logo cedo começou a trabalhar como barbeiro, a profissão do pai, a fim de manter os estudos. Aos 18 anos, inicia suas atividades jornalísticas como secretário do *Jornal do Comércio*, dirigido por Arthur Aquiles*. Conseguiu bacharelar-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1916. Era um homem culto, versado nos clássicos da literatura universal. Na Paraíba, foi deputado Federal, Secretário de Estado, professor de Literatura e de Italiano do Lyceu Paraibano. Era jornalista, ensaísta, crítico e escritor. Redator de *O Combate*, que foi incendiado em 28 de julho de 1904. Foi diretor de *O Comércio*. Em 22 de outubro de 1928, assumiu a Vice-Presidência do Estado, que tinha como Presidente o Dr. João Pessoa; dois anos mais tarde, em consequência do assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, ocupou a Presidência. Com o fim da Revolução de 30, Álvaro Machado retornou ao magistério, renunciando à política. Foi para o Estado de São Paulo, estabelecendo-se em Santos, onde ficou durante sete anos, lecionando Inglês em colégios particulares e advogando. Álvaro de Machado foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, sendo também, patrono da

Biblioteca da entidade. Trabalhos de sua autoria: *Ensaio da crítica estética*, 1920; *A revolução do eu*, 1920; *Ensaio da crítica*, 1924; *Educação profissional*, 1946; *Augusto dos Anjos e outros ensaios*, 1946; *Nas vésperas da revolução*, 1932; além de textos publicados nas Revistas da APL. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Professor e Diretor do Liceu Paraibano, foi Secretário de Estado e Deputado Federal. Como Vice-presidente substituiu João Pessoa após o seu assassinato.

Referências:

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

INOJOSA, Joaquim, *Crítica e polêmica*;

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/alvarod.htm>

CARVALHO, José Rodrigues de – (* 18.12.1867, Alagoinha-PB – + 20.12.1935, Recife-PE). Filho do casal Manuel Rodrigues de Carvalho e D. Cândida Maria de Carvalho, agricultores. Casado, primeiras núpcias, com D. Francisca Lisboa de Carvalho e, pela segunda vez, com D. Anita Veloso Rodrigues de Carvalho. Começou a vida como caixeiro, em Mamanguape, trabalhando ao lado do tio, ao mesmo tempo em que freqüentava a escola do latinista Manuel de Almeida Cardoso, onde

trabalhou como guarda-livros, profissão que também exerceu em Natal e Fortaleza. Fez o curso de humanidades no Lyceu Paraibano, mudando-se para o Rio Grande do Norte; não se adaptando, porém, àquele Estado, seguiu para Fortaleza, dando um rumo diferente à sua vida. Matriculou-se na Faculdade de Direito e deu início à publicação dos seus poemas. Muito lírico e sentimental, era também um exímio repentista e a adjetivação presente nas suas poesias eram tão expressivas que o tornaram em um poeta de estilo muito peculiar. Em 1890, juntamente com Castro Pinto*, fundou em Mamanguape o Semanário *A Comarca* e, em 1892, criou na capital do Estado o Grêmio Literário *Cardoso Vieira*, instituição que veio contribuir bastante na formação intelectual da juventude paraibana daquele tempo. Nos princípios de 1894 retirou-se para Fortaleza onde ocupou por 12 anos o lugar de contador do Banco do Ceará. Naquele estado, seu nome de escritor passou a ser divulgado em vários estados do país. Foi professor da geografia no Lyceu Cearense e de Lógica na Escola Normal e mais tarde, catedrático de contabilidade da Escola de Comércio de Fortaleza. Jornalista e beletrista, acima de tudo, poeta, projetando-se nesse gênero a partir da publicação do poema “Seios”. Escreveu nos jornais *A*

União, Gazeta do Comércio, O Comércio, República, Jornal Pequeno (Recife) e em A Província do Pará. No *Estado da Paraíba*, trabalhou ao lado de Argemiro de Sousa, Castro Pinto e Elizeu Cezar. Nesse jornal, publicou sistematicamente sua produção poética, incluindo as poesias e a prosa poética, bastante comum à época.

Elegeram-se Deputado Estadual, pela Paraíba. Exerceu, ainda os cargos de Procurador e Secretário Geral do Estado; era membro do Instituto Histórico do Ceará; do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro; da Academia Cearense de Letras e do Instituto Arqueológico de Pernambuco. Atuou como redator de *Fênix Caixeiral* (1893-1903), *Revista Acadêmica* (1903-1908) e *Revista Ceará* (1905). Publicou em versos: *Coração*, 1894, *Prismas*, 1896 e *Poema de maio*, de 1903. Em 1904 publicou *O cancionário do norte*, contribuição ao estudo do folclore nacional. **Redatora: SFPB**

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

ATAÍDE, Tristão de. *Estudos III*. Rio de Janeiro, 1930, p. 105-107;

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

SANTOS, Idelette Muzart dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa, A União, 1994.

PINTO, Luiz. *Rodrigues de Carvalho, o jornalista*. Rio de Janeiro, 1970.

CARVALHO, Tancredo de – Diretor e Proprietário de *Brasil Novo*, campinense que depois foi transferido para a capital. Fundador e diretor do *Correio de Moreno*, de Solânea.

CASTRO, Oscar de Oliveira – (* 27.04.1899, Bananeiras-PB – + 14.07.1970). Filho de Joaquim Ferreira de Castro e D. Amália de Oliveira Castro, iniciou seus estudos preliminares em 1906, com sete anos de idade e concluiu o curso primário no Instituto Bananeirense. Após concluir o curso primário mudou-se para a capital do estado, onde cursou o secundário no Colégio Diocesano Pio X. Diplomou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco. Casou-se com a senhora Marieta de Miranda Henriques, membro de uma tradicional família Paraibana, filha de Alfredo de Miranda Henriques grande proprietário rural no Brejo paraibano. Era dono de engenho de açúcar entre as cidades de Areia e Serraria, na Paraíba. A moça era sobrinha do 1º Bispo e Arcebispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques e prima do Dr. Walfredo Guedes Pereira, que foi um médico e político paraibano, antigo prefeito de João Pessoa. Dessa união nasceu sua única filha, Maria Lúcia de Castro Menezes. Em 1923,

formou-se em Medicina pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Após concluir o curso recebeu vários convites para clinicar no Rio, porém seu desejo era voltar à sua terra natal. Chegando a Paraíba foi nomeado, pelo então Governador do Estado Dr. Sólton de Lucena, Diretor da Assistência Municipal, cargo que exerceu durante 24 anos, paralelamente a outras funções por ele desempenhadas. como: Secretário de Educação, Diretor e Organizador do Departamento de Serviço Social do Estado. Além de médico, Oscar era professor universitário, jornalista e escritor. Lecionou no Colégio Diocesano Pio X, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Colégio das Neves, no Lyceu Paraibano, na Faculdade de Filosofia, na escola de Serviço Social, Faculdade de Medicina e na Faculdade de Direito da Universidade da Paraíba. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; Membro Academia Carioca de Letras. Foi Presidente da Academia Paraibana de Letras durante 25 anos. Recebeu os títulos e honrarias: Honra ao Mérito, da Standard do Brasil; Cidadão Pessoaense, pela Câmara de Vereadores de João Pessoa; Medalha de Prata, comemorativa do Tricentenário da Restauração Pernambucana; Medalha Guararapes, de bronze, concedida pelo governo do Estado de Pernambuco.

Deixou publicado: *Ensaíos*, 1945; *Medicina na Paraíba*, 1945; *Vultos da Paraíba* (Patronos da Academia), 1955; *José Lins do Rego (Depoimento)*, 1962; *Contribuição à História da Farmácia na Paraíba* (separata de Vida e Cultura, órgão oficial da Sociedade Cultural Luso-paraibana de Estudos e Pesquisas), 1964; *Exaltação aos Moços*, 1965; *Arruda Câmara*, 1967; *Crimes e Personalidades Psicopatas*, 1969. Deixou inédito: *Visões de Artes na Paraíba*, *Gente que agente encontra e Memórias*. Era colaborador dos jornais locais, escrevendo sobre os mais variados assuntos. **Redatora: LO**

Referência:

Curriculum vitae elaborado pelo próprio Oscar de Castro em 1970, e informações de sua filha Maria Lúcia de Castro Menezes.

CASTRO JÚNIOR, Joaquim Garcia – Editor do *The Parahyba Times*.

CASTRO PINTO, João Pereira de – (* 03.12.1863, Mamanguape-PB – + 1944, Rio de Janeiro-RJ). Filho do casal José Pereira de Castro Pinto e D. Maria Ricarda Cavalcanti de Albuquerque de Mamanguape. Cursou as primeiras letras no Colégio Ribeiro Bessa, realizou ali o curso de latim com o professor Isac Ribeiro Franco Fez o curso primário no Colégio Rio Branco, na capital do Estado e Humanidades, no Lyceu Paraibano, bacharelando-se em Direito pela Faculdade

do Recife, em 1886. Foi Promotor Público em Mamanguape e Juiz Federal substituto. Era monarquista, abolicionista e jornalista. Elegeu-se deputado à Assembléia Constituinte pela Paraíba, sendo reeleito em 1896. Renunciou ao mandato e viajou ao Rio de Janeiro, passando a exercer o cargo de Redator Oficial do Senado. Retornou ao Nordeste, assumindo a promotoria de justiça de Vitória de Santo Antão, Pernambuco, e em seguida a de Fortaleza, Ceará. No Estado do Pará, a convite do Presidente Paes de Carvalho, exerceu a Chefia de Gabinete da Presidência da Província, sendo ainda, professor de Lógica do Ginásio Paraense e redator do Jornal *A Província do Pará*. Pelas páginas do jornal *Estado da Paraíba*, fazia duras críticas a Floriano Peixoto. Entre 1891 e 1892 publicou uma série de contos nesse jornal.

Álvaro de Carvalho, quando retornou à Presidência, convidou-o a tornar a sua terra, oferecendo-lhe uma nomeação de professor de Matemática no Lyceu Paraibano que, na época, ser professor do Lyceu era um cargo muito importante. Aceitou o convite e veio instalar-se na capital. No ano seguinte, elegeu-se Deputado Federal; em 1908, já era Senador. Em 1912, passa a governar o Estado, por indicação de Álvaro de Carvalho. **Redatora: SFPB.**

Referência:

Almanach do Estado da Paraíba. 1914.

CAVALCANTI, João Alcides Bezerra – Ver Alcides Bezerra.

CAVALCANTE, Leonarda Merandolina B. Baronesa do Abiahy – (* 30.11.1854, Paraíba; + 07.07.1935, João Pessoa-PB). Filha do brigadeiro Claudino Joaquim Cavalcanti e Maria Etelvina Meira Henriques. Casou-se com Silvino Elvídio, era inteligente, tinha verdadeira veia poética, tendo infelizmente, feito desaparecer toda sua prosa e poesia, antes de seu falecimento, trabalhos literários a que se entregava nas horas vagas, geralmente à noite. Sua predileção literária era para os livros de viagem. Sua faíña doméstica era desempenhada ao som das modinhas que gostava de cantarolar, com seus versos de seus poetas prediletos, como Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Faleceu no dia 07 de julho de 1935, aos 81 anos de idade. **Redator: FS.**

Referências:

CARTAXO, Rosilda. *As Primeiras Damas*. João Pessoa: Ed. Senado Federal, 1989.

A União, João Pessoa de 1930/1945.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940

CAVALCANTI, Manoel Tavares (* 16.08.1881, Alagoa Nova-PB – + 01.04.1950, Rio de Janeiro-RJ). Filho do Dr.

João Tavares de Melo Cavalcanti e D. Maria das Neves Pereira de Araújo Tavares Cavalcanti. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1911, ganhando como prêmio, pela sua brilhante atuação no curso, uma viagem de estudos na Europa. Como jornalista, atuou na capital do Estado nos jornais *A União*, *A Notícia*, *O Combate*, *O Norte*, na Revista *Era Nova* e nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ingressou na política em 1907, elegendo-se Deputado Estadual, em seguida, foi eleito Deputado Federal, exercendo vários mandatos, durante vinte anos. Em 1930, foi eleito Senador da República, não sendo, porém, a sua eleição reconhecida. Lecionou História Universal e História do Brasil no Lyceu Paraibano e na escola Normal; no Rio de Janeiro, exerceu os cargos de escrivão de Juízo de Menores e Primeiro Inventariante Judicial, sendo, também, professor de Direito Romano, na Universidade Católica do Distrito Federal. Publicou: *Epítome de História da Parahyba*, Imprensa Oficial, 1914; *Congresso Nacional - Anais da Câmara dos deputados; Discursos dos anos 1909, 1921, 1923, 1926, 1927 e 1928. Imprensa Nacional; Memórias da fundação da Paraíba, Imprensa Oficial, 1906;*

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira36.htm>.

CELSO, Afonso (Comendador) – Colaborador de *A Opinião*, órgão dirigido pelo Partido Liberal, circulou de 1877 a 1878, como noticioso bi-semanal, que foi substituído pela *A União Liberal*, em 1878.

CÉSAR, Eliseu Elias – (* 20.06.1874, João Pessoa-PB – + 29.01.1923, Rio de Janeiro-RJ). Era filho do casal Dulcídio Augusto César e Maria Joaquina da Freitas. Eliseu iniciou seus estudos com o professor João Licínio Velloso, com quem fez seus preparatórios para o Lyceu Paraibano; Formou-se em direito pela Faculdade do Recife, em 1898. Após a formatura, foi nomeado Promotor Público em Vitória do Espírito Santo, transferindo-se, posteriormente, para a cidade de Belém do Pará. Lá, filiou-se ao partido político do Senador Antônio Lemos, elegendo-se Deputado Provincial, tornando-se líder do Governo na Câmara. Na imprensa paraense, tornou-se redator chefe do jornal *A Província do Pará*. Mas, com a queda política do Senador Antônio Lemos, Eliseu César teve que deixar o Pará e exilou-se no Rio de Janeiro, muito desgostoso porque o jornal *A Província do Pará*, do qual era redator-chefe, foi destruído pelos adversários de Antonio Lemos. Não tendo êxito no seu

período de estada no Rio de Janeiro, Eliseu decide voltar para a sua terra natal.

Na Paraíba, escreveu pela primeira vez no jornal *Sorriso* (1886/1887), colaborou para *A Gazeta da Paraíba*, *A Voz do Povo*, *O Artista*, *O Cisne*, *O Paraibano e Estado da Paraíba*; nos anos de 1891, 1892 e 1893 publicou, quase que diariamente nesse jornal, poemas, poemas em prosa, principalmente na coluna intitulada de “Parnaso”; em Recife, escreveu em *A Província* e, em Belém, destacou-se como já mencionado em *A Província do Pará*, além de *A Gazeta de Belém* e atuando ainda como diretor de *O Jornal*, folha combatente criada para defender os programas do partido republicano do PA. No Rio de Janeiro, foi redator de *O Jornal do Brasil*. Jornalista e advogado, ele era também orador eloquente, poeta romântico; seus poemas demonstram a influência recebida da avó paterna, que era escrava. Nos seus escritos, costumava registrar a ternura e o carinho a ela dedicados. Além dos poemas divulgados nos jornais da época, e nas Revistas da Academia Paraibana de Letras, deixou publicado o livro *Algas*, 1894. Eliseu César, que João Lélis chamou de “o gênio pardo da raça”, era um homem de cor, numa época em que a discriminação ainda era mais odiosa do que hoje. Ele venceu, primeiro no Pará, e depois aqui. Era

também um orador maravilhoso; ainda segundo João Lélis, “ninguém improvisava melhor do que Eliseu César”. **Redatoras:**

LO/ SFPB

Referências:

CAMPOS, Humberto de. *Carvalho e roseiras*. Rio de Janeiro, 1939.

LEITE, Ascendino. O Pardo Eliseu César, *Anuário da Paraíba*.

MARTINS, Eduardo. *Eliseu César, Notícia Bibliográfica*. J. Pessoa, 1975.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

CHATEAUBRIAND, Francisco de Assis – Ver MELO, Francisco de Assis Bandeira de Melo.

CIRNE, Arthur – Diretor do *The Parahyba Times*.

COELHO, Artur (Artur Roberto Coelho de Sousa) – (* 1889, Sapé-PB – + 03.1973, New Jersey-USA). Poeta, contista, memorialista, crítico cinematográfico e jornalista, Artur Coelho foi criado em Itabaiana e João Pessoa. Exemplo consagrado do jornalista/escritor do século XIX, viaja e mora em vários locais do Brasil – São Paulo, Manaus, Belém – até migrar para os EUA, onde morre em Nova Jersey. Logo cedo o escritor se dedica ao estudo de tipografia, com tão alta dedicação, que logo é chamado para ser editor do jornal *O Município*. Exercendo ao mesmo tempo a

função de redator, impressor e tipógrafo, AC influenciou a imprensa daquele município. Mas é nos EUA que consolidará a carreira de jornalista e crítico de cinema. Primeiro mora em Nova York onde exerce toda a série de atividades durante um bom tempo, até que tem acesso ao meio jornalístico onde se revela como crítico cinematográfico. Mais tarde irá integrar os quadros da Paramount Pictures como tradutor de legendas e assessor cultural onde permanece por mais de 30 anos. Sua casa em Nova Jersey se transformou em embaixada cultural do Brasil, ao receber os intelectuais Monteiro Lobato, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e Assis Chateaubriand.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

COELHO LISBOA – Ver LISBÔA, João Coelho Gonçalves.

COELHO, José Gomes – (13.04.1898, Esperança-PB – + 18.12.1954, João Pessoa-PB). Filho de Eusébio Joaquim Coelho e Débora Clotilde Gomes Coelho. José Coelho diplomou-se pela Escola Normal do Estado da Paraíba e tornou-se bacharel em direito pela Faculdade do Recife. Além disso, fez o curso de Agrimensor, compondo a turma pioneira que funcionava

anexo ao Lyceu Paraibano. Iniciou sua vida pública com professor do Liceu Paraibano e da Escola Normal, tendo desempenhado em ambos os educandários o cargo de Diretor foi também professor do Instituto Underwood e da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba; Posteriormente, ocupou outros cargos, como: Inspetor Fiscal do Ensino; Diretor dos Serviços Elétricos; Secretário a Fazenda no governo Argemiro de Figueiredo, em 1937; Juiz do Tribunal Regional Eleitoral; Em 1915, foi designado para participar duma Comissão para tratar da questão dos limites da Paraíba com Pernambuco, constituída pelos consócios Carneiro Monteiro, Irineu Pinto, Irineu Joffily e Francisco Barroso. Essa questão surgiu em face de uma representação feita pelos moradores de Serrinha, do município de Ingá, que reclamavam contra a indébita intervenção de agentes fiscais do Conselho Municipal de Itambé. Carneiro Monteiro, como relator da comissão, em sessão de 20.06.1915, fez uma exposição sobre o caso, solicitando mais tempo para examinar o assunto, tendo por proposta do consócio Castro Pinto sugerido que fosse consultada a documentação do Arquivo Público, sendo designado Carneiro Monteiro para esse fim. Na oportunidade, foi apresentado por José Coelho um esboço topográfico por ele elaborado sobre a

posição daqueles limites. Nesse ano 1915, José Coelho foi eleito Bibliotecário do Instituto, cargo que ocupou até setembro de 1916, quando foi eleito membro da Comissão de Revista, função que exerceu até 1920. Em abril desse ano, José Coelho foi eleito 2º Secretário da Diretoria do VII Congresso Brasileiro de Geografia, a se realizar na capital do Estado. Deixou publicado o livro *Escoço de Corografia da Paraíba*, editado em 1919, que foi adaptado para as escolas públicas do Estado, mediante parecer do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, cujo relator foi o historiador João Alcides Bezerra Cavalcanti. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano no dia 11 de novembro de 1914, juntamente com Miguel Santa Cruz de Oliveira, sendo saudado por Alcides Bezerra. **Redatora: LO**

Referências:

LEAL, José. *Dicionário Bibliográfico Paraibano*, FUNCEP, 1990.

Boletim Informativo do IHGP, nº. 21, 1994; Arquivo de Luiz Hugo Guimarães.

COELHO, Juvenal – Colaboração assídua em *A Imprensa*, 1887.

COELHO, Moisés (Cônego) – Diretor de *A Imprensa*, 1887.

CORDEIRO SÊNIOR, Antônio da Cruz – (* 28.11.1831, Guarabira-PB – + 1880, Recife-PE). Formou-se em Medicina, aos 25 anos de idade, pela Faculdade da Bahia, em 1856. Retornou ao seu Estado e dedicou-se a sua profissão de médico. Àquele tempo, a medicina não dispoñdo dos recursos sofisticados ditados pela tecnologia moderna, todo diagnóstico era feito por hipótese, por dedução. Foi nesse clima de incertezas e precariedade que Cordeiro Sênior iniciou a sua carreira de médico. De início, deparou-se com uma epidemia do Cólera-Morbus que assolou o Estado, de 1856 a 1862, foi, então, designado pelo Presidente da Província para coordenar os trabalhos de combate à doença. Começa a dividir as suas atividades entre clinicar e organizar programas sanitários. Elaborou e divulgou instruções básicas de higiene para conscientizar a população da necessidade de cultivar hábitos higiênicos, como método preventivo do Cólera. Cordeiro Sênior foi médico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Coordenador do tratamento dos pobres do 1º Distrito da Capital; 2º Tenente-Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército; Chefe da Enfermaria Militar da Província; Cirurgião-mor e Inspetor de Saúde. Exerceu um mandato de Deputado Provincial e participou da Guerra do

Paraguai, como voluntário; integrou a Junta Governativa, chamada de Governo Provisório, que foi criada com a Proclamação da República, em 1889 e que governou a Paraíba de 19 de novembro de 1889 a 02 de dezembro do mesmo ano. Além de clínico foi homem de letras, de regular produção científica. Jornalista integrou por longo tempo a redação de *O Publicador*, sucedendo ao Padre Lindolfo Corrêa após a sua morte. Primeiro médico da estrada de ferro Conde d' Eu, prestou relevantes serviços durante as epidemias de cólera *morbus*. Publicou: *Instruções Sanitárias Populares; Impressões da Epidemia; Estudos biográficos; Prólogo da guerra (Ensaio dramático, em verso); Estudos literários; Passagem do Humaitá (poesia épica)*. **Redatora: SFPB**

Referências:

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

CASTRO, Oscar de. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do beco da misericórdia*, 1978;

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira11.htm>

CORDEIRO JÚNIOR, Antonio da Cruz – (* 15.02.1859, João Pessoa-PB – + 1894, Desterro-SC). Médico e jornalista. Trabalhou como redator, tradutor de

folhetins no jornal *Gazeta da Paraíba*, em 1888, junto a Eugênio Toscano, Antônio Bernardino, Artur Aquiles, Afonso Almeida e Eduardo Marques. Foi o primeiro a traduzir no Brasil o folhetim *O colar de aço*, de F de Boisgobery. Para o jornal *O Paraibano*, traduziu *O homem da noite* e *Paulina de Meriane*, de Julio de Gastine, em 1892. Nesse mesmo ano, ao se transferir para o Mato Grosso, o jornalista anuncia no jornal a venda da sua biblioteca, cujo acervo passava de 1000 exemplares, segundo o anúncio que se segue: “Venda de uma esplêndida livraria com mais de 1000 livros sobre ciências, artes, letras, viagens, indústria”. Foi também crítico literário e poeta. Segundo o *Dicionário literário da Paraíba*, ele é autor de *Bosquejos literários*, publicado em 1881. **Redatora: SFPB**

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

O Paraibano, 1892.

CORREIA, Pe. Lindolfo – Ver NEVES, Lindolfo José Correia das.

COSTA, Delfino Ferreira da Costa – (* 1885, Teixeira-PB – + 1970, João Pessoa-PB). Jornalista e político. Deputado estadual classista, em 1934. Por longos anos manteve a coluna diária *De Cabedelo a Cajazeiras* no jornal *O Norte*.

COSTA JÚNIOR, José da – Era filho do político de igual nome que governou a Paraíba, como seu vice-presidente, e foi deputado geral. Fez seus preparatórios em Olinda matriculando-se no curso *jurídico* no ano de 1838. Em 1844 já iniciava suas atividades parlamentares como deputado provincial, juntamente com seu pai que fora eleito para a mesma legislatura. Era cavaleiro da Ordem de Cristo e exerceu o cargo de Juiz municipal suplente da capital paraibana onde militou ativamente na imprensa liberal, colaborando nos jornais *O Reformista*, *O Argos*, *O Despertar* e *A Opinião*.

Referências:

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.

COSTA, José Rodrigues da – (* Portugal – + 08.11.1866, Paraíba). O tipógrafo José Rodrigues da Costa costuma entrar na história da imprensa da Paraíba porque foi da sua tipografia, herdada por seus filhos após a sua morte, que surgiu o jornal oficial da Paraíba, *A União*, Órgão do Partido Republicano do Estado da Paraíba, em 1892. Não fosse pelo livro de Eduardo Martins, *A tipografia do beco da Misericórdia*, que, como se vê, embora ressalte seu trabalho, também omite seu nome, pouco se saberia acerca das atividades deste tipógrafo/editor que iniciou suas atividades na Paraíba na década de 30. Contudo, sua

contribuição para a história da leitura e da imprensa paraibana é inestimável e se deu em várias frentes: na publicação e edição de jornais importantes, na divulgação de livros e jornais da Corte, bem como na publicação de livros de autores paraibanos. Um dos exemplos desse múltiplo papel desempenhado pelo tipógrafo encontra-se no anúncio do *Diário da Paraíba* de 05 de março de 1862, quando anuncia a assinatura de *Compêndio Escolar*, numa época em que a província contava apenas com a Botica Imperial.

Aproveitando-se do vácuo gerado pela falta de grandes tipografias na Paraíba, o tipógrafo migrou do Recife, em 1834, para esta província a fim de instalar o seu negócio, que seria a primeira tipografia de iniciativa privada. No Recife, José Rodrigues da Costa trabalhou nas Oficinas d'O *Cruzeiro*, *Jornal Político, Literário e Mercantil*, cuja redação era de responsabilidade do Padre Francisco Ferreira Barreto. Envolvido em questões políticas e na defesa de uma sociedade secreta, Coluna do Trono e do Altar, o padre indis pôs contra si alguns dos patricios e por isso deixou o Brasil e foi para Lisboa. Em seguida cessa a publicação de *O Cruzeiro* e José Rodrigues da Costa, que fazia parte de seu corpo tipográfico, consegue arrematar a sua tipografia. O fato de esta

tipografia imprimir o jornal paraibano *Correio da Paraíba*, ofereceu ao tipógrafo a oportunidade de saber que eram raros e de pouca qualidade os estabelecimentos tipográficos da província. Por isso, em 1834 ele arremata a tipografia, que havia ido a leilão, e se estabelece na Rua Direita, casa n.º 2.

Também é conhecido o papel desempenhado por suas oficinas na divulgação e publicação das leis e documentos oficiais, entre os quais se destacam os Relatórios de Presidentes de Província, impressos em suas máquinas de 18 a 1866, quando a tipografia deixa de pertencer a seus herdeiros, após a sua morte. Entre os herdeiros, lideravam os trabalhos de administração e organização das empresas, as suas filhas Elysa dos Anjos Rodrigues da Costa e Calecina Rodrigues da Costa, a quem José Rodrigues havia ensinado e transmitido as artes da tipografia. Aliás, foi sua filha Calecina quem enfrentou, junto aos jornalistas Arthur Aquiles e Eugenio Toscano de Brito a fúria do governo Álvaro Machado, quando este invadiu e mandou quebrar a tipografia do jornal *O Paraibano*, que lhe fazia oposição.

Foi das suas oficinas que veio a público a revista *Alva. Jornal literário*, a primeira revista literária paraibana. Pioneira, a *Alva* representou a terceira tentativa, depois de *O*

Tapuia e o Investigador, de se ter uma publicação periódica na província paraibana. No seu programa inicial fica visível o compromisso da revista com a promoção da leitura na Paraíba, principalmente, através da consciência demonstrada acerca do papel da imprensa para a ilustração e civilização dos seus leitores, notadamente do jornalismo literário como se vê no texto abaixo citado:

“oferecer em benefício da instrução e moralidade do povo, pois que é ele o mais fácil de por ao alcance de todos uma variedade de conhecimentos que aliás a poucos chegaria – o jornalismo literário, representante do caráter, das idéias, do estado de um país, e indicador dos passos dados na carreira do Progresso, tem-se tornado elemento indispensável da civilização”.

Esse desejo de divulgar a cultura e o saber literário na província justifica o fato de ter sido a sua tipografia a responsável pela publicação do livro de poesias daquele que foi considerado o primeiro poeta paraibano, ou, para ser mais realista o primeiro a ter um livro de poesias editado, mesmo que postumamente. Trata-se de *Vida e poesia*, de Francisco Xavier Monteiro da Franca, publicado em 1854. Não se restringindo à poesia, de suas máquinas surgiram os livros de Manoel Caetano Vellozo, *Lições de*

Retórica, recopilada dos originais de J. Ferreol Perrard, e Edme Ponelle, preparadores dos aspirantes para a língua vernácula (1849); *Instruções sanitárias populares para o caso de Cólera Morbus*, de Antonio da Cruz Cordeiro (1862); Joaquim Maria Sobrinho Serra, *Mosaico*. Poesias traduzidas (1865). Com a sua morte, cessam as publicações de livros.

Foram os seguintes os jornais publicados na Tipografia de José Rodrigues da Costa e na de seus herdeiros, após a sua morte: *Correio Oficial Paraibano* (1848); *Alva* (1850); *Jornal da Assembléia* (1853); *O Governista Paraibano*. *Folha oficial, política e literária* (1854); *O Paraibano*. *Periódico Literário, Noticiador e per accidens político* (1855); *A Época*. *Jornal Noticioso e Literário* (1857); *O Imparcial*. *Jornal Político, Literário e Noticioso* (1861); *Diário da Paraíba*. (1861); *O Tipógrafo*. *Periódico Crítico e Moderador* (1876); *A Opinião*. *Órgão do Partido Liberal* (1877); *Eco Escolástico*. *Periódico Científico, Literário e Noticioso* (1877); *O Ensaio Literário*. *Periódico Científico, Literário e Crônico* (1880); *O Liberal Paraibano*. *Órgão do Partido Liberal* (1880); *O Norte*. *Periódico Literário, Recreativo, Comercial e Noticioso* (1882); *O Eco Juvenil*. *Órgão Escolástico* (1883); *O Independente* (1887); *Gazeta da Paraíba*. *Folha diária* (1888); *A Idéia*. *Órgão Instrutivo e Noticioso* (1890); *Estado da Paraíba* (1893); *O Paraibano*. *Diário Político, Literário e Noticioso*

(1892) e *O Publicador* (1862). **Redatora: SFPB**

Referências:

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do beco da Misericórdia*. Apontamentos históricos. João Pessoa: SEC, 1978.

COSTA, Silvestre – Diretor do *The Parabyba Times*

COSTA, Silvino Olavo Cândido Martins da – Ver OLAVO, Silvino.

COUTINHO, Odilon (Padre) – (* 1879, Pilões-PB – + 1954, João Pessoa-PB). Sacerdote e jornalista.

CRISTO REI, João de – (* 24.06.1900, Areia-PB). Publica seus versos na gráfica do jornal *O Rebate*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

CUNHA, Ambrosina Magalhães Carneiro – (* 1860). A atuação de Ambrosina M. Carneiro da Cunha na poesia Paraibana do século passado está registrada a partir do poema “Nas Margens do Capibaribe”, publicado no jornal liberal Paraybano em dezembro de 1880. Com apenas vinte anos, Ambrosina já denota uma atitude salutar de feminismo, não só por assumir sua vocação poética, como por de ser uma das poucas mulheres a entrar,

em 1881, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Seus poemas transitam entre “Romantismo e Simbolismo”. Desde último estilo é o soneto “Noetívago”. “Já vai bem alta à noite. E sobre o lago manso / Finíssimo lençol de gaze cor de poeta / Vão dois cisnes boiando um suave remanso / Enquanto vai passando a doce serenata”.: Apesar de uma participação dinâmica na imprensa Ambrosina não publicou livro.

Redator: FS

Referências:

Revista Era Nova, Parahyba do Norte, Imprensa Oficial, 1921/1926.

A União, João Pessoa de 1930/1940.

A Imprensa, João Pessoa 1928/1940.

SANTOS, Idelette Muzart dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

CUNHA, Francisca de Ascensão – Era filha do Sr. Firmino Cardoso da Cunha e da senhora Teonila Camarão da Cunha. Diplomou-se pela Escola Normal Oficial da Paraíba, em 21 de março de 1914. Lecionou com bastante eficiência no Engenho Central, de 1914 a 1918. No Governo de Camilo de Holanda, foi convidada para ensinar no quartel de polícia, posteriormente, foi nomeada por Camilo de Holanda, para lecionar no Grupo Tomaz Mindelo, depois foi nomeada para o Grupo Antônio Pessoa. Também foi nomeada para ensinar na Escola Modelo e depois para a

Direção da Escola de Professores. Foi Fundadora da Cadeira de Metodologia e sua primeira professora. Era bastante considerada e admirada pela qualidade de professora, mas entretanto, foi rebaixada do seu nível de ensino (caso inédito no país), de professora secundária passou a ser professora primária. Contribui com artigos na Revista *Era Nova*, com artigos. **Redator: FS**

Referências:

FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. *História da Paraíba para uso Didático*. João Pessoa: A União, Cia Editora, 1987.

Revista Era Nova, Parahyba do Norte
Revista Quinzenal Ilustrada de 1921/1926.

CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da (* 26.05.1892, João Pessoa-PB – + 12.03.1977, João Pessoa-PB). Filha do Sr. Silvino Carneiro da Cunha, Barão do Abihay. No ano de 1904 diplomou-se pela Escola Normal Oficial da Paraíba. Desde cedo mostrou seu interesse pelo magistério dedicando-lhe grande parte de sua vida e mais tarde também as letras. Foi professora de português do Colégio Estadual e do Ginásio N. S. das Graças. A poeta colaborou em vários jornais e revista da Paraíba. Na década de 30, juntamente com outras adeptas a emancipação feminina fundam a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino, onde sua metade era licenciar as mulheres em busca dos seus

direitos como ser pensante e atuante na sociedade. No dia 06 de abril de 1938 entra para o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Das suas colaborações podemos destacar os jornais *A União* e *A Imprensa*, na coluna Página Feminina, além da revista *Era Nova*, *Manáira*, entre outros.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm;

CUNHA, Silvino Elvídio Carneiro da (* 31.08.1853, Alhandra-PB). A história política da Paraíba teve nesse ilustre homem público um dos seus pontos culminantes pela atividade que exerceu como chefe e orientador do Partido Conservador, cuja agremiação fora fundada com apoio no poderio de sua ilustre família. Filho do comendador Manoel Florentino Carneiro da Cunha e de Rita Maria da Mota, nasceu esse paraibano no Engenho Abiaí, município de Alhandra, a 31 de agosto de 1831. Tendo iniciado os seus estudos com professor particular, contratado pelos seus pais, aos 15 anos, seguiu para Pernambuco onde fez o curso preparatório indispensável ao seu ingresso na Academia de Olinda. Dali retornou à Paraíba, após titular-se em Direito, para se dedicar as atividades

profissionais de advogado com larga e fecunda atuação no foro da capital. Por esse tempo já vinha exercendo intensa atividade jornalística como um dos mais dedicados batalhadores de *A Imprensa* que circulou de 1857 a 1862 a serviço do Partido Conservador. Mas além da sua atividade forense, o que mais fascinava o jovem bacharel era a vida atuante do jornalismo a que tanto se apegou no desejo de melhor servir ao seu partido político. Depois de fazer circular *A Imprensa*, organizou com outros correligionários o *Jornal da Paraíba*, órgão partido Conservador, durante todo o período de sua circulação. Principal redator de *Jornal da Paraíba*, que circulou de 1862 a 1890. Esse jornal foi a sua maior preocupação de político e homem de imprensa e, como raríssimo, na Paraíba, pode lembrar a dedicação e o sacrifício do seu dirigente. Viveu os últimos anos do Império entregue às suas atividades de chefe do Partido Conservador, Inspetor da Alfândega e diretor do *Jornal da Paraíba*.

Redatora: SFPB.

Referências:

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do beco da misericórdia*, 1978.



DANTAS, Pedro Anízio Bezerra. (Monsenhor) – (* 27.12.1883, Bananeiras-PB – + 31.12.1979, João Pessoa-PB). Filho de Manuel Bezerra Dantas e D. Emília Alves Bezerra Dantas. Iniciou os estudos na cidade natal, matriculando-se, depois, no Seminário da Paraíba, sendo ordenado padre a 10 de novembro de 1907. No ano seguinte, foi para a Itália e, em Roma, frequentou o Colégio Pio Latino Americano, graduando-se em Filosofia e Teologia Dogmática, pela Universidade Gregoriana, em 1910. Retornando ao Brasil, foi nomeado Capelão da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, e, em seguida, das igrejas Nossa Senhora das Mercês e do Sagrado Coração de Jesus, atual matriz de Cabedelo. Foi Vigário da Catedral, atual Basílica de Nossa Senhora das Neves; Cura da Sé; Diretor Espiritual do Seminário (1916/1917); e do Colégio Pio X, em 1918. Lecionou Latim e Teologia Dogmática, no Seminário da Paraíba, até 1945; lecionou nos Colégios Pio X, Liceu Paraibano e Escola Normal; foi o primeiro diretor do Departamento de Educação do Estado, criado em 1935, pelo Governador Argemiro de Figueiredo. Na imprensa, era

conhecido como jornalista polêmico e combativo, defensor "das causas nobres". Foi redator e diretor de *A Imprensa*, jornal da diocese; fundador e primeiro Assistente Eclesiástico da *União dos moços católicos*; organizador e primeiro assistente do *Círculo Operário da Paraíba*; Assistente Eclesiástico da *Juventude Feminina e da Liga Independente Católica*; Assistente Eclesiástico da *Ação Católica Arquidiocesana*; fundador e diretor da Escola Profissional Padre Anchieta; sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Ingressou na Academia Paraibana de Letras no dia 08 de agosto de 1948.

Referência:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/pe droa.htm>

D'OLIVEIRA, Severino Peryllo – (* 04.12.1898, Araruna-PB – + 26.08.1930, João Pessoa-PB). Filho de Almeno Peryllo de Oliveira e D. Josefa Maria de Oliveira. Era mulato. Morreu solteiro. Nunca frequentou escolas. Aprendeu as primeiras letras, enquanto trabalhava como caixeiro de uma mercearia, sozinho e sem nenhuma orientação, o que não o impediu de transformar-se, mais tarde, no grande jornalista, poeta e literato. Iniciou a vida como ator, carreira que seguiu por mera

casualidade. Encontrava-se em Araruna um pequeno circo administrado pela atriz Irene Concepitini; Peryllo sentindo-se atraído pela atriz, integrou-se ao grupo e seguiu a caravana, Brasil afora. Apresentou-se como ator, nesta companhia, em quase todos os Estados do Brasil, tornando-se famoso e requisitado por outras produtoras. Na capital, em março de 1923, apresentou-se no teatro Santa Rosa, no papel principal da peça *Água mole em pedra dura...*, com muito sucesso. Deixando o palco, voltou ao seu Estado natal, instalando-se na capital, dedicando-se à literatura e ao jornalismo, tornando-se conhecido como um dos maiores incentivadores do movimento de renovação literária do Brasil. Conjugou socialismo com poesia. Em 1952, exercia funções burocráticas na Secretaria Geral do Estado e, a convite do poeta Silvino Olavo, integrou-se à redação de *O Jornal*, órgão recém-criado. Colaborou, também, em *A União* e foi redator da Revista *Era Nova*, quando se tornou conhecido e um dos

expoentes do movimento literário modernista na Paraíba. Publicou nessa revista seus primeiros versos e passou a assinar uma "crônica social" na coluna Noticiário Elegante, depois, uma coluna Notas de Arte. Escreveu uma série de crônicas intituladas "Cidade dos Jardins", sob o pseudônimo de Paulo Danízio, assinando primeiramente uma página de crônica social, seção Noticiário e mais tarde a coluna Notas de Arte. É autor do folhetim *Desonesta*, publicado também na revista *Era Nova*, nos números 70 e 71. Compareceu também às páginas da *Revista Antropofágica* n°5, com um poema e na revista *Festa*.

Referências:

D'Oliveira, Peryllo. *Desonesta*. *Era Nova*, novembro de 1924, n. 70 e 71.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.



FALCÃO, Américo Augusto de Souza

(*11.02.1880, Lucena-PB - + 09.04.1942, J. Pessoa-PB) Poeta e jornalista. Em 1908, após concluir o curso de direito em Recife, Américo Falcão volta a João Pessoa e ocupa o cargo de redator de *A União*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

FERNANDES, Carlos Dias Augusto

Furtado de Mendonça – (* 20.09.1874, Mamanguape-PB - + 09.12.1942, Rio de Janeiro-RJ). Filho do médico Nepomuceno Dias Fernandes e de D. Maria Augusta Saboia Dias Fernandes. O Dr. Dias Fernandes nasceu no Recife, formou-se na Universidade de Coimbra e falava francês. A proximidade com a língua francesa pode ser um dos motivos que tenha conduzido o médico a ser tornar um leitor de Racine e Rousseau. Já D. Maria, nascida no Ceará, foi dona de casa, produziu doces para serem vendidos e conciliou os seus afazeres com a instrução de Carlos Dias Fernandes, sendo a sua primeira mestra. O seu interesse pelas Letras se evidencia pela influência de seu

pai, embora este quisesse ver seu filho formado em medicina.

A sua carreira jornalística iniciou-se no fim do século XIX, no Rio de Janeiro, no jornal *O Debate*. Mas até chegar a ser jornalista, Carlos D. Fernandes percorreu um caminho difícil. Primeiramente, iniciou os estudos de Farmácia no Recife, mas não concluiu por não ter tido mais o auxílio financeiro do seu tio que havia morrido.

Com a interrupção dos estudos no Recife, decidiu ir para o Rio de Janeiro, onde exerceu diversas profissões para sobreviver. Lá trabalhou no jornal carioca, *O Debate*, estando sob a influência do movimento simbolista que circundou o seu discurso poético. Mas, a grande influência que teve, veio do poeta catarinense Cruz e Sousa, com quem manteve laços estreitos de amizade. Nesse período em que viveu no Rio, atuou em diversos periódicos, tais como *Jornal do Comércio*, *Imprensa*, de Rui Barbosa, *A Gazeta da Tarde*, de Gastão Bousquet, *A cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Ao lado de Saturnino Meirelles, Maurício Jubim, Tibúrcio de Freitas e Elysio de Carvalho, Carlos D. Fernandes fundou as revistas *Meridional* (exercendo a função de secretário) e *Rosa Cruz*.

Por volta do ano de 1901, quando residiu no Pará, escreveu diversos artigos na *Gazeta*

de Belém e, entre estes, publicou *Traços a esmo* utilizando o pseudônimo de Jayme Aroldo. Em *A Província do Pará*, ocupou o cargo de redator e diretor. No tempo em que morou no Recife, trabalhou no *Jornal do Recife*, e se formou, em 1912, Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife. Também atuou como secretário na redação do *Pernambuco*, do professor Henrique Milet.

Da época em que viveu em Recife, publicou o romance *A Renegada* (1908), sendo alvo de grande repulsa, em Pernambuco, Paraíba e no resto do Brasil, tendo em vista o caráter obscuro de algumas passagens da obra. Esse romance é de caráter realista, cujo tema é o adultério que leva a morte da heroína por não se adequar na sociedade em que vive. Mas, nas primeiras páginas iniciais da obra, Carlos D. Fernandes transita pela área da educação. A narração da história é feita por uma personagem feminina chamada Helena que, no período de transição da sua infância para a adolescência, foi para um colégio interno junto com a sua irmã (Eulália) após a morte da mãe. Do momento em que viveu nesse colégio, Helena narra a sua relação com a leitura, com a diretora e professora Emília Campos – o que marca o caráter obscuro –, com os demais professores e com as formas de ensino deles.

Embora o romance trate do adultério, ele pode se configurar como a primeira aproximação de Carlos D. Fernandes com a temática da educação que, anos mais tarde, a pedido do governador do estado da Paraíba, produziu um livro didático *Escola Pitoresca*.

Em João Pessoa, no ano de 1913, a convite do seu amigo de infância, o governador Castro Pinto, dirigiu o jornal *A União*, imprensa oficial do estado da Paraíba, fundado em 1891. Manteve-se por lá por sucessivas gestões, sendo demitido no ano de 1926. Nesse interstício, produziu uma obra extensiva e variada, abarcando romances, discursos, poesias, monografia e livro didático. Isso lhe possibilitou estar cercado por grupos de intelectuais, exercendo uma intensa liderança intelectual na Paraíba, tanto como articulista, polemista e crítico literário.

O livro publicado no período em que esteve na direção do periódico, *Escola Pitoresca*, sob encomenda do governador Camillo de Hollanda, em 1918, para ser adotado nas escolas de primeiras letras na Paraíba, aborda o civismo, através de diversos gêneros narrativos, tais como contos, hinos, fábulas, poesias, narrativas históricas e canções, sendo destinado aos meninos brasileiros. A temática do civismo foi preponderante nos livros didáticos

brasileiros a partir da República, por a educação ter tido a função de propagar os ideais desse regime de governo. Valendo-se da sua função no jornal, ele fez circular notas a respeito de *Escola Pitoresca*, antes mesmo de o livro ser aceito pelo Conselho Superior de Instrução da Paraíba e de ser publicado. Essa divulgação configurou-se como uma estratégia de autopromoção, como autor de livro didático, o que lhe conferiria *status*, pois tal produção o colocaria ao lado dos autores consagrados como Olavo Bilac, Coelho Neto, Manoel Bomfim, João Köpke, Fausto Barreto e Carlos Laet, os quais produziram livros didáticos que circularam por todo o país.

No que se refere ao processo de editoração de *Escola Pitoresca*, *A União* testemunhou esse processo, informando passo a passo da ida e da estadia de Carlos D. Fernandes no Rio de Janeiro para a publicação desse livro. Do dia da sua partida, passando pela recepção da sua obra pelos jornais cariocas, das impressões e opiniões dos periódicos nacionais, até o seu regresso, *A União* manteve seus leitores informados, transformando as pequenas notícias em grandes manchetes. Pode-se fazer uma analogia com o folhetim comumente publicado em jornal, que a cada dia é publicado um trecho, deixando o leitor curioso para acompanhar o desenrolar da

história. A estratégia de fazer circular pelas primeiras páginas do jornal as notícias sobre *Escola Pitoresca* possibilitaria colocar Carlos D. Fernandes entre um filão da indústria do livro didático bastante importante à época dos autores de sucesso de livro didático, evidenciando que ele cumpriu o protocolo para essa consagração: era jornalista, homem de letras e se deslocou para o Rio de Janeiro, considerado o local das decisões políticas e o centro cultural do país, para dar visibilidade ao seu livro.

A diversidade nas produções de Carlos D. Fernandes, não se fixando num determinado gênero, evidencia que ele estava interessado na fama que as Letras poderiam lhe trazer, assim como está explícito nas notas e notícias do jornal *A União* a respeito da sua produção didática. Dentre essas produções do autor, destaca-se *Os Cangaceiros*, cujo romance foi escrito em folhetim – forma seriada de prosa de ficção ou romance, publicada em periódicos, jornais e revistas – para *O jornal Pequeno* do Recife, do dia 29 de setembro até o dia 12 de novembro de 1908. No ano de 1913, esse romance tornou a ser publicado em folhetim em *A União* da Paraíba, do dia 26 de fevereiro a 19 de março de 1913. Tal romance foi assinado sob o pseudônimo Jayme Aroldo em ambos os periódicos. Depois de alguns anos foi editada em livro,

em 1914 e 1922, e também como folhetim em *O País* do Rio de Janeiro (s/d), dirigido por Alves de Souza.

Após a sua demissão no periódico paraibano, *A União*, em 1926, sob o governo de João Suassuna, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, com poucos recursos, onde atuou em alguns jornais, a exemplo *O País* e *Gazeta de Notícias*. Em torno de 30 anos se passaram desde a última vez que trabalhou nos periódicos cariocas, os quais não eram mais os mesmos. A tecnologia dos equipamentos jornalísticos e os amigos não permaneceram como antes, de modo que a ausência lhe custou o seu apagamento no circuito literário da época. Exemplo disso foi quando escreveu e publicou *Fretana* e *Vindicta*, cujas obras não provocaram repercussões. Viveu nessa cidade até a sua morte.

No período em que trabalhou nos jornais durante toda a sua vida, Carlos D. Fernandes publicou 459 artigos em jornais e revistas. Ele também escreveu 40 livros de diversos gêneros, entre eles estão *Palma de Acantos* (1901); *Solaus* (1902); *In Memoriam* (s/d); *Políticos do Norte I* (1906); *Políticos do Norte II* (1906); *Vanitas Vanitatum* (1906); *Torre de Babel* (1907); *Canção de Vesta* (1908); *Álbum do Estado do Pará* (1908); *A Renegada* (1908); *Os Cangaceiros* (1908); *A Hevea*

Brasiliensis (1913); *O Rio Grande do Norte* (1914); *Proteção aos Animais* (1914); *Noção de Pátria* (1914); *A Walfredeida* (1915); *A Defesa Nacional* (1916); *Rui Barbosa* (1918); *Escola Pitoresca* (1918); *Discurso* (1918); *Monografia de Epitácio Pessoa* (1919); *Políticos do Norte III* (1919); *De “Rapaizinho” a Imperador* (1920); *Mirian* (1920); *Tobias* (1921); *Livro das Parcas* (1921); *A Cultura Clássica* (1921); *O Algoz de Branca Dias* (1922); *A Cultura Física* (1923); *Terra da Promissão* (1923); *Feminismo* (1923); *Infância Proletária* (1924); *A Fazenda e o Campo* (1925); *A Vindicta* (1931); *Fretana* (1936); *Rezas Cristãs* (1937); *Gesta Brasília* (1938); *Gesta Nostra* (1942). **Redatora: FSe**

Referências:

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS. Carlos D. Fernandes (cadeira 32). Discurso de Posse e Recepção pronunciados pelos drs. Ernani Satyro e Ivan Bichara, em solenidade de 3 de agosto de 1963. Paraíba: A União editora, 1964.

AMADO, Gilberto. *Minha formação no Recife*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1958.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. *Arrecifes e Lajedos*. Breve itinerário da Poesia na Paraíba. João Pessoa. Ed. UFPB, 2001.

CÂNDIDO, Gemy. *História Crítica da Literatura Paraibana*. João Pessoa. SEC, 1983.

MARIZ, Celso. *Cidades e Homens*. Campina Grande: Grafset, 1985.

_____. Figuras e fatos. In: _____. *Carlos D. Fernandes no Recife*. João Pessoa: União Cia Editora, 1976.

MARTINS, Eduardo. Carlos Dias Fernandes – Notícia bibliográfica. João Pessoa: A União, 1976.

ODILON, Marcus. *Pequeno Dicionário de Fatos e Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra. 1984.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa. A União/Conselho Estadual de Cultura, 1994.

SENA, Fabiana. A Paraíba na trilha da tradição: o livro de leitura *Escola Pitoresca*. In: _____. *A tradição da civilidade nos livros de leituras no Império e na Primeira República*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2008.

FIGUEIREDO, Maximiliano de – (* 1867, João Pessoa-PB – + 1918, Rio de Janeiro-RJ). Diretor de *O País*, jornal carioca.

FILGUEIRAS, Caetano Alves de Sousa – (* 12.06.1830, Salvador-BA – + 28.07.1882, Paraíba). Poeta, romancista, teatrólogo, jornalista e advogado. Colaborador dos jornais cariocas *Constitucional* e *Diário do Rio De Janeiro*, tornou-se, de 1848 a 1849, redator de *O Tapúia*, na Paraíba. Uma de suas obras, *Adelaide Sargaus*, foi publicada no *Jornal Da Família*, do Rio de Janeiro de 1869 a 1870.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa A União – 1994.

FONSECA, Antônio Borges da – (* 07.04.1808, João Pessoa-PB – + 09.04.1872, Nazaré da Mata-PE). O mais conhecido

jornalista paraibano do início do século XIX, era descendente de antigos militares portugueses, que governaram as províncias da Paraíba e do Ceará no século XVIII. Sua relação com os revolucionários de 1817, quando ouvia em sua casa as reuniões caracterizadas por segredos e conspirações. Sua condição de filho bastardo o levou a viver com a mãe, uma índia, na Paraíba e com o pai, no Recife. Porém, o período que compreende de 1817 a 1821, morou na Paraíba, já que os Borges da Fonseca estavam sob a mira da polícia lusa. Durante a Confederação do Equador, aos dezoito anos foi para o Recife e se matriculou no Liceu Pernambucano, onde entrou em contato com vários jornalistas e intelectuais da época.

Borges aprendeu a ler e a falar francês e sofreu influência decisiva de *O Contrato Social*, de Rousseau, citado como epígrafe do seu famoso jornal *O Repúblico*, “Povos livres, lembrai-vos dessa máxima. A liberdade pode-se adquirir, mas, depois de perdida não se pode recobrar”. A tal ponto era devotado ao ensaio, que o jornal *O Azorrague*, em 1845, o criticaria sugerindo ser seu ponto de vista equivocado tal qual o do livro de Rousseau: “Não vês nunca estudastes um sistema, e que tua ignorância a respeito da ciência social é tal que teus

ensinamentos a esse respeito se cifram aos erros do *Contrato Social*?”

Sua militância política tem início em 1824, quando observa a repressão imputada por D. Pedro I aos revoltosos da Confederação do Equador. Desde esse tempo passou a associar o governo português e a monarquia como inimigos do povo. Esse espírito o levou a participar de várias sociedades iniciáticas, entre elas a sociedade secreta *Jardineira ou Carpinteiros de S. José*, agremiação maçônica que contrapunha àquela chamada de *Colunas do Trono*, criada pelos partidários de D. Pedro I, cujo objetivo era o restabelecimento do absolutismo no Brasil. Borges da Fonseca foi indicado para criá-la junto com outros companheiros, na Paraíba. Nessa época é convocado pelo grupo para “levantar” a Paraíba, missão que assume sem muita reflexão. Lá, ele passa a ocupar o lugar de professor lente de primeiras letras, na Cidade Alta, bairro da capital.

Aos 20 anos, em 1828, Borges começou sua carreira no mundo jornalístico à frente *Gazeta Paraibana* o segundo periódico paraibano, que saía duas vezes por semana, dedicado aos princípios republicanos. Este era o primeiro periódico dos 25 que ele fundaria até 1869. O teor dos artigos, apontando corrupção, denunciando crimes, revelando negociatas, ao mesmo tempo em

que dão-lhe popularidade, contribuem para sua detenção e processo por “abuso de liberdade de imprensa”. Foi demitido e conduzido à Fortaleza de Cinco Pontas, no Recife.

Em liberdade, fundará, em 24 de abril de 1829, um novo periódico, o *Abelha pernambucana*, ao que se acredita, com o apoio *Jardineira ou Carpinteiros de S. José*. O jornal travou várias contendas, como era típico da época, com outros jornais, principalmente, *O Cruzeiro* e *O Amigo do Povo*, que defendiam idéias absolutistas. O conteúdo alegórico inscrito no nome compara o seu redator às abelhas que extraem todo o conteúdo venenoso, que, quando adoçadas ganham conteúdo justo. Mas, o mesmo jornalista que estabelece essa relação não se isenta de afirmar o caráter de o seu redator apresentar “doutrina de animal ferrão”. Em 31 de agosto de 1830, o periódico é fechado e Borges da Fonseca, a pedido dos companheiros do Partido Liberal, vai para o Rio de Janeiro, onde, através do periódico que o tornará conhecido em todo o país, passa a travar uma batalha ferrenha com D. Pedro I.

Em 22 de outubro de 1830, no Rio de Janeiro, saiu o primeiro número de *O Republico*, epíteto com o qual ficou conhecido o jornalista paraibano. Na apresentação do periódico, Borges da

Fonseca assim justifica o título: “a significação simples e natural da palavra – *Repúblico* – suficientemente mostra que eu só desejo o *bem público*”.

Em *O Repúblico*, ao contrário de outros jornais oposicionistas, como *A Aurora* e a *Astréia* que mantinham uma linha polida e equilibrada em suas críticas, observava-se claramente o caráter sublevador, que não encobria planos de agitação popular. Por isso, D. Pedro reconhecia o periódico como inimigo dele e do regime monárquico. A sua participação nesse jornal granjeou-lhe prestígio dinheiro. Resolve casar-se com Maria da Conceição, com quem teve seis filhos. Nessa época, é acusado de traidor e de vendido a certos comerciantes portugueses, que em troca teriam mobiliado a sua casa com “móvel de conto de réis”. Tomado por inimigo por Evaristo da Veiga, que passa a defender a monarquia constitucional e a combater com o seu *Aurora Fluminense* os órgãos conservadores e monarquistas, bem como os republicanos que, no caso de Borges, transformou-se em aliado do governo da Regência. Conciliado com o governo, que temia pelo seu poder frente à população, é-lhe oferecido o emprego de Secretário do governo da Paraíba, defensor dos princípios monárquicos, representante da Regência na

província paraibana. Deixa a Corte em 1832.

Ao chegar à Paraíba, Borges da Fonseca provará do mesmo veneno que disseminou, ao ser denunciado como funcionário relapso pelo redator do jornal republicano, *O Raio da Verdade*, José Freire, contra o qual o jornalista moveu um processo por calúnia e injúria. O juiz julga improcedente a ação e aceita a acusação de preguiçoso, o que leva o jornalista paraibano a interpor um recurso de agravo junto ao Supremo Tribunal de Relação do Distrito, localizado no Recife.

A sua disposição para criar inimigos parecia ser uma disposição mais de ordem pessoal do que política. Em pouco tempo na província, criou animosidades com a oposição e o governo, que pagava seu salário. Em meio aos ataques, torna-se vereador, com apoio dos artesãos, funcionários e praças. Em seguida é demitido, mas alcança a primeira suplência de deputado à Assembléia Geral do Império. Vale salientar que manteve durante parte do ano de 1832 a circulação de *O Repúblico* na Paraíba, impresso na Tipografia Municipal, e no exemplar do dia 15 de novembro de 1832, prometera dali por diante jamais aceitar qualquer emprego público, uma vez que sua pena era suficiente para sustentá-lo. Esse fato assume repercussão nacional e os jornais da Corte,

reproduzindo, como era próprio à época, as matérias dos periódicos pernambucanos, aproveitam a oportunidade para reiterar as críticas ao jornalista paraibano, acusando-o de traidor e vendido.

Em 1833, é acusado de uma tentativa de assassinato contra seu antigo desafeto, o editor de *O Raio da Verdade*, o jornalista José Freire. Mais uma vez, os jornais cariocas irão aproveitar a oportunidade para agora acusá-lo de assassino. Depois de incompatibilizar com os governadores de província, Borges da Fonseca volta à Corte fugido da acusação de assassinato. Lá participa da *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional* e passa fazer parte dos inimigos da Regência.

Em 1834, teve seu assento negado na Câmara dos Deputados como suplente da Paraíba. Até 1841 vive uma vida de nômade dividida entre Pernambuco e a Corte. Nesse ano, fixa-se em Recife, onde em 20 de novembro começa a publicar o jornal *Correio do Norte* (1841 a 1842). Durante a existência do periódico, Borges atacou o governo de Araújo Lima, defendendo idéias republicanas e federalistas. Em alguns números observa-se, em seus artigos, a defesa de idéias nitidamente separatistas, pelas quais é acusado pelos “praieiros” e pregar a desmembração do Império.

Não é conhecida a causa que motivou a mudança de Borges da Fonseca para Nazaré da Mata, onde funda, juntamente com o Padre Luiz Inácio de Andrade Lima, o *Nazareno* (1843 a 1848), localizado junto à Igreja Matriz, onde morava o jornalista junto à tipografia. Além das atividades jornalísticas, ele também prestava serviços como rábula, prática comum à época. No ano de 1843 funda a Sociedade Tipográfica Nazarena, associação pertencente aos *Vigilantes*, sociedade que se opunha aos praieiros. Depois de uma cisão, Borges da Fonseca é obrigado a sair de Nazaré, fugido, com o transporte das máquinas feito à noite, na surdina, sendo levadas em lombo de burro, pois havia várias emboscadas armadas pelos inimigos.

Em 20 de agosto de 1843, publica o *Nazareno* na cidade do Recife. Tão logo assume o governo praieiro, em 1845, representado pelo presidente de província o baiano Antonio Pinto Chichorro da Gama, Borges da Fonseca dá início a uma série de ataques, já que os praieiros eram monarquistas e o jornalista republicano. Em 1844, funda o *Verdadeiro Regenerador*, utilizando uma linguagem virulenta, que lhe custa novo processo por “delito de imprensa”, sendo absolvido pelo júri. Cinco dias após o julgamento, sofre um atentado armado pela polícia. Será o segundo que

sofreu dos praieiros, tendo o primeiro ocorrido na estrada de Nazaré para o Recife. Não é de admirar que sua morte seja desejada por muitos. Em 04 de outubro de 1844 ele escreve um libelo a favor da “abolição completa de todas as servidões”.

Um dos motivos para a interrupção de *O Nazareno* foi a prisão de Borges da Fonseca em agosto de 1847 a março de 1848. Ele foi julgado e condenado a oito anos de prisão pela acusação de usar expressões insultantes contra o Imperador. A cadeia ficava próxima à ponte do Recife, onde estavam os arcos de Santo Antonio e da Conceição. Na prisão, escreve um documento a favor da nacionalização do comércio, que teve ampla repercussão na cidade e logo conseguiu a adesão de milhares de assinaturas. Ao sair da prisão, Borges ataca tanto um partido como o outro e se ocupa em falar da nacionalização do comércio. Depois, volta às origens no partido liberal. Borges fica na Cadeia Pública até abril de 1848, quando é transferido para a Fortaleza do Brum. Enquanto estava preso, ele usava os filhos como mensageiros e publicava artigos em jornais locais, que insuflava o povo e rebelava-se contra a sua prisão. Em 4 de maio volta à Cadeia Pública, que oferecia melhores condições. Da varanda da cadeia, Borges da Fonseca teria se manifestado ao povo, que o ouvia com

atenção. Entre várias versões, a de que teria conclamado o povo a queimar as lojas dos comerciantes portugueses. Em 27 de junho é transferido da Cadeia para a corveta de guerra, *Eutrepé*.

Em novembro de 1848, explode em Pernambuco mais uma luta entre os liberais e os conservadores: a revolução praieira. Com o monopólio exercido pelos Cavalcanti e Rego Barros e a recusa dos comerciantes em empregar brasileiros, em dezembro de 1847 e junho de 1848 a população saiu às ruas do Recife saqueando armazéns e espancando e matando portugueses. Nesta briga estavam envolvidos agricultores, políticos, militares, profissionais liberais, escravos e comerciantes. Borges estava preso no Recife quando houve a investida de junho. Foi assim chamada porque o *Diário Novo*, jornal que apoiava os liberais, situava-se à rua da Praia, em Recife. A base do *Diário* se tornou a sede do partido e nela se destacou o grupo radical "Cinco Mil", liderado por Borges, que consistiu um grupo independente dos praieiros, ora combatendo-os, ora apoiando-os quando haviam objetivos coincidentes.

A revolta tomou forma quando foi nomeado para a presidência da província o conservador Herculano Ferreira Pena, que ocupou o lugar de Antônio Chichorro da

Gama. Chichorro era aliado dos praieiros e com seu apoio, o Partido da Praia chegou ao poder e desalojou os conservadores do clã Rego Barros. A maior contribuição de Borges nesta revolução foi o "Manifesto ao Mundo", onde ele reivindicava dentre outros, uma reforma na Constituição e a nacionalização do comércio, coisas pelas quais ele lutava há muito tempo. Em 2 de fevereiro de 1849, quando os praieiros atacaram o Recife, Borges entrou no bairro Santo Antônio, passando por artilharia pesada de 400 homens em guerra, subiu num chafariz e proclamou a força do Governo. Ele saiu ileso do tiroteio.

Borges foi preso, e em agosto de 1849 foi julgado e condenado. Cumpriu pena em Fernando de Noronha e ilha da Rata. Em Julho de 1852, todos os praieiros recebem indulto do Imperador, com exceção de Borges da Fonseca, que tem que apelar ao Imperador. Em 11 de agosto o Ministro da Justiça, defere o seu pedido. Passara três anos e cinco meses confinado na Ilha.

Ao sair da cadeia publica um artigo no *Revolução de Novembro*, jornal que viria a dirigir no Recife, no período de agosto de 1852 a março de 1853. Nesse ano, Borges da Fonseca deixa a família e vai ao Rio de Janeiro, onde restaura *O Repúblico*, em 01 de julho de 1853, com a epígrafe: “A república é a união, a unidade, a harmonia, a luz, o

trabalho criando o bem estar, a supressão dos conflitos de homem a homem e de nação a nação – o fim da exploração (sic) inumana – a abolição da lei de morte e da lei de vida”. O periódico, contudo, não tem a mesma repercussão e a postura ambígua de Borges da Fonseca, ora criticava, ora referenciava o Imperador, impôs o fim de *O Repúblico* em 15 de dezembro do mesmo ano. No dia 25, ele volta para a Paraíba com toda a família.

Ao voltar para Paraíba, dedicou-se à família e tentou novamente uma vaga no Senado e na Câmara. Sobrevivia com muita dificuldade. Sem sucesso algum, orientou no Rio de Janeiro a publicação do pasquim *A Matraca*, lançou na Paraíba o *Prometeu* e transcreveu do *Correio da Tarde*, do Rio de Janeiro, o manifesto "Ao País", publicado depois no *Diário de Pernambuco*. Em fins de janeiro e início de fevereiro de 1856 contrai cólera-morbus, em Campina Grande, quando visitava a sua filha.

Em novembro de 1857 embarca para a Europa a fim de realizar um sonho antigo: o de se tornar Bacharel em Direito. Passou maior parte do tempo na França, de onde enviou uma série de cartas que foram publicadas no jornal *O Povo*. Na Alemanha, entre junho e julho de 1858 ele consegue adquirir o certificado de Doutor em Direito. O embuste era visível: o jornalista não sabia

alemão e nunca cursara a Universidade de Rostok, que lhe conferira o título. O evento foi um prato cheio para que seus inimigos publicassem várias matérias aludindo à compra do título.

Ao retornar ao Brasil em 1859, abriu um escritório de advocacia com Afonso Albuquerque Melo. No mês de novembro, o Imperador visita Recife, ocasião em que se declara “monarquista pessoal, pois com Pedro II seria possível alcançar as reformas por que se batia”. Em 1860, publicou no *Diário de Pernambuco* mais um manifesto, que além de moderado, era monarquista e defendia a "causa da humanidade, do povo e do rei". Nem assim conseguira disputar uma cadeira a deputado pela Paraíba ou Pernambuco.

Os últimos anos de vida, passou-os entre Campina Grande e Recife. Era já uma figura mitológica, amada e odiada, um personagem de projeção nacional, admirado e temido.

Morre em Nazaré, em 1872. Seu velório é organizado pelos republicanos e “seu cadáver é colocado em pé, na porta da casa, com a mão estendida para receber os cumprimentos da última despedida”.

Redatora: SFPB

Referências:

SANTOS, Mário Marcio de A. Santos. *Um homem contra o Império*. João Pessoa: A União, 1994.

FREIRE, Antônio – Jornalista.

FREIRE, Mathias, Cônego – (* 21.08.1882, Mamanguape-PB – + 30.03.1947). Pseudônimos: Mário Dalva, Dasilva Campos e Gil Mac Dada. Era filho do casal Flávio da Silva Freire e D. Ana Leal Freire e neto do Barão de Mamanguape. Jornalista, poeta, filósofo, político, membro fundador da Academia Paraibana de Imprensa e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Ingressou na Academia Paraibana de Letras, em 14 de setembro de 1941, tendo sido um dos dez fundadores da APL, quando faleceu exercia a Vice-Presidência da Casa. O padre Mathias Freire era alegre. Às vezes, recebia censuras da sociedade conservadora pelo seu comportamento liberal e moderno: fumava em público, em seus poemas exaltava o amor, o belo e a natureza. Todas as manhãs, era visto na Catedral cumprindo o sagrado exercício do sacerdócio. Não deixou livros publicados, a sua produção encontra-se em publicações dos jornais da época e nas Revistas da APL. Ingressou no Seminário Diocesano da Paraíba aos doze anos e foi ordenado padre na Capela do Palácio Arquiepiscopal do Recife, pelo bispo da Paraíba, D. Adauto de Miranda Henriques, em 24 de fevereiro de 1905. Inicia sua vida paroquial em Guarabira,

ampliando a sua ação também para a vida política, ao combater os desmandos dos poderosos. Atuou como professor da cadeira de Geografia do Liceu Paraibano, que também dirigiu por vários anos. Também lecionou no *Pio X* e *Escola Normal*. Além de professor, era poliglota. Foi deputado em duas legislaturas e chegou a presidente da Assembléia. Apoiou João Pessoa na revolução de 30. Foi colaborador assíduo de *A União* e dirigiu os jornais *A Imprensa* e *Correio da Manhã*, publicando, nessa fase, suas famosas *Cartas Aerolíticas* (1931-1933).

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/mathiasf.htm>



GAMA E MELLO, Antônio Alfredo da –
Ver MELLO, Antonio Alfredo da Gama

GAMBARRA, Genésio Gomes –
Fundou o jornal *Imprensa do Sertão*, de Sousa,
em 1911. Em 14 de março de 1914, fundou
em Patos *A Voz do Sertão*.

GALVÃO, Enéas de Arrochelas – (*
24.10.1853, Santa Rita-PB – + 05.09.1926,
Rio de Janeiro-RJ). Filho do Major Cipriano
de Arrochelas Galvão e de Maria da
Conceição da Fonseca Galvão, nasceu no
engenho Munguengue, município de Santa
Rita, na Paraíba. Formou-se em direito pela
faculdade de Recife no ano de 1873. Iniciou
sua vida pública como Promotor de Justiça
na comarca de Bananeiras, nomeado a 9 de
janeiro de 1875, permanecendo no exercício
daquelas funções até 17 de novembro do
mesmo ano, quando foi nomeado lente de
retórica e poética do Liceu Paraibano. Foi
deputado provincial durante a legislatura de
1878-1879. Como jornalista, fez parte do
corpo redacional de *O Publicador*, jornal de
propriedade de J. R. da Costa, publicado na
Tipografia de J.R. da Costa, situada à rua
Direita, nº 20, junto a Lindolfo José Correa
das Neves, redator chefe, Antonio da Cruz

Cordeiro, José Ferreira de Novaes e
Benjamim Franklin d'Oliveira e Mello.

Redatora: SFPB

Referência:

MARTINS, Eduardo. *A tipografia do beco da misericórdia*, 1978.

GUEDES, Lylia – (* 14.11.1900, Nova
Cruz-RN). Desde os três meses, residiu
nesta Capital. Foram seus pais Terencio
Guedes e Maria Amélia Guedes, com os
quais estudou as primeiras letras. Iniciou os
estudos secundários no curso de Francisca
Moura, nesta Capital, tendo prestado os
exames no Liceu Paraibano nos anos de
1916 e 1917. Em março de 1918,
matriculou-se na Faculdade de Direito do
Recife, onde colou grau de bacharel em
Ciências Jurídicas e Sociais, no dia 16 de
dezembro de 1922. Ainda acadêmica, foi
designada para auxiliar na cadeira de
Português da extinta Escola Normal, cargo
que desempenhou nos anos letivos de 1919 e
1920. No mesmo ano estabelecimento,
ensinou também nas cadeiras de Geografia
e História da Civilização. Ocupou, seis
vezes, a tribuna do júri desta Capital,
obtendo quatro absolvições. É inscrita na
Ordem dos Advogados. Foi sócia
fundadora da Associação Paraibana Pelo
Progresso Feminino. Exerceu o cargo de
professora auxiliar da cadeira de Geografia
do Liceu Paraibano. No dia 09 de julho de

1939, entrou para o quadro social do Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP). Tendo feito um discurso sobre Maciel Pinheiro, Democrata e Republicano. No período de 1956/59, assumiu o cargo de Bibliotecária e entre o período de 1959/62 assumiu a Comissão de Admissão de Sócios, bem como o período de 1965/75, participou da Comissão de Conta desta Instituição. Tem livros de versos publicados. Preparou um método de Taquigrafia, inteiramente original, um livro de ficção e outro sobre assunto de atualidades. Além de contribuir com a Coluna intitulada Página Feminina dos jornais *A União* e *A Imprensa*. Os jornais fazem menção constante com Advogada no Fórum da capital, sendo a primeira mulher na Paraíba a fazer parte da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, como secretária. Proferiu palestra sobre o Bicentenário de D. João VI, entre 1965/75. Faleceu entre o período 1965/75. **Redator:**

FS

Referências:

ODILON, Marcus. *Pequeno Dicionário de Fatos e Vultos da Paraíba* Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.

GUIMARÃES, Luis Hugo. *História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa: EDUFPPB, 1998.

A União, João Pessoa de 1930/1945.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940.

GUIMARÃES SOBRINHO, Sinésio Pessoa. (* 1897, Bananeiras-PB, – + 1952, Rio de Janeiro-RJ). Diretor da revista *Era Nova* e dos jornais *A União* e *O Liberal*. Foi também um dos primeiros redatores do jornal *O Norte*, ao lado de Abel da Silva, Inojosa Varejão, Enéias Leite e José Porfírio. Formado em Direito, publica algumas obras forenses.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://jornal.onortelonline.com.br/ domingo/80anos/>

HOLLANDA, Antonio. Camillo – (* 1859, Paraíba - +). Empregado público e jornalista, foi a partir de 1889 nomeado oficial de gabinete do então presidente de Província, Venâncio Neiva. Em 1890 foi escriturário da alfândega da Paraíba, passando a servir em Santos, depois no Ceará e por último no Pará. Segundo Liberato Bittencourt, Camillo de Hollanda era homem com grande amor às belas letras, excelente folhetinista, além de um cronista de talento. Não se tornou mais famoso como jornalista devido à sua timidez e modéstia. Como a maioria dos jornalistas da época, não assinava sua produção o que o levou ao anonimato, a despeito de sua contribuição em *O Comércio*.

Redatora: SFPB

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

HENRIQUES, Adauto Aurélio de Miranda – Ver Dom Adauto.

HENRIQUES, Padre Leonardo Antunes Meira (* 06.11.1820, Paraíba – + 17.07.1914, Paraíba - PB). “Na avançada

idade de noventa e quatro anos, sucumbiu, ontem, nesta cidade, o venerando Padre Leonardo Antunes Meira Henriques, o mais antigo intelectual paraibano e cuja vida representava uma grande parte da nossa vida política, literária e jornalística.” Assim noticiou a edição de sexta-feira, 17 de julho de 1914, do periódico *A União*, o falecimento do Padre Meira. Ele fora figura proeminente em algumas das mais famosas disputas que tiveram lugar no púlpito, no foro, na imprensa, nas salas de aula e na tribuna da Assembléia Provincial, na segunda metade do século XIX. Filho do Cirurgião-mor Feliciano José Henriques e de Ana Joaquina de São José Meira, Leonardo Antunes Meira Henriques, nasceu em 6 de novembro de 1820, na Cidade da Paraíba. Iniciou os estudos de humanidade no Lyceu paraibano, findo o curso ingressou no Seminário de Olinda, onde foi ordenado Padre, em novembro de 1843; e na Faculdade de Direito do Recife, tendo obtido o título de Bacharel em ciências jurídicas em 1845. Circulando entre a Cidade da Paraíba e de Olinda, foi professor examinador de francês do Lyceu paraibano de 1842 a 1845, quando deixou o lugar para reger a cadeira de teologia no Seminário de Olinda, função que ocupou até 1849, quando aceitou a prestigiosa função de Vigário Geral do Bispado de Pernambuco,

onde permaneceu até o ano seguinte, tendo ainda passado a militar na imprensa e na política de Pernambuco, o que no século XIX era dizer o mesmo, ocupando cargos de destaque e chefiando comissões importantes, sempre ao lado dos conservadores, Partido pelo qual foi eleito deputado provincial em Pernambuco de 1853 a 1857. Em 1856 chegou a exercer a função de Procurador Fiscal da Fazenda Geral na mesma Província. Transferindo-se para a Cidade da Paraíba em 1858, foi eleito deputado provincial, e reeleito, com pequenas interrupções, em sucessivas legislaturas, até 1889, quando a República o afastou da política; ocupou ainda o cargo de Provedor fiscal dos feitos da Fazenda Nacional (1861), membro da Comissão Censitária (1872), e da Comissão para a reforma do Tesouro Provincial e Consulado da Paraíba (1872); Diretor da Caixa Econômica provincial (1877); Regente e em seguida Vigário encomendado da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar (1865). Apesar de todas essas atividades continuou a advogar quase até o fim da vida, o que fazia desde 1855, só fechando sua banca em 1909. Foi também redator do *Jornal da Paraíba*, e a um só tempo proprietário e principal redator do periódico *O Conservador*. Escreveu ainda muitos artigos para jornais de Pernambuco e da Corte, ao mesmo

tempo em que exercia o cargo de lente de filosofia do Lyceu paraibano, em que se aposentou depois de várias décadas à frente daquela cátedra. Conservador, monarquista e escravocrata, o Padre Meira defendeu sempre com ardor e ironia estas causas, porém por duas vezes foi atacado de maneira impiedosa pela imprensa liberal. Em um primeiro episódio, foi ridicularizado por aprovar com demasiada facilidade seus alunos de filosofia. Em 1861 foi atacado pelo seu inimigo pessoal, o Padre Lindolfo, que o denunciou como prevaricador, por ter supostamente desviado recursos públicos, fato que foi desmentido pelo Presidente da Província Francisco de Araújo Lima na correspondência reservada que mantinha com o Ministro da Fazenda. Contudo, recebeu a aclamação pública quando conseguiu a absolvição de Josefa da Conceição, ré confessa da morte de um rico proprietário de terras de Campina Grande, que ameaçava continuamente tomar seu parco pedaço de terra, vizinha à propriedade do Coronel. O crime ficou conhecido como o da “Bruxa de Bodocongó”. Apesar da notoriedade do caso, noticiado pela imprensa da Paraíba, o Padre Meira foi ameaçado de morte pela família do morto. Típico representante da elite política provincial em que se achava a base do longo reinado de Dom Pedro II, foi

agraciado com os títulos de Cônego Honorário da Capela Imperial, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficial da Ordem da Rosa. No fim da vida viu boa parte das idéias em que acreditava serem preteridas por outras: “abolição” e, sobretudo, “república”. O que não o impediu de tornar-se um crítico acerbo do novo regime. Coriolano de Medeiros, cronista dos primeiros tempos da República na Paraíba, registrou algumas histórias do vasto anedotário que então circulava pela cidade sobre a verve irreverente do neurastênico sacerdote, famoso também pelos seus ditos espirituosos e razinzice acentuada pela idade, segundo ele: “Já muito alquebrado pelos anos, a sobrecasaca e o chapéu alto severamente surrados pelo uso, a gola amarfanhada e suja, entrou o Cônego na Câmara Municipal, então renovada pelo prefeito Diógenes Pena, que substituiu os móveis, e até os velhos livros e papéis do arquivo removeu para o Zumbi: “Como tudo aqui está bonito, disse o visitante a um funcionário que o levou ao salão de honra, onde se viam móveis moderno estilo. Na parede, emparelhados, e com espaço regular entre ambos, estavam dois retratos, pintados a óleo pelo Dr. Ernesto Freire, indiscutível valor mental, professor, vocação artística completamente esquecida na memória dos seus conterrâneos. “De

quem são aqueles retratos, perguntou o reverendo. “Do Doutor Gama e Melo e do Desembargador José Peregrino; foi uma homenagem digna prestada pelo Conselho Municipal à memória de dois homens que foram Presidentes da Paraíba, respondeu o funcionário, acrescentando: Não é justa?” O Padre, tomando sua caixa de rapé, foi respondendo: “É... mas completem a homenagem colocando entre os retratos a imagem de Cristo...” **Redator: CRNF**

Referências:

A União – Ano XXII – *Parahyba* – Sexta-feira, 17 de julho de 1914 – n.º 155.

FREIRE, Carmen Coelho de Miranda. Padre Meira. João Pessoa: Edição da Autora, 1976.

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.

MEDEIROS, Coriolano. *O Tambiá da minha infância*. João Pessoa: A União, 1994.

_____. Sampaio. João Pessoa: A União, 1994.



JOFFILY, Irineu Ceciliano Pereira – (*15.12.1843, Pocinhos-PB - + 7.02.1902, Campina Grande-PB). Filho de José Luís Pereira da Costa e D. Isabel Americana de Barros. Com o desejo de ver ao menos um dos seus filhos com estudo, o sr. José Luiz enviou Irineu, em torno dos 12 anos de idade, para estudar no famoso colégio do Padre Rolim, em Cajazeiras. De Pocinhos até o colégio, no sertão paraibano, Irineu ia a cavalo, sendo conduzido pelo vaqueiro de confiança de seu pai, o Manoel do Brabo. Essa longa jornada de oito dias influenciou anos mais tarde o seu interesse pelo sertão, sendo reveladas nas suas crônicas publicadas nos jornais.

O pendor para o jornalismo ocorreu quando cursava a Faculdade de Direito do Recife, um dos mais antigos e tradicionais estabelecimentos do ensino superior no Brasil, a qual foi criada em 15 de maio de 1828, em Olinda. O ingresso de Joffily nessa Faculdade se deu em 1862, quando tinha apenas dezoito anos, tendo como companheiro de estudos Maciel Pinheiro, Tobias Barreto, Rui Barbosa, João Barbalho. Durante a época em que estudou

no Recife estava em voga mudar de nome. Assim, com vinte anos de idade, Irineu Ceciliano Pereira da Costa, nome de batismo, passou a ser conhecido por Irineu Ceciliano Pereira Joffily. O jornal *Diário de Pernambuco*, de 7 de março de 1864 divulgou a mudança de nome do paraibano.

No último ano do seu curso, em 1866, Joffily fundou o jornal *Acadêmico Paraibano*, de caráter estudantil, no qual deteve a sua atenção para as questões locais. Três artigos que foram publicados nesse periódico sob a sua rubrica ilustram o seu interesse nativista; tais como “Os limites da Paraíba com Pernambuco”, de agosto de 1866, “Necessidade da criação de um bispado na Paraíba”, entre agosto e setembro, e “Barra de Mamanguape e navegação atual do rio deste nome”, de 11 de setembro de 1866. Esse interesse de Joffily ficou também explícito em dois artigos escritos por ele em épocas distintas. O primeiro está em *Despertador: jornal político, literário e noticiador*, periódico campinense, de 13 de maio de 1870, quando escreveu um artigo que defendia a construção da ferrovia entre o Porto de Cabedelo até Campina Grande; e o segundo em *Mercantil*, periódico paraibano, de 17 de dezembro de 1883, Joffily aponta 18 propriedades de algodão, evidenciando a importância de se construir a ferrovia. O seu interesse pela valorização da Paraíba o

levou a investigar a geografia e história do estado nos arquivos públicos, pois estava convencido de que os paraibanos desconheciam o seu próprio lugar. Durante 1886 e 1887 fez uso do cargo público que exercia como deputado para desenvolver a sua pesquisa, percorrendo terras paraibanas. Dessa forma, tornou-se pioneiro em divulgar os aspectos topográficos do estado.

Em 1888, Joffily instalou a primeira oficina tipográfica de Campina Grande e teve como sócio Francisco Soares da Silva Retumba (filho). Com a instalação da tipografia, eles lançaram o periódico semanal sob o título *Gazeta do Sertão: órgão democrático*, o qual exerceu grande influência no interior da Paraíba. Na função de diretor do periódico, Joffily publicou o material coletado das suas pesquisas. Ele seguiu a moda de muitos jornalistas e adotou também o pseudônimo. Sob o uso do pseudônimo de Índio do Cariry, assinou muitos artigos, a exemplo da seção intitulada “Cá e Lá”, de 18 de julho de 1890 e de 26 de dezembro de 1890. Em seus escritos no jornal eram nítidas as manifestações de oposição aos atos do governador Venâncio Augusto de Magalhães Neiva, bem como das ameaças sofridas por se posicionar contra o governo. O pseudônimo adotado por Joffily, Índio do Cariry, está relacionado aos índios que viviam lutando pelo seu espaço de terra, o

sítio Genipapo, em terras paraibanas, com os proprietários de terras da vizinhança. Nesse sítio eles tinham seus gados e lavouras e possuíam por carta de sesmaria de uma sorte de terras.

No ano de 1891, a tipografia sofreu ataques pela força pública, por ter permanecido a fazer oposição ao governador. Para fugir dos ataques e pressões que se tornaram constantes, Joffily interrompeu a circulação do periódico e refugiou-se no Rio de Janeiro, onde trabalhou como revisor do *Jornal do Comércio*, publicando *Notas Sobre a Paraíba*. Ele reuniu-as em um único volume e as publicou em decorrência do sucesso das suas crônicas no jornal pelo público carioca. A obra é composta por 20 capítulos e versa sobre os principais temas: flora, fauna, seca, agricultura, criação e indústria.

Redatora: FSe

Referências:

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

SILVA, F. FORMIGA, M. G. BARBOSA, S. F. P. *Miscelâneas, Rodapés e Variedades: Antologia de folhetins paraibanos do século XIX*. João Pessoa: Idéia, 2007.

JOFFILY, Ireneu. *Notas sobre a Paraíba*. Brasília: Thesaurus, 1977.

JOFFILY, José. *Entre a monarquia e a república – Idéias e Lutas de Irenêo Joffily*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1982.

TAVARES, João de Lyra. *Apontamentos para a história territorial da Paraíba*. Ed. Fac-similar.

Coleção Mossorense. Volume CCXLV,
1982.



LEAL Ramos, José. (* 16.07.1891, São João do Cariri (Alagoa Nova) – + 1976, João Pessoa-PB). Era filho do casal Antônio Claudino Leal e Inácia Ramos Leal; em 1920 casou-se com Ester Romero Leal, nascendo desse casamento os filhos: Homero, Péricles, Maria das Dores, Maria da Penha, Achiles e Milcíades. Jornalista e historiador. Presidente da Associação Paraibana de Imprensa por vários anos e o construtor do seu edifício sede. Autodidata, José Leal era considerado o decano da imprensa paraibana por sua atuação frente aos órgãos de comunicação mais representativos do Estado. Dedicou toda a sua vida à imprensa; entregava-se à leitura, procurando manter-se sempre atualizado e bem informado sobre a situação do Estado e do País.

Desde cedo, ainda adolescente, já editava jornais manuscritos, na sua cidade natal. Publicou o primeiro trabalho na imprensa da Capital em 1915, uma crítica ao prefeito de Alagoa Grande, obtendo boa recepção entre os prefeitos da região e, a partir daí, não lhe faltou mais convites para escrever em jornais. Em 1927, já era correspondente,

em Alagoa Nova, dos jornais *A União*, de João Pessoa, e *A Noite*, do Rio de Janeiro; em 1930, atuou nos jornais *O Liberal* e o *Jornal do Norte*, sob a direção de Café Filho; ainda em Alagoa Nova, fundou o semanário *O Momento*. Veio para a capital do Estado para integrar a equipe de *A União* como redator, e logo ascendeu ao posto de Secretário, substituindo, mais tarde, Samuel Duarte na direção do órgão, em 1932. Em 1934, passou a dirigir *O Norte*, jornal que não resistiu à chegada do Estado Novo. Em João Pessoa, além de escrever nos jornais *A União* e *O Norte*, ainda fundou o quinzenário *Ilustração e Gazeta do Povo*, este em parceria com o escritor Ascendino Leite, e a Revista *Gong*, todos com duração efêmera; colaborava em todos os jornais do Estado, ora como redator, articulista ou editorialista. Escreveu no *Correio da Manhã*, *A Imprensa* e *Tribuna do Povo*.

Recebeu os títulos honoríficos de Cidadão Benemérito de João Pessoa, concedido pela Câmara Municipal de João Pessoa, e de Cidadão Benemérito da Paraíba, concedido pela Assembléia Legislativa.

É autor da primeira história da imprensa paraibana, *A imprensa na Paraíba*, de 1941. A segunda edição da obra foi publicada em 1962. Como memorialista, publicou *Reencontro da vila*, 1961; *Assim eram as coisas*,

1971 e *Vale da travessia*, 1972. **Redatora:**
SFPB

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa A União – 1994.

ODILON, Marcus. *Pequeno Dicionário de Fatos e Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra. 1984.

[http://ihgp.net/memorial5.htm#CADEIRA A%20Nº.%2019](http://ihgp.net/memorial5.htm#CADEIRA%20Nº.%2019)

LEITÃO JÚNIOR, Cândido Firmino de Melo – (* 17.07.1886, Campina Grande-PB – + 15.12.1948, Rio de Janeiro-RJ). Ascende na vida pública através de intensa colaboração nos jornais do país e do exterior. É patrono da cadeira 40 da Academia Paraibana de Letras. Foi professor de Zoologia e História Natural nos colégios do Rio de Janeiro. Seus pais eram fazendeiros e tiveram um total de dezesseis filhos. Viveu a parte de sua vida em Pernambuco. Seu primeiro trabalho como zoólogo foi em 1913, na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária em Piraí, estado do Rio de Janeiro, em que foi professor de Zoologia Geral e Sistemática. Em 1915, publicou seu primeiro trabalho taxonômico, com a descrição de alguns gêneros e espécies de aranhas brasileiras. Produziu também

muitas informações taxonômicas sobre Opiliones, Solifugae, Amblypygi, Uropygi e pequenas ordens de aracnídeos.

Melo Leitão foi indicado diretor de Zoologia do Museu Nacional em abril de 1931, cargo em que permaneceu até dezembro de 1937.

Recebeu muitas homenagens e prêmios, também foi eleito ou apontado às mais distintas posições durante sua carreira. Ele foi presidente da Academia Brasileira de Ciências de 1943 a 1945.

Em 6 de junho de 1949 seu amigo Augusto Ruschi inaugurou o Museu de Biologia Melo-Leitão em Santa Teresa, Espírito Santo.

Existe o "Prêmio Melo-Leitão", entregue pela Academia Brasileira de Ciências. Ele também se envolveu na educação, escrevendo livros para cursos de faculdade e contribuiu para a biogeografia, com estudos sobre a distribuição da Arachnida no continente Sul Americano.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido Firmino de Melo Leit%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Firmino_de_Melo_Leit%C3%A3o)
Acesso em 21/03/2009.

LEITÃO, Tranquilino Graciano de Melo – (* 27.01.1868, Paraíba – +

17.02.1942). Contista e romancista. Foi funcionário do Tribunal de Contas da União. Paralela a essa carreira, desenvolve a de jornalista, sendo redator do *Jornal do Brasil*. Nos anos de 1904 a 1906 colabora com revista *A cultura acadêmica*, do Recife. O seu primeiro livro é o romance *Corações*, de 1900, editado pela Garnier.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

LIMA, Albertina Correia. (* 1889, Paraíba – +18.03.1975, João Pessoa-PB). Filha de Lindolfo José Correia das Neves. Advogada. Foi professora por muito tempo. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, diplomada em 1931. Iniciou a carreira no jornalismo em 1912, escrevendo em dois jornais de circulação nacional, *O Correio da Manhã* e *O Jornal* e em outros de várias capitais do Nordeste. Contribuiu com vários artigos na Revista *Era Nova*, e nos jornais *A União* e *A Imprensa*, como também, escreveu vários artigos nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, onde ingressou em abril de 1938, além de fazer parte da Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino no ano de 1933, onde possuía o cargo de oradora. Albertina sempre demonstrou seu interesse pela emancipação da mulher. Em João Pessoa, atuou como advogada em defesa do direito

de voto das mulheres e de acesso à Câmara Legislativa da Paraíba. Publicou, entre outros escritos, *Georgina, a estrutura da Terra*, em 1922, e *A Mulher e seus Direitos em Face da nossa Legislação*, em 1933, *João da Mata* (biografia). Faleceu em 18 de março de 1975.

Referência:

http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_ana_coutinho.htm

LISBOA, João Coelho Gonçalves – (* 27.06.1859, Areia-PB – + 11.07.1918). Filho do Coronel Teodoro José Gonçalves de Lisbôa e D. Josefa dos Santos Coelho Lisbôa, ambos descendentes de portugueses. Casado com D. Luiza Pizarro Gabino, nascendo dessa união três filhos: João, Francisco e Rosalina, esta, mais tarde, tornou-se poetisa. Fez o curso primário e os preparatórios em Areia e, influenciado pelo tio, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 1884. Primou pela “elegância impecável dos trajes e atitudes”. Consagrado pela oratória, dedicou-se ao estudo das línguas, dominava vários idiomas, inclusive, latim, grego e alemão. Jornalista, com atuação marcante. Colaborou na *Folha do Norte*, jornal editado em 1883 por Martins Júnior, e em *A Verdade*; escreveu, ainda, em outros jornais do Sul do País. Foi nomeado Promotor Público de Areia, mas só exerceu o cargo

durante quatro meses, pois, o seu temperamento irrequieto não se acomodava à pequenina Areia, embora, considerada a cidade mais adiantada, culturalmente, da Província. Ele aspirava à democracia, à abolição da escravatura, enfim, a melhores dias para o seu povo. Depois de uma viagem a Europa, iniciou a pregação da democracia, da República. Logo após a proclamação da República, foi convidado para governar a Província da Paraíba, porém, não aceitou; foi, então, nomeado Chefe da Polícia e, logo depois, eleito Deputado Federal, em duas legislaturas. Fundou a Liga Nacional Contra a Seca, a Associação de Proteção e Auxílio aos Silvícolas do Brasil e a Liga Anti-Oligárquica. Foi poeta, escritor e professor. Pai da escritora Rosalina Coelho Lisboa, foi o responsável pela sua educação. Lecionou no Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro e publicou: *Sublime Dea; Problemas urgentes-oligarquias, Secas do Norte e Clericalismo*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 1907.

Referência:

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira12.htm>

LOBO, Aristides – (* 12.02.1838, Mamanguape-PB – + 1896, Rio de Janeiro-RJ). Jornalista, historiador, político e patrono da Academia Paraibana de Letras. Filho de Manoel Lobo de Miranda

Henriques, governador de Alagoas, e Ana Noberta da Silveira. Ao formar-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1859, exerce os cargos de promotor público da Corte e de Ministro do Interior, atuando ao lado de Rui Barbosa na política e na imprensa. Sua vida de jornalista tem início com a colaboração em *Iris Acadêmico*, de Pernambuco, na época de estudante de Direito. Tinha aspirações de fazer um bom trabalho na justiça, implementando normas rigorosas e sadias na administração na Ordem e na Justiça. filiando-se ao Partido Liberal e elegendo-se deputado para o Congresso Nacional do Império, por dois mandatos consecutivos, de 1864 a 66 e de 1867 a 70, concorrendo pela província das Alagoas. Foi, segundo Oscar de Castro, um líder, um *condotiére* dos evangelizadores republicanos.

Em 3 de dezembro de 1870 funda, ao lado de Salvador de Mendonça, Lafayette Coutinho, Pedro Soares de Meireles e Flávio Farnense o jornal *A República*, que passa a defender a mudança do regime, com o fim da monarquia. Neste sentido, é publicado o Manifesto de 1870, pelo *Clube Republicano* e tem início a massiça propaganda dessas idéias por todo o país, ocupando Aristides Lobo papel de destaque dentre os que mais arduamente combatiam pela causa. Também foi

signatário do manifesto anti-escravocata. O jornal é empastelado, três anos depois, mas o curso dos fatos veio culminar com a Proclamação, em 1889. Em São Paulo, dirige *A Província e Diário Popular*, jornais republicanos de oposição à monarquia. Como muitos de sua geração, se decepcionou com o novo regime.

Formado o governo provisório, Aristides é nomeado ministro do Interior, ocupando o cargo por apenas dois meses, de 15 de novembro de 1889 a 10 de fevereiro de 1890, renunciando por causa de desentendimentos com o Marechal Deodoro da Fonseca. Elege-se, então, deputado federal, participando da constituinte, no mandato de 1891 a 1893 e, em seguida, para o Senado, de 1892 a 1896.

Parte de sua produção encontra-se dispersa em jornais e revistas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Segundo Oscar de Castro, foi buscar em Paris sua saúde, de onde voltou com transtornos psicológicos, passando a residir de favor, porque muito pobre, na casa de um amigo português, Alberto Ribeiro. Com a saúde mental debilitada, vivia completamente mudo, em visível depressão, que só era quebrado por períodos maníacos, quando envolto em seus delírios psicóticos, andava de bengala na mão, sonhando estar em Paris e em Versalhes. Sobre o fato de ser paraibano e

alagoano, Aristides Lobo assim se pronunciava: se por um lado, tive o meu berço encravado e perdido na campanha paraibana, terra que vive, há muito tempo, das heróicas recordações dos mártires extintos de 1817, por outra parte nasci na Província das Alagoas. **Redatora: SFPB**

Referências:

CASTRO, Oscar Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deia06.htm>

LOPES, Silvino – Jornalista, teatrólogo, cronista e poeta. Publica em 1916 *Poemas de outono*. Publica suas crônicas em vários jornais e depois as reúne com o título de *Maconha* (1947). As crônicas tratam com humor e ironia fatos ligados ao cotidiano e à realidade social. Considerando que sua obra foi em grande parte editada em Pernambuco, parece ter sido lá que o autor construiu sua carreira literária e jornalística. A sua comédia social *O homem bom* teve duas edições no ano de 1935. O livro de biografias *Memórias de um sargento de malícias* foi editado em 1980 pela Associação de Imprensa de Pernambuco.

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

LUCENA, Severino Albuquerque – (* 1890, Bananeiras-PB – + 1971, João Pessoa-PB). Jornalista, foi um dos editores da Revista *Era Nova*.

LUNA, Mauro (* 27.07.1897, Campina Grande-PB – + 23.11.1943, Campina Grande-PB). Filho do casal Baltazar Gomes Pereira Luna e D. Maria Santana da Cunha; casou-se com D. Augusta de Almeida Luna, tendo nascido dessa união doze filhos. Estudou no Colégio São José, dirigido pelo professor Clementino Procópio, recebendo os primeiros ensinamentos e noções de humanidades. Em 1921, fundou o Colégio Olavo Bilac que funcionou até o ano de 1932. Aos quinze anos, já ingressava no jornalismo como redator de *A Voz da Borborema*. Em 1916, destaca-se como redator do semanário *A Razão*, órgão oposicionista, colaborando, também, nos demais jornais da região; dirigiu a Biblioteca Pública de Campina Grande e, para complementar o orçamento familiar, trabalhava como guarda-livros em firmas comerciais e como professor dos Colégios Pio XI e Imaculada Conceição, porém, foi a poesia que o imortalizou. Eleito para a Academia Paraibana de Letras e não podendo deslocar-se de Campina Grande

até a capital, em virtude do seu estado de saúde, foi empossado por procuração, em 10 de março de 1943, tendo escolhido o Pe. Mathias Freire para representá-lo. Em 1924, reuniu os seus poemas no livro intitulado *Horas de enlevo*, tendo sido, esta, a sua única publicação em livro, mas que recebeu referências elogiosas dos mais expressivos nomes de nossa literatura, a exemplo de José Américo de Almeida, João Ribeiro, Afonso Celso e Raul Machado.

Referências:

ALMEIDA, Elpídio. *História de Campina Grande*. J. Pessoa, 1979;

CÂMARA, E. Do cientista Irineu Joffily ao poeta Mauro Luna *Revista da Academia Paraibana de Letras*, I:2, 1947;

LEAL, César. “Horas de Enlevo”, prefácio à edição da Comissão Cultural do Centenário de C. Grande, 1964.

LÉLIS, João. *Maiores e menores*, J.Pessoa, 1953;

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/mauro.htm>

LUSTOSA, Nelson – Ver CABRAL, Nelson Lustosa.



MACHADO, Maximiano Lopes – (* 07.08.1821, João Pessoa-PB – + 11.02.1895, Recife-PE). Filho de Manuel Lopes Machado e D. Joaquina de Albuquerque Machado. Iniciou os estudos num convento do Recife, formando-se em Direito pela Faculdade de Olinda, exercendo, a seguir, a Promotoria Pública desta cidade. Em 1847, foi nomeado Juiz Municipal e Delegado da cidade de Areia; no ano seguinte, aderiu à Rebelião Praieira, movimento revolucionário liderado por Nunes Machado, que morreu em combate. Ferido, Maximiano refugiou-se no Engenho Pureza, onde foi preso e transportado para a cidade do Recife. Mais tarde, foi anistiado e mudou-se para Campina Grande, reiniciando as suas atividades. Exerceu a advocacia e ingressou na política, elegendo-se Deputado Provincial. Transferiu-se, depois, para Recife, dedicando-se ao magistério. Maximiano Lopes Machado foi professor, jornalista, político e advogado. Todavia, destacou-se como historiador. Coube a ele o mérito de escrever a primeira *História da Província da Paraíba*, fundamentada em documentos estudados e

pesquisados criteriosamente e, inteligentemente interpretados, dando a sua obra um caráter científico, abrindo, assim, o caminho para novos pesquisadores. Durante o tempo em que esteve foragido, dedicou-se a novas pesquisas sobre a história da Paraíba e escreveu, também: *A história da Revolução Praieira; A Paraíba e o Atlas do Dr. Cândido Mendes e Carta Geográfica da Paraíba*. Maximiano Machado era membro do Instituto Arqueológico Pernambucano.

Referências:

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira21.htm>

MACHADO FILHO, Maximiano Lopes – (* 1854, Campina Grande-PB, – + 1903 Campina Grande-PB). Jornalista republicano colaborou em *A Província*. Atuou com destaque no foro e na imprensa, o que lhe ensejou renome como “tribuno eloqüente e jornalista vigoroso”. Além de orador e jornalista voltou-se também para a ficção escrevendo um “romance”, cujo o enredo retrata fatos ocorridos em Pernambuco, 1828 e 1830.

Referências:

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.

MACHADO, Raul Campelo – (* 07.04.1891, Taperoá-PB – + 19.07.1954, Recife-PE). Na qualidade de jornalista, ocupa o lugar de redator de *A União*. Colaborou em todos os jornais paraibanos da sua época. Filho de João Machado da Silva e de Júlia Campelo Machado. Fez os estudos primários e secundários na capital paraibano. Formou-se em Direito, na Faculdade do Recife. Tido como exemplo da poesia parnasiana da Paraíba.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

MADRUGA, Manoel – (* 02.02.1881, Serra da Raiz-PB). Funda, em Manaus, *Evolução*, jornal e a revista *Palladium*, revista e os jornais *Extremo Norte*, *Boêmio* e *O Soldado*, entre 1904 e 1907. Atuou também como redator de *O Correio do Norte* e de *La Voz de España*. Utiliza os pseudônimos Agurdam, Manoel Moreira, Joffely de Moraes e Eu mesmo. Defendia nos jornais posição marxista. Viveu também no Rio de Janeiro e em Fortaleza, onde se forma em Direito aos 44 anos de idade, em 1916. É autor das obras memorialista *Serra da Raiz* (1955) e *Memórias* (1961). Seu romance

Ángela teve duas edições, uma em 1956 e outra em 1961.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

MAIA, Benedito – Jornalista e escritor. Diretor do Semanário *O Nordeste*.

MARINHO, Hilton Moreno – (?) Ex-diretor de *A União* e *A Crítica*.

MARIZ, Celso Marques – (* 17.12.1885, Sousa-PB – + 03.11.1982, João Pessoa-PB).

MARIZ, Celso Marques – (* 17.12.1885, Sousa-PB – + 03.11.1982, João Pessoa-PB).

Filho do advogado Manuel Marques Mariz e de Adelina de Aragão Mariz. Descendente de abastada família local, cuja atuação política remonta ao vigário Marques, que em 1854 ocupou uma cadeira na Assembléia Provincial. Órfão de pai aos três anos, Celso Mariz foi criado pelo padrinho, Félix Joaquim Daltro Cavalcanti e sua esposa, Domitila. Na época, a família deixava Piancó para residir em Taperoá, onde Félix Daltro exerceu o cargo de juiz de direito e Celso Mariz foi alfabetizado. Em 1904, aos dezenove anos, sob a proteção de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Arcebispo da Paraíba e amigo pessoal de seu padrinho, Mariz matricula-se como ouvinte no Seminário Diocesano da capital. Um ano depois, após ser reprovado nos

exames de admissão do Lyceu Paraibano, inicia carreira jornalística em *O Comércio*, folha dirigida por Artur Achilles. Atraído pelas oportunidades de trabalho da Amazônia da época da borracha e, ao mesmo tempo em busca dos irmãos, ali residentes, Celso Mariz viajou até Manaus e Belém, depois de breve passagem pelo Rio de Janeiro. No Norte, chegou a ser revisor do jornal *A Província do Pará*, durante alguns meses do ano de 1906. Malograda a experiência, Mariz voltou à capital paraibana em 1907, quando passou a integrar os quadros do jornal *A União*, tendo logo em seguida se transferido para o recém fundado jornal *O Norte* (1908). Nomeado professor público, com exercício em Catolé do Rocha, conheceu Santina Henriques de Sá, com quem se casou. Em seguida, foi nomeado inspetor regional do ensino, o que lhe possibilitou viajar pelos municípios sertanejos, onde colheu as informações necessárias para a feitura do seu primeiro livro, *Através do Sertão*, escrito em 1909 em Taperoá, quando Mariz foi eleito Conselheiro municipal, e publicado pela Imprensa Oficial em 1910, no momento em que o agora historiador estava de volta à Cidade da Paraíba. Em seu livro de estréia, Celso Mariz descreve o que chama de sub-civilização sertaneja através de sua gênese (conquista do território), do seu produto (o

sertanejo) e do seu desenvolvimento (os municípios). Com este livro Celso Mariz ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, instituição que dirigiu no biênio 1944/46, e em cuja revista colaborou com nove artigos, o primeiro em 1948 e o último em 1971. Em 1915, Celso Mariz encontra-se estabelecido na capital, tornando-se um dos mais aguerridos seguidores de Epitácio Pessoa, tendo participado ativamente da campanha eleitoral que derrotou definitivamente o alvarismo no Estado e estabeleceu a base de domínio da oligarquia da família Pessoa. Essa opção política o levou a tornar-se um dos fundadores do efêmero jornal *A Notícia*, que pretendia firmar-se como o órgão de expressão da vanguarda epitacista, então denominada de “Jovens Turcos”, que durante o governo Camilo de Holanda manteve acirrada disputa política com a velha guarda do epitacismo, denominados pejorativamente de “Guelas”. Tal disputa, durante alguns meses, tomou o aspecto de uma guerra de artigos de jornal; os Jovens Turcos atacando em *A notícia* e os *Guelas* revidando pela *A União*. Essa contenda política, que tinha como arma os periódicos, só cessou com a intervenção direta de Epitácio Pessoa e o fechamento do jornal *A notícia*. Neste mesmo ano de 1915, Mariz é nomeado pelo governador Castro Pinto

para exercer o cargo de diretor da secretaria da Assembléia Legislativa do Estado, iniciando, assim, uma fase de intensa participação política. Em 1922, ele publica seu segundo livro *Apanhados Históricos da Paraíba*, com o objetivo de fazer uma síntese da história do Estado desde a fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves, ou seja, 1585, até o ano de 1920. Em 1924, Mariz é eleito deputado estadual devido à influência de João Suassuna e a sua condição de ferrenho epítacista. No governo João Pessoa, Mariz é nomeado diretor do jornal oficial do Estado *A União*, cargo que ocupa por alguns meses, quando desentendimentos com o Presidente do Estado ocasionam seu afastamento do jornal e a sua retirada momentânea da arena política. No ano de 1935, a convite de Argemiro de Figueiredo, Mariz volta à cena política para ocupar o cargo de secretário pessoal do então governador, sendo, em seguida, nomeado Secretário da Agricultura, Comércio, Viação e Obras Públicas e Diretor do Departamento de Educação. Em 1939, ele publica *Evolução econômica da Paraíba*, fruto das suas indagações enquanto Secretário de Estado. Neste livro, Celso Mariz procura esclarecer as origens dos problemas que afetaram o progresso da Paraíba por meio da história do desenvolvimento da lavoura dos seus

principais produtos de exportação. No dizer de Celso Mariz, *Evolução econômica da Paraíba* era o capítulo econômico que faltara aos *Apanhados Históricos da Paraíba*, onde é bem mais saliente o viés político. No ano de 1940, com a ascensão de Ruy Carneiro, Celso Mariz encerra um ciclo de intensa participação política, que havia tido início em 1915. Afastado temporariamente do seu cargo burocrático na secretaria da Assembléia Legislativa, dedica-se, sobretudo, à atividade de pesquisar o arquivo da Instituição. Por esse motivo, a década de 40 é o momento de sua maior produção enquanto historiador e intelectual. Em 1941, torna-se um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras; em 42 publica uma vasta biografia do Padre Ibiapina; em 43 escreve e publica uma plaquete sobre a vida de Carlos Dias Fernandes, como também reúne, no livro *Cidades e Homens*, as conferências municipalistas, que, a convite da Associação Paraibana de Imprensa proferiu em algumas das cidades mais importantes do Estado, entre 1939 e 1943; no ano de 46 publica *Memória da Assembléia Legislativa*, desde o ano de sua fundação até 1935, e um pequeno opúsculo, intitulado *Areia e a rebelião de 1848*; dois anos depois, lança um outro opúsculo, intitulado *Pilões antes e depois do termo*. Em 1950, Celso Mariz retorna, por alguns meses

à cena política, quando é nomeado secretário de governo na gestão de José Targino da Costa. Neste mesmo ano, aposenta-se, sem, contudo, deixar de cultivar um permanente vínculo com o poder, o que demonstra o decreto de 1973, nomeando uma rua entre Tambauzinho e Miramar de Geraldo Gonçalves Mariz, único filho do historiador, adotado em 1938 e falecido em 1967. Depois da aposentadoria, Celso Mariz dedica-se, sobretudo ao jornalismo, escrevendo para praticamente todos os jornais da Paraíba e colaborando em jornais de Pernambuco e do Rio de Janeiro; e de maneira menos freqüente a história. Em 1954, publica *Restauração do município e criação da comarca de Pilões*, um estudo mais aprofundado sobre a história do referido município; em 1957 é a vez da publicação de um pequeno opúsculo sobre a história de Catolé do Rocha. No ano de 1976, Mariz publica seu último livro, *Figuras e Fatos*, em que reúne artigos e crônicas publicados em toda a imprensa paraibana em mais de setenta anos de atividade jornalística. No entanto, *Figuras e Fatos* não foi uma despedida do jornalismo e da vida pública; Celso Mariz continuou a escrever e, mesmo em seus últimos anos, não perdeu a lucidez. Certa vez, ao ser questionado sobre quem gostaria de ser, respondeu: “Dentro da graciosa fantasia que

a pergunta levanta, talvez me propusesse a ser, por exemplo, o Dr. Juscelino Kubistschek para construir Brasília em Sousa. Mas, voltando à realidade, gostaria de ser quem sou”. Celso Mariz faleceu em João Pessoa no dia três de novembro de 1982, aos noventa e seis anos de idade.

Redator: CRNF

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

NASCIMENTO FILHO, Carmelo Ribeiro do. O historiador burocrata: uma análise historiográfica da obra de Celso Mariz. In.: SÁ, Ariane Norma de Menezes; MARIANO, Serioja R. C. (Orgs.). *Histórias da Paraíba: autores e análises sobre o século XIX*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

MARIZ, Celso. *Figuras e fatos*. João Pessoa: A União, 1976.

_____. *Memória da Assembléia Legislativa*. Aumentada e atualizada por Deusdedit Leitão. João Pessoa: Assembléia Legislativa, 1987.

PROJETO HISTÓRIA ORAL. FGV-CPDOC-UFPB-NDIHR. Entrevista com Celso Mariz. João Pessoa, 1981.

TERCEIRO NETO, Dorgival. *Celso Mariz - uma legenda entre os melhores escritores paraibanos*. João Pessoa: IHGP, S/D (Coleção historiadores paraibanos. N° 10).

MARIZ, Romeu – (*15.10.1880, Souza-PB – + 22.05.1962, Rio de Janeiro-RJ) Pseudônimo de Chico Peba. Ainda jovem fixa residência no Pará, onde se dedica ao jornalismo, tornando-se redator de *A*

Província do Pará. Inicia em 1902 suas publicações com o livro de poesias *Limbo*, em 1905 publica *Cosmorama*; em 1908, *Crônicas sertanejas*.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de – (* 30.11.1875, Patos – + 25.04.1974).

MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de – (* 30.11.1875, Patos – + 25.04.1974, João Pessoa). João Rodrigues Coriolano de Medeiros era filho de Aquilino Coriolano de Medeiros e D. Joana Maria da Conceição. Quando tinha apenas dois anos de idade, sua família mudou-se para a capital do estado, onde, pouco tempo depois, morreu seu pai. Após a morte do pai de Coriolano, sua mãe casa-se novamente com o Sr. Vitorino da Silva Coelho Maia, por quem Coriolano nutria grande gratidão. Coriolano inicia seus estudos na capital, concluindo os preparatórios no Lyceu Paraibano, em 1891 época em que se matriculou na Faculdade de Direito, em Recife. Porém, a necessidade de ajudar a mãe com o sustento da casa o fez abandonar o curso no terceiro ano, para se tornar inicialmente comerciante e posteriormente, em 1889, ingressar no serviço público, como funcionário dos Correios, onde fica até 1900. A partir de 1901, Coriolano começa a fazer parte da

Banda do Clube Astréa, dando início a sua carreira musical. Como músico, participou da fundação do Clube Sinfônico que realizava serenatas que animavam os veraneios em sua casa, na praia do Poço. Nessa época, Coriolano atuava profissionalmente como professor particular, atividade que exerceu até 1905, quando voltou a ser comerciante. Também neste ano casou-se com a pianista Eulina Medeiros. No ano de 1910, foi nomeado, pelo então Presidente Mons. Walfredo Leal, Escriturário da Escola de Aprendizes Artífices, instituição da qual se tornou diretor em 1922, cargo este em que veio a se aposentar posteriormente. Em 15 de agosto de 1891 fundou um jornalzinho que servia para criticar os colegas que não lhe eram muito simpático. Colaborando na imprensa, podemos encontrá-lo como redator de *O Comércio*, de Arthur Aquiles, e também como colaborador de *A União Tipográfica*, em 1894. Coriolano foi Sócio fundador do Centro Literário Paraibano, no remoto ano de 1893 e do Instituto Histórico Geográfico Paraibano, integrando a sua primeira diretoria; também fez parte da associação dos Homens de Letras, associação de feição acadêmica, com trinta membros efetivos, criada por sugestão de Camilo de Holanda, então Presidente do Estado. Junto com Coriolano, participaram da fundação Pedro

Baptista, Hortêncio de Souza Ribeiro, José Gomes Coelho e Mateus de Oliveira; também participou do Gabinete de estudinhos de geografia e história da Paraíba e, ainda, por sua iniciativa, fundou a Academia Paraibana de Letras, um dos atos mais importantes de suas atividades como intelectual, onde ocupou a cadeira 7, cujo patrono era Arthur Achilles. Sucedeu Carlos Dias Fernandes, como modelo de intelectual paraibano; seu livro de memórias *O Tambiá da minha infância* e também *Sampaio*, histórias de um famoso bêbado da capital, foram um sucesso de público pouca vezes visto na Paraíba. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, como também do de São Paulo. O professor, poeta, jornalista, historiador e romancista Coriolano de Medeiros foi durante os últimos 25 anos de sua vida privado de sua visão, período em que viveu recolhido contando apenas com a companhia de sua governanta e dos filhos desta, quando em 15 de abril de 1974 veio a falecer às 7:30 da manhã, em sua residência na capital paraibana. Em sua carreira literária Coriolano fez uso de inúmeros pseudônimos, sendo os mais famosos: C.M., Heráclito, José Tambiá, Libório de Assumpção, Roco, Zé Foguete, Marimbão & Cia, Estrela Dalva. Sua participação em jornais foi intensa, principalmente em *O*

Comércio, onde publicou seus primeiros escritos literários. Também colaborou em: *Almanaque do Estado da Paraíba*, *Era Nova* e *A Imprensa*. Além de trabalhos publicados em livros, revistas, periódicos e jornais, Coriolano escreveu e publicou os livros: *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*, 1914; *Do litoral ao sertão*, 1917; *O tesouro da cega*, 1922; *O Tambiá da minha infância* 1994, *Mestres que se foram*, 1925; *O Barracão*, 1930; *Manaíra*, 1936; *A evolução social e histórica de Patos*, 1941; *Sampaio*, 1955. **Redatores: LO e CRNF**

Referências:

- ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. Rio de Janeiro, 1994.
- BICHARA, Ivan. Coriolano de Medeiros, In: *Revista do Inst. Hist. Geog. Paraibano*, Vol. 22, 1979.
- BÔTTO, Itapuan. *O educador Coriolano de Medeiros*. In: *Revista do Inst. Hist. Geog.*
- MEDEIROS, Coriolano. *O Tambiá da minha infância*. João Pessoa: A União, 1994.
- _____. *Sampaio*. João Pessoa: A União, 1994.
- LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Coriolano de Medeiros- Presença da Paraíba em sua bibliografia*. Oficinas gráficas da Escola Industrial da Paraíba, 1966.
- MARTINS, Eduardo. *Coriolano de Medeiros - notícia bibliográfica*, A União, 1975.
- NÓBREGA, Humberto. Coriolano de Medeiros-Notas para a sua biografia. In: *Revista do Inst. Hist. Geog. Paraibano*, vol. 22, 1979.
- MELO, José Octávio de Arruda. Coriolano e a Revista do Instituto Histórico. In: *Revista*

do Inst. Hist. Geog. Paraibano. vol. 22, 1979.

TAVARES, Eurivaldo Caldas. Coriolano, o justo. In: *Revista do Inst. Hist. Geog. Paraibano*, 1979.

MEIRA, Padre – Ver HENRIQUES, Padre Leonardo Antunes Meira.

MELLO, Antônio Alfredo da Gama e – (* 01.10.1849, João Pessoa-PB – + 12.04.1908, João Pessoa-PB). Filho de Severino Antônio da Gama e Mello, professor de Latim, e de D. Alexandrina d'Ávila e Mello. Fez os estudos fundamentais em escolas particulares da capital e o secundário no Lyceu Paraibano. bacharelando-se em Direito pela faculdade do Recife, em 1873, tendo sido contemporâneo de Castro Alves, Cardoso Vieira e Tobias Barreto. Influenciado pelas idéias de Tobias Barreto, líder dos estudantes, Gama e Mello sonhava com uma transformação política e social, ansiando por um Brasil, mentalmente, mais evoluído. Tornou-se um grande filósofo, destacando-se na oratória, sendo comparado ao *Grande Cícero*; foi fundador de *A República*, jornal dissidente que pregava o sentimento de justiça e de igualdade dos cidadãos. Herdou do pai a vocação para as línguas clássicas, substituindo-o, através de concurso, na cadeira de Latim do Lyceu, onde, também, lecionava Retórica, chegando a diretor do estabelecimento.

Enveredou na política partidária, elegendose Deputado Provincial e Senador da República pela Paraíba. Em 22 de outubro de 1896, assumiu o Governo do Estado, permanecendo no cargo até o ano de 1900. Morreu em 1908 ainda como defensor da república e dos direitos republicanos.

Referências:

CASTRO, Oscar de. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira17.htm>

MELLO, Benjamin Franklin d'Oliveira e – (Paraíba – + 6.06.1884). Nasceu na Paraíba onde fez os primeiros estudos. Bacharelou-se em Direito, pela faculdade de Recife, em 1859. Jornalista, *O Despertador* esteve por muito tempo sob a sua direção onde guiado por Felizardo Toscano de Brito “educou-se na política, adquirindo cedo, por proveitosos estudos e pelas sábias lições, uma invejável experiência do mundo político que adotara. Dotado de inteligência e aptidão para o funcionalismo público e de qualidade apreciável, encarreirou-se na magistratura “na província onde nascera, à sombra da bandeira liberal, cujas idéias professara”, ocupando o cargo de juiz de direito de Pombal, em 1879, e o de chefe de polícia e juiz de direito de Jaguaribe mirim, no Ceará. Político vinculado ao Partido Liberal. Juiz de Direito.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

MELO, Francisco Aurélio Figueiredo – (* 03.08.1854, Areia-PB – + 09.04.1916, Rio de Janeiro-RJ). Como jornalista, esse irmão de Pedro Américo, colaborou com o *Almanaque Brasileiro*, da Garnier, e *A Semana*, periódico carioca. Seu romance, *O missionário* (1899), foi publicado no *Correio do Povo*, do Rio de Janeiro durante o período de 21 de abril a 08 de agosto de 1890.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa. A União/Conselho Estadual de Cultura, 1994.

MELO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de (* 05.10.1892, Umbuzeiro-PB – + 05.04.1968 Rio de Janeiro-RJ). Até 1994, quando Fernando Morais deu ao público brasileiro seu *Chatô, o rei do Brasil*, o jornalista paraibano não contava com uma biografia digna da grandiosidade de sua obra, nem de sua polêmica e fascinante existência. Por isso, todas as informações aqui seguem de perto o ponto de vista e o olhar desse escritor, que fez profunda e extensa pesquisa. Considerando que o objetivo principal desse dicionário são os escritores do século XIX daremos prioridade à primeira fase da carreira jornalística de

Chatô, como era conhecido o jornalista, considerando que ele é um dos últimos remanescentes do típico jornalista daquele século, caracterizado, sobretudo, pelo espírito da polêmica que guiou toda a sua carreira jornalística e sua vida pessoal. Sobre o pequeno Chatô, a primeira lembrança que o acadêmico Gilberto Amado (1992) tem do menino é a de tê-lo visto sair do Convento de São Francisco, no Recife, com um livro debaixo do braço. Já Gilberto Freyre (1992), que o chamava de “homem orquestra”, reitera a opinião de Amado, quando observa que o jornalista nunca deixou de ser um “menino de olhos vivíssimos diante do mundo”. É de um livro, *Atala*, do famoso escritor do romantismo francês, François Chateaubriand, que tem origem o nome do mais importante criador de veículos de comunicação de massa brasileiro. Seu pai, Francisco Chateaubriand Bandeira de Mello, assim foi nomeado em homenagem ao escritor francês, pelo seu avô. Antes da proclamação da república, ele se casa ainda muito jovem com Maria Carmem, com quem teve outros filhos, sendo Chateaubriand o terceiro deles.

Segundo Morais, sua infância foi marcada pela gagueira, a feiúra, além do raquitismo e um tom amarelo na pele, que denunciava três séculos de malária ancestral. Sua

gagueira foi curada com exercícios de memorização de pequenos trechos, sendo o mais importante deles o de boas-vindas ao maestro Carlos Gomes. A técnica de memorização não logrou sucesso e o menino continuou gago, o que dificultou sua permanência na escola. Aos poucos, ele parara de falar e tinha acessos de choro. Por decisão do seu pai, que se afastava da família para assumir um emprego em Belém, foi viver com seu avô materno o capitão Urbano Gondim, em Timbaúba, antiga prescrição do médico da família. Ao contrário dos amigos engomadinhos do Recife, seus companheiros passaram a ser os filhos dos colonos, meeiros e modestos empregados do avô, com quem partilhava uma vida livre. Após uma temporada no interior e de exercícios de falar sozinho, o menino ficou curado da gagueira, mas aos nove anos não sabia ler, nem escrever. Apesar dos esforços do pai, Chateaubriand era aos dez anos de idade, um moleque de rua, a quem pouco interessavam os saraus e conversas culturais a que esse lhe submetia, como demonstra o fato de chegar a esta idade e ainda não ter se alfabetizado. Já era quase um rapaz quando iniciou as primeiras letras com os paraibanos Manoel Távora Cavalcanti e Álvaro Rodrigues Campos, que costumavam visitar a casa da família em Dois irmãos. Os anúncios, ou “manteigas”,

como eram conhecidos, dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife* foram sua primeira cartilha. Dessa maneira informal, ainda analfabeto, passou a estudar francês com um belga, e em pouco tempo estava arranhando francês. Após algumas mudanças, de volta ao Recife, ele enfrentou a seleção da Escola Naval, na qual obteve desempenho sofrível em português e matemática, representado pelo “Simplesmente”, com Plenamente em geografia, francês e cosmografia do Brasil. Aos doze anos deixa de ser analfabeto.

Gilberto Freyre afirma que mouro é o melhor adjetivo para Chatô, que para ele foi “um brasileiro que trabalhou como um mouro”. Provavelmente se referia ao fato de o paraibano ter começado a trabalhar ao doze anos, tão logo foi alfabetizado, em um armazém de tecidos, o Othon Mendes & Cia. Aproveitou o salário para investir em curso de línguas e em livros. Segundo Moraes, o interesse do jornalista eram as leituras: “jornais, romances, revistas, ensaios, ele lia o que lhe caísse nas mãos”. Entre esses destacam-se a *Reveu deux Mondes* e *Les Annales*, periódicos franceses de grande prestígio à época, utilizados por ele para impressionar José Godói e Vasconcelos, diretor da *Gazeta do Norte*. Soube através dos franciscanos de uma biblioteca abandonada em um casarão da Madalena,

perto do Prado. Ao se informar sobre a consulta, os padres ofereceram-lhe o pequeno tesouro, recheado de obras em alemão. O aluno dedicado e curioso tinha à mão os autores Goethe, Schiller, Heine e Nietzsche, toda a obra completa e...anotada! As leituras inspiraram Chateaubriand para o destino certo dos homens de letras da época: os jornais. No seu caso, o *Jornal Pequeno*, em frente ao armazém de tecidos onde iniciou sua carreira jornalística, bisbilhotando fascinado o trabalhos dos jornalistas, dos tipógrafos e dos repórteres. Depois de ter pedido pessoalmente um emprego à família Lundgren, a maior anunciante dos jornais pernambucanos, foi trabalhar no recém criado *Gazeta do Norte*. O jornal não dura muito tempo, como era próprio da época e Chateaubriand fica desempregado.

O pai aproveitou o período de desemprego do filho para instá-lo a fazer os preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito da capital do Estado. Durante um ano ele aproveitou para ler e estudar para o concurso. Nesse período devorou os artigos de Rui Barbosa, Carlos de Laet e Eduardo Salomonde. Os estudos deram resultado e ao fim do ano, ele foi aprovado para a Faculdade de Direito do Recife. Tão logo saiu o resultado, saiu à procura de emprego, quando soube que estava para ser

fundado um novo jornal, *O Pernambucano*, para o qual foi convidado para trabalhar como aprendiz por metade do salário. Ao mesmo tempo, publicava colaborações sobre pecuária e agricultura no jornal *A Cidade*, de Nazaré da Mata.

Magro e acanhado, a ponto de ser chamado de “calango assustado” e “magrelo elétrico” por Gilberto Amado, Chateaubriand entra para o Exército com o propósito de melhorar sua condição física. Na instituição, sua vocação de jornalista e sua condição física precária levam o coronel a transformá-lo em diretor do jornalzinho *O Fundão*.

Chateaubriand, o último dos polemistas do jornalismo brasileiro, faz sua estréia no gênero em 1910, ao entrar na polêmica que se travava no Rio de Janeiro entre nas colunas do *Jornal do Comércio* e de *A Imprensa*. Enquanto o primeiro acusava, o último defendia Manuel de Oliveira Lima, amigo de Rui Barbosa, da acusação de “usar o posto oficial, em conferências internacionais, para empurrar o Brasil para posições antiamericanas. Utilizando o *Jornal do Recife* para publicar dois artigos em defesa de Oliveira Lima, que não repercutiram, afinal ninguém conhecia A. Bandeira de Melo, mas lhe custaram o emprego. Sem arrefecer, Chateaubriand publicou de seu próprio bolso um folheto de quarenta

páginas com os dois artigos e outros que haviam sido censurados. A polêmica tomou uma proporção bairrista e repercutiu o fato de um pernambucano, Oliveira Lima, ser defendido por um moleque paraibano. O folheto lhe abriu as portas para o jornal mais importante da época, com um salário de cem mil-réis: o *Diário de Pernambuco*. Ainda no Recife, ele participa da mais importante polêmica da época, travada entre José Veríssimo e Silvio Romero.

Mudou-se para o Rio de Janeiro e colaborou com o *Correio da Manhã*. Em 1924, assumiu a direção de *O Jornal*, embrião dos “Diários Associados”, um conglomerado de empresas de comunicação que chegou a quase uma centena. Naquele mesmo ano, consegue comprá-lo com os recursos financeiros fornecidos por alguns “barões-do-café” liderados por Carlos Leôncio (Nhonho) Magalhães, e por Percival Farquhar que Chateaubriand recebera fruto de seu trabalho como advogado. Como proprietário, implantou reformas e a substituição de artigos por reportagens instigantes e polêmicas, que deram nova feição ao periódico. A partir dessa época, deu início ao seu império jornalístico, ao qual foi agregando importantes jornais, como o *Diário de Pernambuco*, o jornal diário mais antigo da América Latina, e o *Jornal do Comércio*, o mais

antigo do Rio de Janeiro, fundado em 1827, além dos célebres *Correio Brasiliense*, fundado por Hipólito José da Costa. No ano seguinte, Chatô arrebatou o *Diário da Noite*, de São Paulo. Também nessa época, comprou o *Diário de Notícias*, do Rio Grande do Sul, que malograva. Nessa época, passou a liderar o mercado de jornais na maioria das capitais brasileiras.

Gilberto Amado acredita que Chateaubriand tenha publicado mais de 15.000 artigos durante toda a sua vida nos jornais dando oportunidades a escritores e artistas desconhecidos que depois virariam grandes nomes da literatura, do jornalismo e da pintura, dentre eles Graça Aranha, Millôr Fernandes, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Cândido Portinari, entre outros.

Determinante foi o lançamento de *Cruzeiro*, em dezembro de 1928, a primeira revista semanal do Brasil. O primeiro número apresentou 64 páginas, segundo Morais, repletas de anúncios. Seu miolo era feito de papel couchê e continha reportagens e artigos sofisticados, além de contos. Seu lançamento significou a introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa brasileira, com novidades como o fotojornalismo e a inauguração das duplas repórter-fotógrafo, sendo a mais famosa delas a que foi formada pelo jornalista David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon

que, nos anos 40 e 50, fizeram reportagens de grande repercussão. Entre seus diversos assuntos, a revista que depois passou a se chamar *O Cruzeiro* contava fatos sobre a vida dos astros de Hollywood, cinema, esportes e saúde. Ainda contava com seções de charges, política, culinária e moda. Com a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954 a revista vendeu a surpreendente marca de 720.000 exemplares, algo impensável, pois até então o máximo alcançado era a marca dos 80.000. Nos anos 60, *O Cruzeiro* entrou em declínio devido ao desgate de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações, como as revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*. O fim da revista aconteceu em julho de 1975.

Na década de 1960 os jornais atolavam-se em dívidas e trocavam as grandes reportagens por matérias pagas. Foi assim, com esse espírito de vencedor, empreendedor, às vezes sem muita ética, mais temido do que amado, que Assis Chateaubriand fundou e ruiu em dívidas (advindas das novas tecnologias importadas) com o maior império das telecomunicações no país.

Com o tempo Chateaubriand foi dando menos importância aos jornais e focando em novas empreitadas, como o rádio e a televisão. Caberia a ele trazer para o Brasil e para a América Latina a primeira emissora

de tv, a Televisão Tupi de São Paulo, canal 3, fundada em 18 de setembro de 1950.

Em 1947, com a ajuda de Pietro Maria Bardi, Chateaubriand criou o museu de Arte de São Paulo (MASP), com uma coleção particular de pinturas de grandes mestres europeus que ele adquiriu a preços de ocasião na Europa empobrecida do Pós-Segunda Guerra Mundial, em aquisições por vezes financiadas a base da chantagem de empresários brasileiros, coleção esta que o presidente Juscelino Kubitschek havia tido o bom senso de, durante o governo, colocar sob a gestão de uma fundação, em troca de auxílio governamental ao pagamento de parte da astronômica dívida do condomínio associado.

Em 1957, foi eleito senador pelo Estado da Paraíba e, posteriormente, pelo Estado do Maranhão, tendo renunciado a este mandato para assumir a embaixada do Brasil no Reino Unido, cargo que nunca levou muito a sério, a tal ponto de seus inimigos afirmarem ser ele embaixador da Inglaterra no Brasil. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 30 de dezembro de 1954, ocupou a cadeira 37, deixada por Getúlio Vargas. Nem mesmo em 1960, por doença que o deixou tetraplégico, mas lhe preservou a consciência. Sua determinação, espírito de polêmica não o deixaram sucumbir e por isso aproveitou a

máquina de datilografia para criar um dispositivo que o permitia, mesmo em estado precário, continuar escrevendo seu artigo diário. Faleceu em 1968, na cidade de São Paulo. Os Diários Associados compreendiam 34 jornais, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (*O Cruzeiro*), uma mensal (*A Cigarra*), várias revistas infantis e uma editora. **Redatora: SFPB**

Referências:

Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org.br/abl> (Acesso em 13/13/2008).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Chateaubriand (Acesso em 12/12/2008).

FREYRE, Gilberto e AMADO, *Chateaubriand em dois perfis*. Recife: Diário de Pernambuco, 1992.

JAMBO, Arnaldo. Introdução. In. FREYRE, Gilberto e AMADO, *Chateaubriand em dois perfis*. Recife: Diário de Pernambuco, 1992.

MORAIS, Fernando. *Chatô: Rei do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MELO, José Batista de – (* 22.12.1895, Teixeira-PB – + 9.11.1973, João Pessoa-PB). Filho do casal Juventino Ananias Batista de Melo e Elvira Xavier Batista. Iniciou os seus estudos na cidade da Parahyba, atual João Pessoa, na escola da renomada professora primária D. Francisca Moura. Demonstrou, desde cedo, interesse em ser professor tornou-se normalista da

Escola Normal Oficial do Estado da Parahyba do Norte.

Em 1917, formado, exerceu o magistério, na sua cidade natal, retornando no ano seguinte para a capital atuando também como professor. Entretanto, além de exercer o magistério, tanto no setor público quanto em escolas privadas, foi diretor de diversas escolas, Inspetor Técnico do Ensino Primário e na gestão do Interventor Gratuliano Brito (1932-1934) exerceu o cargo de Diretor do Ensino Primário do Estado. Fundou, em 1934, e foi professor da Escola de Aperfeiçoamento de Professores que funcionou no Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello.

Segundo suas próprias palavras a Escola de Aperfeiçoamento de Professores se constituía uma “velha aspiração do professorado conterrâneo (...), que veio preencher uma das lacunas mais sensíveis de que se ressentia o ensino. Destinada a ampliar os conhecimentos dos nossos educadores, recebeu o ato da Interventória vivos aplausos da classe que reconhece estar no professor o ponto de partida de todo progresso da instrução.” (PARAÍBA, Estado da. *A Instrução pública na Paraíba*, 1934, p.17)

Lecionou ainda no Colégio Pio X, na Escola de Comércio “Epitácio Pessoa”, no Colégio Seráfico Santo Antônio e no

Seminário Arquidiocesano. Reconhecido como importante educador pela intelectualidade paraibana, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano no dia 28 de junho de 1931, ocupando a cadeira nº 39, vindo a exercer vários cargos na sua diretoria.

Em 1935, quando diretor da Instrução Pública, promoveu a reforma do ensino na Paraíba, fundou a imprensa escolar, clubes agrícolas, caixas escolares, o cinema educativo, o orfeão escolar e as semanas pedagógicas que se realizavam, anualmente, na capital e em algumas cidades do interior. Criou e dirigiu o jornal *O Educador* e a *Revista do Ensino*. (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. *Memorial - Centenário de Fundação do IHGP 1905/2005*, p.122-123)

Segundo Pinheiro (2002), na Paraíba, tornou-se um dos principais difusores dos ideais escolanovistas, ou ainda, um dos intelectuais mais sintonizados com as políticas educacionais implementadas pelo Estado ao longo de toda a era Vargas. Atento aos novos processos de ensino e preocupado em dar à escola uma feição mais prática e mais útil, informava Batista de Melo em seu relatório de 1932: “A Escola Nova, vitoriosa em toda parte, veio alterar completamente o ensino primário que atualmente obedece a uma orientação

mais consentânea com as necessidades do aluno. A escola tradicional vai aos poucos sofrendo os influxos dos novos processos pedagógicos, de modo a garantir melhor educação do nosso povo”. (*Estado da Paraíba*, “A Instrução pública na Paraíba”, p. 9-10.)

A preocupação do governo estadual em acompanhar as discussões bem como as políticas públicas no âmbito educacional desenvolvidas nos Estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro e, principalmente, São Paulo, enviou “o professor José Baptista de Mello para estudar nos grandes Estados do sul o plano a adoptar-se [na Paraíba] dentro da melhor orientação e das mais modernas conquistas pedagógicas” (PARAÍBA, Estado da. *Exposição* de 1935, p.12).

Proferiu diversas conferências relativas às questões educacionais brasileiras e, mais particularmente, paraibanas. Escreveu muitos relatórios, monografias, e publicou: *Carlos Gomes; A Escola Primária*, além de artigos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, na Revista do Ensino e em diversos órgãos da imprensa local. Entretanto, a sua obra mais importante é *Evolução do ensino na Paraíba*, publicado em 1936, tendo sido reeditado, em 1956 e em 1994 pela Coleção Biblioteca Paraibana. Esse livro, hoje, se constitui uma das mais importantes referências

bibliográficas para a história da educação na Paraíba.

Foi membro da Comissão Estadual Paraibana de Folclore; da Associação Paraibana de Imprensa; do Diretório Regional de Geografia; co-fundador do Instituto São José; provedor da Santa Casa de Misericórdia, tendo sido reeleito por vários biênios consecutivos. Durante o tempo em que esteve à frente dessa instituição deixou o registro de sua presença nos melhoramentos realizados, principalmente, no Hospital Santa Isabel e na Igreja da Misericórdia.

Exerceu, ainda, as funções de Presidente do Montepio do Estado, diretor do Departamento de Estatística e Publicidade e Secretário do Tribunal Regional Eleitoral.

Redator: ACFP.

Referências:

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO. *Memorial - Centenário de Fundação do IHGP 1905/2005*. João Pessoa, PB: IHGP, 2005. (CD-ROM)

PARAHYBA, Estado da. Diretoria do Ensino Primário, *A Instrução pública na Paraíba*. João Pessoa, PB: Imprensa Oficial, 1934.

_____. (Governo Provisório) *Exposição dirigida ao Exmo. Sr. Presidente da República pelo Interventor Gratuliano Brito referente ao período de junho de 1932 a dezembro de 1934*. João Pessoa, PB: Imp. Oficial, 1935.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro. *Da era das cadeiras isoladas à era dos*

grupos escolares na Paraíba. Campinas, SP: Autores Associados: Universidade de São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea).

MELO, Manuel Cavalcanti Ferreira de – (* 05.02.1861, Guarabira-PB –). Advogado, político e jornalista. Colaborou em *O Liberal Paraibano, O Estado da Paraíba, A Cidade do Rio e O Rio de Janeiro*.

MELLO, Pedro Américo Figueiredo. (* 29.04.1843, Areia-PB – + 07.10.1905, Florença, Itália). Pintor, desenhista, professor, caricaturista, escritor. Filho de pai violinista e neto de um compositor sacro, Pedro Américo, aos sete anos, já revelava talento para o desenho e cantava no coral da igreja. A convite do naturalista francês Jean Brunet, antes de completar dez anos acompanha como desenhista auxiliar a expedição científica, desenvolvida no Nordeste, liderada pelo alemão Bindseil. Por volta de 1855, muda-se para o Rio de Janeiro, onde estuda no Colégio Pedro II, por ordem do Imperador que se torna desde então seu protetor; no ano seguinte matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde ganhou vários prêmios e diversas medalhas, o que fez ganhar a alcunha de papa-medalhas por Araújo Porto-Alegre. Entre 1859 e 1864, com bolsa concedida pelo imperador D. Pedro II, estuda na *École National Supérieure des Beaux-Arts* [Escola Nacional Superior de Belas

Artes] de Paris, onde é aluno de Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867), Hippolyte Flandrin (1809 - 1864) e Carle-Horace Vernet (1789 - 1863); no Instituto de Física; e na Sorbonne. Após viagem pela Itália, retorna ao Rio de Janeiro em 1864 e assume por concurso a cadeira de desenho na Academia de Belas Artes.

Sua estadia foi por pouco tempo, exatos dois anos, pois criou inimigos na Corte, entre os quais o Imperador, que achou licenciosa a sua tela *A Carioca*, de 1864. Voltou a Paris, onde passou a sobreviver com a pintura de retratos feitos no café. Nessa época, foi obrigado a vender todas as medalhas que ganhara em criança.

Com um pé na pintura e outro nas ciências, ele se fixa em Bruxelas, onde se titula como doutor em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas em 1869, com a tese intitulada *La Science et les systemes: questions d'histoire et de philolosophie naturelle*. Vai a Lisboa onde se encontra com Araújo Porto-Alegre, seu antigo amigo e protetor, que era na ocasião Cônsul-geral do Brasil em Portugal, e casa com sua filha. Alterna estadas no Rio de Janeiro e em Florença, mas continua como professor de estética, história da arte e arqueologia na Academia Imperial. Sua relação com o jornalismo tem início em 1870, quando assume a responsabilidade pela revista de caricatura *A*

Comédia Social. Em 1877, expõe em Florença a *Batalha de Avaí*, encomendada pelo Ministério do Exército, pintada em Florença, na biblioteca do convento da Santíssima Anunciata. A pintura de grande proporção contou na exposição com a presença de D. Pedro II e foi anunciada em vários jornais europeus. A obra é novamente exposta, juntamente com a *Batalha dos Guararapes*, de Victor Meirelles (1832 - 1903), na Exposição Geral de Belas Artes de 1879, e gera intensa polêmica e o pintor é submetido a uma série de críticas escritas pelos críticos nacionais, que consideraram sua obra medíocre e ainda um plágio de *Batalha de Monte Bello*, de Gustavo Doré. Sobre o assunto, publica em 1880, o *Discurso sobre o plágio na literatura e na arte*. Apesar das críticas, a exposição foi um sucesso! Entre 1886 e 1888, pinta a tela *Independência ou Morte*, para o Salão de Honra do Museu do Ipiranga. Em 1884, a pedido d'*A Gazeta de Notícias*, Pedro Américo, que se encontrava em Turim, contribui com o jornal com alguns escritos sobre a Itália contemporânea. Os artigos, publicados com o título "Cartas de um Pintor", são destaque do mês de agosto no periódico, um dos mais lidos do Rio de Janeiro de então. Com a Proclamação da República, é eleito deputado da Assembléia Nacional Constituinte, em 1890. Em 1900 retorna a

Florença, onde termina seus dias.

Redatora: SFPB

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/cartas_pedroamerico.htm

AMÉRICO, Pedro: *Cartas de um Pintor*. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/cartas_pedroamerico.htm

MENEZES, Antônio de Aguiar Botto de – (* 1887, Paraíba – + 08.03.1971, Paraíba). Era filho do Desembargador Gonçalo de Aguiar Bôtto de Menezes e D. Maria da Piedade Bôtto de Menezes. Fez os preparatórios no Lyceu Paraibano, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Ingressou na imprensa paraibana através do Jornal *A União*, onde começou como revisor, passou a repórter e a redator, na época, sob a direção de Carlos Dias Fernandes, de quem recebe convite para fundar com este o *Jornal do Comércio*. Fracassada a tentativa, cria, em 1923, o jornal *O Combate*, tendo como colaborador na redação o jornalista Samuel Duarte. Foi eleito Deputado Federal e, em 1933, juntamente com Osias Gomes, fundou o Partido Libertador; manteve a liderança e conseguiu eleger a maioria dos vereadores desta bancada. Exerceu diversos cargos

públicos, entre os quais podemos citar: Secretário da Prefeitura de João Pessoa, Professor de Legislatura do Curso de Agrimensura, no Lyceu; Procurador dos Feitos da Fazenda Estadual, participante da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados; Presidente do Conselho Superior do Departamento Administrativo do Estado; Procurador Judicial do IAPB; Presidente do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); Secretário de Educação e Secretário do Interior e Segurança Pública. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Foi empossado na Academia Paraibana de Letras, em 17 de abril de 1952, saudado pelo acadêmico Osias Gomes. Aposentado, transferiu-se para o Rio de Janeiro, não esquecendo, porém, o bucolismo do bairro de Mandacaru onde viveu a sua infância, o que serviu de inspiração para escrever o livro de reminiscências *Minha Terra*, em 1945. Outras publicações de sua autoria: *Meu pai*, 1949; *O canto do cisne (poesias)*, 1957.

Redatora: SFPB

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa *A União* – 1994

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/bo ttod.htm>

MOURA, Catarina – (* 20.12.1882, Paraíba; +). Foram seus pais Misael do Rêgo Moura e Francisca Rodrigues Chaves Moura. Fez seus estudos primários e secundários na Escola Normal Oficial, onde recebeu o diploma de professora normalista, em 1902. Feito o curso de preparatórios no Liceu Paraibano, matriculou-se em 1908, na Faculdade de Direito do Recife, de onde saiu formada e laureada, em 1912, obtendo também o prêmio de viagem à Europa. Como quartanista de Direito, advogou no crime, na cidade de Pau d'álho, em Pernambuco. Em 1913, no Governo Castro Pinto, fez conferências públicas, no Teatro Santa Rosa, sobre “Direitos da Mulher” e escreveu, no Jornal *A União*, crônica assinada com o pseudônimo de Paraguaçu. Na Escola Normal desta Capital ensinou como professora, as cadeiras de Português, Desenho, Francês, e História da Civilização, sendo, em 1917, nomeada professora efetiva da cadeira de Português. **Redator:**
FS

Referências:

SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e M. Mulher e fronteira na historiografia paraibana – 1940/1964. João Pessoa-PB. Projeto PIBIC/CNPq, (2001).

Revista Manaíra, João Pessoa, junho de 1940. N 08 pág. 03

A União, João Pessoa de 1930/1940.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940.

Revista IHGP, João Pessoa, A UNIÃO, Imprensa Oficial, 1910/1940.

MONTENEGRO, Olívio Bezerra – (* 25.09.1896, Alagoinha-PB – + 16.02.1962, Recife-PE). Fez seus primeiros estudos na capital da província natal. Começou a estudar Direito em São Paulo, onde terminara o curso secundário, vindo a bacharelar-se, em 1917, na Faculdade de Direito do Recife. No ano seguinte, foi nomeado Promotor Público de Nazaré da Mata (Pernambuco) e, em 1923, Juiz Municipal do Recife. Seu exercício na magistratura não foi longo, dedicando-se depois ao magistério e ao jornalismo. No magistério, prestou dois concursos; um para a cadeira de História Universal, no Ginásio Pernambucano, com a tese "A Igreja na Idade Média"; outro para a cadeira de Sociologia Educacional, na Escola Normal do Estado de Pernambuco, tendo sido aprovado com a tese "O dever do Estado relativamente à assistência aos mais capazes". Foi diretor do Ginásio Pernambucano.

No jornalismo, foi colaborador efetivo do *Diário de Pernambuco*, de 1940 a 1962, e ainda escreveu para jornais e revistas do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*. Seus artigos, geralmente, tratavam de literatura, exercendo sempre uma postura crítica. Porém não se restringiu a escrever em

periódicos. Olívio Montenegro sempre manteve convívio com grandes personalidades do meio cultural, como Gilberto Freyre, Aníbal Fernandes, Sílvio Rabelo, Vicente do Rego Monteiro, Luís Jardim, Waldemar Cavalcanti, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, entre outros. Mas, talvez sua maior amizade tenha sido com o outro paraibano, José Lins do Rego, com o qual alimentou vasta correspondência.

Olívio Montenegro mostrou-se um bibliófilo, com uma das maiores bibliotecas particulares do Recife. Segundo Lima, ele “abandonou, por exemplo, cadeiras no magistério para se dedicar a publicações de livros e para povoar ainda mais suas estantes”. Foi um dos primeiros leitores a tratar com seus contemporâneos, da importância de autores como Marcel Proust e James Joyce. Esse e outros traços da personalidade de Montenegro são evidenciados nas 132 cartas remetidas “ao amigo, compadre e companheiro de ofício”. Cartas enviadas ao amigo José Lins do Rego, que tratam de assuntos diversos, como comentários acerca de literatura, política e religião.

Olívio Montenegro faleceu no Recife, onde participou ativamente da vida literária, em 16 de fevereiro de 1962 durante um almoço com amigos. Escreveu um romance *Os irmãos Marçal* Recife: Imprensa Industrial,

1922. Publicou também *Memórias do Ginásio Pernambucano*. Recife: Imprensa Oficial, 1943, com uma segunda edição em 1954. *Ensaio*. Rio de Janeiro: MEC, 1954; *José Veríssimo*. (crítica). Nossos clássicos. Rio de Janeiro: Agir, 1958. *Um revolucionário da Praieira*. Recife: Imprensa Oficial, 1949, a propósito do jornalista Borges da Fonseca e seu envolvimento na Revolução Praieira. No campo da crítica: *O romance brasileiro* (1938), obra que o tornou conhecido nessa área *Ensaio* (1954) e *Folhas ao vento* (1969 - edição póstuma).

Redatora: SFPB

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana* João Pessoa: A União, 1994.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. *Meu Caro Lins. Cartas de Olívio Montenegro* In: Projeto ATELIÊ DE JOSÉ LINS DO REGO. http://www.soniavandijck.com/carolins_cata_logo.htm Acesso em 20/03/2009.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

MOURA, Francisca – (* 02.08.1860, Paraíba – + 02.02.1942, João Pessoa-PB). Filha de Francisco José Rodrigues Chaves e Catarina de Almeida Rodrigues Chaves. Fez seus estudos primários nas escolas públicas desta capital e nos cursos particulares Veloso e Francisco Gonçalves de Medeiros. Os estudos secundários lhe foram

ministrados, particularmente, pelo professor Joaquim Antônio Marques, educador do Liceu Paraibano, visto como naquele tempo, neste estabelecimento, só eram admitidos alunos do sexo masculino. Só mais tarde, quando já era viúva, é que se abriu a escola Normal Oficial do estado, onde recebeu o diploma de professora, no ano de 1890. Em 1894, foi nomeada professora efetiva da Escola Normal. Durante mais de meio século exerceu o magistério particular. O colégio Francisca Moura foi muito freqüentado. Escreveu as seguintes obras: *Compêndio de Geografia* e *Pontos de Português*, contendo o programa completo do ensino da matéria na Escola Normal, programa que fora elaborado pelo Catedrático Dr. Maximiano José Inojosa Varejão. Faleceu no dia 02 de fevereiro de 1942. **Redator: FS**

Referências:

Revista *Manáira*, João Pessoa, agosto de 1940. Nº 10 pág. 02.

Jornal *A União*, Quarta-feira, 04 de novembro de 1942 p. 05

FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. *História da Paraíba para uso Didático*. João Pessoa: A UNIÃO Cia Editora 1987.

SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e M. Mulher e fronteira na historiografia paraibana – 1940/1964. João Pessoa-PB. Projeto PIBIC/CNPq, (2001).

A União. João Pessoa de 1930/1945.

A Imprensa. João Pessoa de 1928/1940.

Revista IHGP. João Pessoa: *A União*, Imprensa Oficial, 1910/1940.

MOURA, Francisco Coutinho de Lima

– (* 08.04.1867, Paraíba – + 25.02.1957, Niterói-RJ). Sua data de nascimento é controversa. Guimarães (2009) registra pelo menos três datas. Uma, informada pelo Monsenhor Eurivaldo Caldas Tavares, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que, por ocasião do septuagésimo aniversário de fundação daquela instituição, lançou um uma plaqueta sobre aquela data e nela fez uma breve biografia dos sócios fundadores, entre os quais se encontra Francisco Coutinho de Lima e Moura. Nesse trabalho consta a data de nascimento de F. Coutinho como sendo 8 de abril de 1867. Em ata da sessão do Instituto, datada de 30 de março de 1957, consta o registro de homenagem prestada por Rocha Barreto ao jornalista por ter completado em 10 de janeiro, o 1º centenário de seu nascimento. Em 20 de maio de 1967, Humberto Nóbrega registrou de Francisco Coutinho de Lima e Moura, a 8 de maio.

Fez seus estudos primários com o professor João Licínio Veloso, consagrado mestre paraibano que dava aulas particulares. Estimulado pelo professor Veloso, aos 16 anos de idade, Francisco Coutinho submeteu-se ao exame de Português no

Liceu Paraibano, aproveitando-se da legislação da época que permitia exames parcelados. Na província havia então dois luminares na disciplina de Português: um, era o professor Veloso; outro, era o professor Maximiano José Inojosa Varejão, que, além de lente de Português no Liceu Paraibano, mantinha um curso primário particular. Continuou os preparatórios no Liceu a fim de matricular-se na Faculdade de Direito do Recife, onde cursou durante três anos, trancando sua matrícula por falta de apoio financeiro.

Foi professor primário na vila do Pilar, para onde foi nomeado interinamente pelo presidente da Província, Silvino Elvídio Carneiro da Cunha – o Barão de Abiaí –, em substituição ao professor Joaquim Ignácio Lima e Moura, que se encontrava doente. Em 1888, em Guarita, fez parte da comissão examinadora nos exames primários da primeira escola feminina da cidade, cuja professora era uma sobrinha de Albino Meira. Participou de várias comissões examinadoras, inclusive no grupo escolar Thomaz Mindelo.

Em 1890, Venâncio Neiva criou a primeira cadeira do primário do sexo masculino, em Cabedelo, e a ele deve sua transferência de São João do Rio do Peixe para aquela cidade, onde continuou exercendo o cargo de professor primário vitalício.

Em 1913, Coutinho já pertencia ao quadro funcional do Liceu como Preparador. Coutinho também foi lente da Escola Normal, onde lecionou no 1º ano de Aritmética; ensinou Geometria no Clube Benjamin Constant, do qual foi fundador. A criação do Ensino Noturno, na administração Castro Pinto, contou com sua participação.

Ao jubilar-se no magistério paraibano foi fixar-se no Rio de Janeiro, onde exerceu a advocacia e o jornalismo, tendo depois voltado à terra natal, quando publicou seu 3º volume de *Reminiscências*, aos 80 anos.

Foi colaborador da Fazenda da Província. Era funcionário da Repartição Geral dos Telégrafos, onde exerceu o cargo de telegrafista de 4ª classe; chefiou a Repartição de Alagoa Grande durante 11 meses, tendo sido ele próprio quem instalou a aparelhagem de transmissão daquela localidade; serviu interinamente, durante 15 dias, em Mamanguape, substituindo o chefe Honório, que se encontrava doente.

Em 1899, nas eleições de 30 de novembro, foi eleito deputado para a Assembléia Legislativa Estadual, como representante da capital, com 8.968 votos, ocupando o 25º lugar na votação. A Assembléia era constituída de 30 deputados.

Foi um jornalista militante. Colaborou em vários jornais da Paraíba. Estava entre os primeiros colaboradores do jornal *A União*. Foi gerente da Imprensa Oficial e durante o governo Gama e Melo era o jornalista político do jornal, uma espécie de porta-voz do governo. Muitas vezes – conta ele – ia a Palácio para apanhar o artigo do Presidente Gama e Melo

Trabalhou no *O Jornal*, de João da Matta Correia Lima, donde também foi gerente. Muito ligado a João da Matta, muitas vezes ia à sua residência para apanhar matéria para o jornal, e não raro João da Matta ditava para ele o artigo a ser publicado. Escreveu na revista *Manaíra*, dirigida por Wilson Madruga e Alberto Diniz, na época em que dela participei. Também escreveu em *A Imprensa*.

Referências:

GUIMARÃES, Luiz Hugo. “Francisco Coutinho de Lima e Moura”.

Escritor e Jornalista. Disponível em http://www.luizhugoguimaraes.com.br/francisco_coutinho.html. Acesso 22/01/2009.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.



NACRE, Mardoqueu – (* 02.06.1886, Recife-PE – + 01.02.1971, João Pessoa-PB). Aos quatorze anos transfere-se para J. Pessoa, onde conclui os estudos e inicia-se no jornalismo com redator de *A União*, jornal que chega a dirigir durante vários anos, tornando-se modelo de uma geração de jornalistas. Publica em diversas edições da revista *Era Nova*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

NEVES JÚNIOR, Theodomiro Ferreira – (* 14.08.1875, João Pessoa-PB – + 30.12.1940, Rio de Janeiro-RJ). Jornalista e professor, cursou Direito no Recife, mas não conseguiu se formar. Publicou pela Garnier o livro *Arestas* (1909), uma coletânea de poesias publicadas em jornais da época. Junto a Augusto dos Anjos fundou o Instituto Maciel Pinheiro. Fez os preparatórios na Paraíba, transferindo-se, a seguir, para o Recife com a intenção de frequentar a Escola de Direito, por motivos desconhecidos não concluiu o curso, decidindo-se pelo magistério particular; para este fim, instalou uma escola em sua

residência, à Rua Treze de Maio; mais tarde, optou pelo comércio e, ainda jovem, aprendeu o ofício de tipógrafo. Mesmo sendo um bom redator, não foi propriamente um jornalista, identificava-se mais com o sociológico e a poesia. Começou a publicar os seus poemas em *A União Tipográfica* e na *Gazeta da Manhã*. Em 1905, ao lado de Ascendino Cunha, Neves Junior fundou o Instituto Maciel Pinheiro, mas, com o surgimento do Colégio pio X, o Maciel Pinheiro não sobreviveu, e o seu fundador foi trabalhar na firma Brito Lira e Cia; Em 1927, seguiu para o Rio de Janeiro, passando a exercer o magistério, investindo, também, numa indústria de produtos químicos. Dez anos mais tarde, sem família e doente, foi acolhido pelo amigo Agripino Nazareth até o seu falecimento.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*.
<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira23.htm>

NEVES, Alfredo Jader de Carvalho – (* 10.09.1872, João Pessoa-PB). Deixa a carreira militar para dedicar-se ao jornalismo.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

NEVES Padre Lindolfo José Correia das

– (* 05.08.1819, Paraíba – + 19.05.1884 Paraíba). Filho do Major de Infantaria José Maria Correia, militar português que aportou na Paraíba no alvorecer do século XIX e que no conturbado ano de 1817 casou com Maria Rita de Lima, filha de Manuel da Costa Lima, rico Senhor de Engenho e comerciante português estabelecido em Pilar, que esteve implicado na “Revolução de 1817”, Lindolfo José Correia nasceu na Cidade da Paraíba em 05 de agosto de 1819, dia de Nossa Senhora das Neves, padroeira e antigo topônimo da cidade. Esta foi a razão pela qual, posteriormente, acrescentou ao seu nome o “das Neves”, porém nas duas primeiras décadas de vida poucos anos passou na cidade natal, tendo seguido para Portugal, onde realizou os primeiros estudos. Ao retornar ao Brasil matriculou-se no Seminário de Olinda, sendo ordenado pelo Bispo D. João da Purificação Marques Perdigão, Presbítero secular do Hábito de São Pedro, em 10 de outubro de 1843. Matriculou-se também na Faculdade de Direito de Olinda, onde se bacharelou em 23 de novembro de 1847. Voltando à Cidade da Paraíba dedicou-se à advocacia, talvez sua causa mais conhecida tenha sido a

do famoso caso da “Ressuscitada” em que conseguiu a absolvição do seu cliente o Comandante Superior (da Guarda Nacional) Antônio de Albuquerque Maranhão, acusado de ter tentado assassinar sua filha, Maria Umbelina de Albuquerque Maranhão Cavalcanti, que todos supunham morta e enterrada, até o momento em que apareceu na Cidade da Paraíba, uma jovem mulher, que afirmava ser a filha do poderoso Comandante da Guarda Nacional. A dúvida instalou-se. O processo foi tumultuado e os jornais da Paraíba, de Pernambuco e mesmo da Corte, noticiaram o caso a exaustão, no ano de 1862. Afinal tratava-se de uma louca, de uma impostora ou da desventurada filha de um pai cruel? O processo, segundo a linguagem da época, “eivado de vícios de toda a ordem” até hoje dá lugar a dúvidas. Em 1850 foi eleito pelo Partido Conservador, deputado provincial; em 1858 é novamente eleito; agora pela Liga, que depois da Conciliação unia parte dos conservadores e uma dissidência liberal; em 1860, passa para o Partido Liberal, sendo eleito não apenas deputado provincial, mas também Presidente da Câmara e finalmente pelo mesmo partido chega à Câmara Geral, permanecendo como um dos cinco representantes da Paraíba na Corte, de 1864 a 1870. Como jornalista foi redator de *O Polimático* e *O Liberal* (1881) e fundou e

dirigiu *O Publicador* (1861). Ficaram famosas as alterações que os dois últimos mantiveram com *O Jornal da Paraíba* e *O Conservador*, que a seu tempo tiveram como redator seu inimigo pessoal, o Cônego Meira. Porém a campanha mais violenta que teve de enfrentar foi desencadeada pelo tribuno Cardoso Vieira, seu tradicional opositor no foro da capital. A rivalidade entre os dois era tanta, que Cardoso Vieira criou um jornal com o único fito de atacá-lo. Tal periódico tinha por nome *O Bossuet da Jacoca*. Nele, o padre Lindolfo foi comparado a “uma prostituta que muda de praça”. Vale a pena transcrever um trecho do periódico. Assim se expressava Cardoso Vieira: “...o nosso homem apresentou-se com uma pena e para mostrar o que valia pegou na primeira honra que achou, e a pôs em pedaços. Depois ofereceu os seus serviços. Os políticos então disseram – sê dos nossos: tu maldizes, tens esse talento, e esse gosto; tu nos serves, faremos tua fortuna. Ele continuou a dizer pulhas e as mulheres a rirem-se; a mostrar o pergaminho e a coroa e o vulgo a admirá-lo, a maldizer, e os políticos a aplaudi-lo. O pudor da virgem, a honra da esposa, a reputação do homem de bem, os santos melindres do talento que desponta (sic), nada por mais casto, íntimo e puro que fosse, escapou a essa língua desabrida e a

essa pena insolente. Estéril porque o seu talento era, como é, de péssima qualidade, impaciente, móbil, intermitente, e sobretudo porque lhe faltava esse calor de coração que fecunda e faz florescer as idéias; qualquer produção causava-lhe despeitos e elle atirava-se sobre ella com as unhas e o furor de um macaco. Quando se sentiu envelhecer n’um partido, foi bater as tendas do outro, e como essas prostitutas que mudam de praça, êi-lo rejuvenescido, adulado e celebrado! Durará eternamente esta farsa? “Hoje velho, exausto do corpo e de espírito, esse Aretino, sem gênio, repousa sobre os despojos acumulados, durante longos anos de atentados Moraes e de apostasias políticas.”E para arrematar: “Um tal salteador político que se embosca na imprensa – de uma Província – para atacar a honra, comprometer a paz e o repouso das famílias, corromper a mocidade com o exemplo tremendo de uma prosperidade criminoso, é um inimigo comum. Todos têm o direito e o dever de persegui-lo. Está fora da lei, e como os salteadores das estradas sua cabeça deve ser posta a prêmio.” As respostas do Padre Lindolfo eram dadas no mesmo tom, para deleite do Padre Meira, que em 1861, havia sido alvo de uma campanha de difamação, movida pelo Padre Lindolfo, quando este, mais dois parentes, um irmão e um

sobrinho, haviam sido eleitos para a legislatura 1862/1863. Os liberais acusaram pelos jornais o Padre Meira de ter desviado recursos públicos, o que posteriormente foi desmentido pelo Presidente da Província na correspondência reservada com o ministro da Fazenda. Exerceu ainda diversos cargos e comissões, foi Secretário do Governo da Paraíba durante um longo período, de 1849 a meados de 1853, e de 1854 a julho de 1856, quando foi aceita sua demissão; Procurador Geral da Tesouraria da Fazenda na Paraíba (1864); Juiz de Paz da Cidade da Paraíba; Mordomo do Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba (1859); Presidente da comissão indicadora de medidas tendentes ao serviço de socorros públicos (1877); Delegado especial do Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, nos exames gerais de preparatórios para os cursos superiores do Império, realizados na capital da Província da Paraíba (1879). Homem de muitas posses e múltiplos talentos foi eleito em diversas ocasiões Provedor da Santa Casa de Misericórdia; agraciado com o Título de Pregador Honorário da Capela Imperial, e com as comendas da Imperial Ordem de Cristo, no grau de Cavaleiro e Comendador da Rosa, esta última em 1860. Foi ainda ele o escolhido para dirigir as homenagens do

“povo paraibano” ao Imperador D. Pedro II, quando de sua visita à Paraíba, em 1859; lançou a pedra fundamental do Teatro Santa Rosa, em 1873. Possuía várias propriedades na Cidade da Paraíba e o Engenho de Nossa Senhora das Neves de Mussuré, no termo da mesma Cidade; sócio fundador do Instituto Histórico de Olinda e membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Lecionou de maneira intermitente, vários anos, no Liceu Paraibano, como Lente de filosofia e de álgebra e admiravelmente tinha como distração algo bem diverso do que fazia profissionalmente, se ocupava em produzir pequenos objetos de madeira, arte que aprendera quando era aluno de primeiras letras em Portugal. Orador sacro reconhecido, tornaram-se notórios alguns sermões que proferiu, como o “Das lágrimas” dito na sexta-feira santa 2 de abril de 1858, na igreja da misericórdia da Paraíba; aquele proferido em memória de Joaquim Manuel Carneiro da Cunha, na matriz de Nossa Senhora das Neves; um outro em homenagem às exéquias de Pedro V, rei de Portugal, em 1862 na Cidade de Mamanguape e aquele proferido no dia de Corpus Christi, na Matriz de São José na Corte em 12 de junho de 1864; porém não foi dos sacerdotes mais morigerados, não costumava trajar as vestes talaras fora da

Igreja, no entanto, enquanto residiu na Cidade da Paraíba celebrava diariamente missa na Igreja do Rosário e quando se encontrava em seu engenho, a missa era celebrada, religiosamente, as seis da manhã, na capela que mandou construir, o que não o impediu de ter um filho natural com Joana Desidéria Gomes e que tinha por nome, o mesmo do pai, para escândalo dos mais ortodoxos. Além das mulheres, sua grande paixão foi a filosofia, a qual dedicava duas horas de leitura diária; para esse fim possuía uma ampla biblioteca, tendo deixado como testemunho da suas reflexões filosóficas os livros: *Jesus Cristo e os filósofos*, *A vida humana*, *O plágio e Ensaios filosóficos*. Faleceu aos 65 anos, na Cidade da Paraíba em 19 de maio de 1884 e foi enterrado na capela do Cemitério Senhor da Boa Sentença. **Redator: CRNF**

Referências:

- IHGP – Arquivo Dr. Flávio Maroja
Coleção de Documentos Privados Lindolfo José Correia das Neves;
LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977;
LIMA, Albertina Correia. Traços biográficos de Lindolfo José Correia das Neves e João da Mata Correia Lima. *Revista do IHGP*, n.º 12;
MARTINS, Eduardo. *Cardoso Vieira e o Bossuet da Jacoca*. Notas para um perfil biográfico. João Pessoa: A União, 1979.

NÓBREGA, João Norberto da – (* 06.06.1886, Patos-PB – + 1969, São Paulo-SP). Filho do Alferes Severino da Costa Machado (Alferes Costinha) e de Iluminata da Costa Machado. Autodidata, curso apenas o primário mas tornou-se professor de primeiras letras e professor de música, romancista e jornalista. Como jornalista, atuou na *Gazeta do Sertão*. É autor de várias obras didáticas. Como pesquisador, faz pesquisas sobre o folclore e também escreve peças teatrais. *Cérebro e coração*, Tip. São José, 1938, Patos. *Como se fala o português*, Tipografia Cantuária, 1927, Patos. *Gramática sem mestre*, s/e, s/d, s/l.; *Luz da infância*, Tip. São José, 1934, Patos. *Pátria e heróis*; *Zé Espera*, Parahyba, Popular Editora, 1927.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

NOVAES, José Ferreira de – (* 12.03.1846, Bananeiras-PB – + 20.10.1901 Paraíba). Filho de Francisco Ferreira de Novaes, português e de Rosa de Lima Novaes. Um dos fundadores e redatores de *A Parahyba*, órgão da dissidência do partido liberal, senão diretor principal, impresso durante os anos de 1881 a 1884 na Tipografia Liberal, situada à Rua Duque de Caxias, 85.

Foi um dos primeiros e assíduos colaboradores do jornal *A União*, órgão situacionista. Em sua cidade recebeu os primeiros ensinamentos escolares. Dali foi à Coimbra onde fez o curso de humanidade, tendo regressado ao Brasil em 1864. No ano seguinte ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 31 de outubro daquele mesmo ano. Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia, de 1888 a 1899. Era lente de Retórica no ano de 1891, do Liceu Paraibano, quando a cadeira foi extinta, tendo sido nomeado para a disciplina de História. Foi deputado provincial. Em 1892, passou a colaborar na redação de leis e decretos do governo de Álvaro Machado, colaborando com o *Correio Oficial*. **Redatora: SFPB**

Referência:

A tipografia do beco da Misericórdia. João Pessoa: SEC, 1978.

A Paraíba 31/01/1881 e 27/10/1883.



OLAVO, Silvino – (* 27.07.1896, Esperança-PB – + 26.10.1969). Filho de Manuel Joaquim Cândido e de Josefa Martins da Costa Silvino, Olavo Cândido Martins da Costa cursou Direito na Faculdade do Rio de Janeiro onde se forma em 1928. De volta à Paraíba, se envolve na campanha de João Pessoa, de quem se torna Chefe de Gabinete. Sua relação com as letras se dá pela ficção, pela poesia e pela crítica literária. Além das letras, escreve em vários jornais paraibanos artigos relativos a área política e jurídica. Publicou na *Revista Era Nova*.

Referência

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2v.

OLIVEIRA, Mateus Augusto – (* 1878, Recife-PE – + 1968, Rio de Janeiro-RJ). Diretor de *O Norte* em 1930.

OLIVEIRA, Peryllo de – Ver D'OLIVEIRA, Severino Peryllo.

OLIVEIRA, Rafael Correia de – (* 1896, Goiana-PE – + 1958, Rio de Janeiro-RJ). Jornalista e político. Participou na Paraíba da Revolução de 30. Notabilizou-se pelo vigor de seu estado, pela combatividade, como articulista político e comentarista político internacional. Na década de 20, em Santos, fundou e dirigiu o *Diário Praça de Santos*. Durante muitos anos foi o diretor da sucursal do *Jornal Estado de São Paulo*, na Capital paulista. Deputado federal pela UDN. Foi o primeiro jornalista a entrevistar Prestes, na época em que era diretor de *O Jornal*, de propriedade de Chateaubriand. Na época, Rafael Oliveira estava em São Paulo por isso Chateaubriand o enviou para fazer a entrevista com o líder na fronteira do Mato Grosso, da Bolívia. Chateaubriand o enviou para ganhar um dia, porque ele temia que outros jornais, inclusive *O Estado de S. Paulo*, o *Correio da Manhã*, por exemplo, mandassem um repórter lá. Nenhum teve a idéia de mandar.

Referência:

ODILON, Marcus. *Pequeno Dicionário de Fatos e Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra. 1984.

OTAVIANO de Moura Lima, Manuel Pe. – (* 27.04.1880, Conceição-PB – + 1964, Piancó-PB). Filho de Antonio Otaviano dos Santos Lima e Maria Vieira de Moura Lima. Realizou seus primeiros estudos nos Colégio Pio X, da capital paraibana. Há controvérsia em relação ao lugar em que teria se ordenado padre. O

DLP registra a capital. O PDFV aponta como sendo Teresina a cidade na qual o padre teria se ordenado, no ano de 1910. Foi vigário de Piancó e utilizou os jornais, principalmente o periódico católico *A Imprensa*, para escrever artigos polêmicos. Também escreveu para revistas dramas, ensaios de cunho sociológico e até mesmo romance, com a preocupação voltada notadamente para as questões da seca no sertão. Elegeu-se deputado estadual em 1928, mas se afastou da política após a Revolução de 30. Membro da Academia Paraibana de Letras. Sua bibliografia inclui ensaios, história e romance. Entre esses encontram-se *O chefe político. Romance de costumes*. Rio de Janeiro: A Noite, 1951 e *Tomás Cajueiro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1939. *Inácio da Catingueira*. Rio de Janeiro: CEA, 1939; *A coluna Prestes (Os mártires de Piancó)*. (1939) 2.ed. Acauã, 1979. **Redatora: SFPB**

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PATRÍCIO, Simão – (* 1878, Areia-PB). Jornalista paraibano fundou e dirigiu o periódico *O Centro* em Areia. Junto José Américo de Almeida e Eduardo Medeiros publica, em 1907, o jornal *Correio da Serra*, também em Areia.

PEDROSA, Pedro da Cunha – (* 30.06.1863, Umbuzeiro-PB – + 1947). Atua como jornalista e participa da vida política.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PESSOA, Antonio Elias – (* 03.10.1865, Lucena-PB – + 21.10.1909, Paraíba). Estudou no Liceu Paraibano e no Seminário de Olinda. Torna-se jornalista e professor em Areia. Na capital, colabora com os jornais *O Sorriso* e *O Arauto Paraibano*, principalmente, na década de 80. Publicou na coluna “Literatura” deste e no “Jardim Poético” daquele periódico. Foi cantor de modinhas e famoso folhetinista. Assim como Orris Soares se tornou célebre por ter projetado Augusto dos Anjos, Antonio Elias se consagrou por ter se oposto, nos primeiros anos do século XX, a Augusto

dos Anjos e Américo Falcão. Publicou em 1908, pela Tipografia de Jaime Seixas o livro *Lira Melancólica*. **Redatora: SFPB**

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PESSOA, Benjamim Falcão – (* 31.03.1899, Praia de Lucena-PB – + 28.08.1958, João Pessoa-PB). Publica seus poemas com frequência nos jornais locais.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PESSOA JÚNIOR, João Ribeiro da Veiga – (* 09.08.1892, Paraíba – + 13.02.1975, João Pessoa-PB). Filho de João Ribeiro da Veiga Pessoa e D. Amélia Figueiredo da Veiga Pessoa. Casado, em primeiras núpcias, com a senhora Adalgisa Batista da Veiga, deixando desse casamento três filhos: Maria do Socorro, Maria do Morro e José Gláucio. Em 1925, viúvo, casa-se com D. Maria Gasparina Barbosa. Veiga Júnior fez o curso primário em escolas particulares e o secundário, no Liceu Paraibano; não teve formação acadêmica, foi um autodidata. Muito culto, inteligente, charadista e historiador; pessoa de hábitos

simples, meticoloso, católico praticante; cultivava boas amizades, entre os mais íntimos, pode-se destacar: Maurício Furtado, Oscar de Castro, Celso Mariz, Pe. Florentino, Santa Rosa e João Unas. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, da Associação de São Vicente de Paula e sócio-fundador da Academia Paraibana de Letras. Não deixou livros publicados; a sua produção literária é comprovada através da imprensa; certa vez, aconselhada por Nelson Lustosa para publicar os seus artigos em livro, Veiga Júnior, por modéstia, queimou o seu arquivo, dizendo que nada daquilo deveria permanecer. Encontramos alguns artigos seus, publicados nas Revistas da Academia e do Instituto Histórico: O Lyceu ao tempo da madureza; Vamos falar ao presidente; A festa das Neves até o primeiro decênio deste século; O viver atribulado de Irineu Pinto.

Referências:

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/veigaj.htm>

PESSOA, Olavo Otaviano Pinto – (* 1871, Paraíba – + 1933, Recife-PE) Dirigiu *O Diário da Paraíba* em 1930.

PINHEIRO, Luiz Pereira Maciel – (* 11.12.1839, Paraíba, – + 09.11.1889, Recife-PE). Era filho de Braz Ferreira Maciel e D. Margarida Maciel Pinheiro; em 1879, casou-

se com Isabela de Castro, tendo nascido da união os filhos João, Tomaz e Luís. Fez os estudos primário, colegial e humanidades na cidade natal. No Recife, se matriculou em 1860 na Faculdade de Direito juntamente com Tobias Barreto, Castro Alves, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e Fagundes Varela, que inspirados nos princípios filosóficos de Victor Hugo, ansiavam por uma reforma política e social para o Brasil. Nessa época, fundou e dirigiu, juntamente com outros acadêmicos o jornal *O Futuro* jornal científico-literário, uma espécie de *porta-voz dos anseios da mocidade* e que tinha como redatores, Castro Alves e Martins Júnior; foi diretor de *A Província*, jornal abolicionista, sendo o seu maior colaborador Joaquim Nabuco. Através do jornal *O Futuro*, contestou a direção da Faculdade, valendo-lhe isso processo e condenação sob o olhar vigilante dos bedéis. Eram românticos e idealistas. Ao ser solicitado a pedir perdão e acabar com o periódico, o jornalista opta pelo castigo mantendo o jornalzinho que se tornou porta-voz das idéias abolicionistas e republicanas. Quando da morte de Abreu e Lima impenitente confesso, fez enérgicos protestos contra a Igreja por ter negado sepultamento ao historiador. “Pleno de esperança e sequioso de glória”, nas palavras de Liberato Bittencourt, foi

voluntário da guerra do Paraguai. O seu gesto foi saudado com um poema do amigo Castro Alves: “Partes, amigo, do teu antro de águias”. Ao voltar da guerra, onde passou dois anos, voltou sua pena contra a direção da campanha. Também retoma os estudos de Direito e bacharela-se em 1867. Assinou o manifesto republicano em 1870 e passa a dedicar-se à magistratura e mais profissionalmente ao jornalismo.

Em 1880, morre a sua esposa, deixando-lhe os três filhos pequenos: Tomaz, João e Luís. Sua maior válvula de escape, então, se dá através do jornalismo. Só a partir de 1884, contudo, Maciel decide se dedicar, de corpo e alma, à redação de artigos para o *Jornal do Recife* e *A Tribuna*, através dos quais defende os ideais abolicionistas de liberdade e igualdade. Nesse segundo jornal, inclusive, no dia 13 de maio de 1888, é possível identificar as matérias assinadas por Maciel Pinheiro, Joaquim Nabuco e José Mariano.

Maciel Pinheiro foi eleito para ocupar a cadeira número 22 da Academia Pernambucana de Letras. Participa da direção do jornal *A Província* e, com José Mariano, cria o jornal *O Norte*, dando continuidade à luta em prol do abolicionismo e dos direitos humanos.

Foi promotor público da cidade de Santo Antonio da Patrulha, no RS, juiz substituto em Recife, juiz de direito em Imperatriz, no

Ceará e de Taquaritinga e Timbaúba, em Pernambuco. Fundou, com o teatrólogo Martins Junior, o periódico *O Norte*. Dirigiu os jornais *A Província* e o *Jornal do Recife*, ambos de Pernambuco. Maciel Pinheiro sobressaiu-se como jornalista. Em 1º de junho de 1889, juntamente com Martins Júnior, fundou *O Norte*, jornal que circulou até 12 de novembro desse ano, tornando-se o mais eficiente meio de divulgação da campanha republicana. Por ironia, morreu três dias antes da proclamação da república, no Recife, na rua da Aurora, devido à malária adquirida durante a guerra do Paraguai. O abolicionista Joaquim Nabuco, admirador do jornalista escreve sobre ele as seguintes palavras: “Em toda a imprensa, não há ninguém cuja pena corte como uma espada afiada, como a dele; não há outro que seja ao mesmo tempo o escritor ardente, o magistrado inflexível e o soldado patriota que ele é. Em Maciel Pinheiro, o jornalista é o homem”. Publicou o livro *Reforma eleitoral*. **Redatora: SFPB**

Referências:

CASTRO, Oscar Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

VAINSENER, Semira Adler. “Praça Maciel Pinheiro” In <http://www.fundaj.gov.br/>

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira22.htm>

PINTO, Irineu Ferreira (*07.04.1881, João Pessoa - + 27.03.1918, João Pessoa). Era filho de Francisco Ferreira Pinto e D. Bernardina Ferreira Pinto. Aos oito anos de idade, ficou órfão de pai, passando aos cuidados da avó materna que morava no sítio Barreiras, atual cidade de Bayeux, onde viveu a sua infância e fez o curso primário, freqüentando, depois, o Lyceu Paraibano, pretendendo seguir a carreira jurídica, o que não foi possível. A pobreza obrigou-o a desistir do sonho e encarar a realidade, pois, devia trabalhar para ajudar no orçamento da família. Trabalhou nos Correios e Telégrafos, como amanuense, mas não se acomodou. Dedicou-se à pesquisa histórica e literária; fundou o Clube Benjamim Constant, núcleo literário do qual fazia parte a elite intelectual da Província; foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, tendo exercido os cargos de Secretário e Bibliotecário da entidade e integrou a Comissão que elaborou os estatutos da Casa; era sócio honorário do Centro de Ciências e Letras de Campinas; do Instituto Histórico da Bahia; da Sociedade de Geografia de Lisboa; da Real Academia de Arqueologia da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Alagoano, entre outras associações congêneres. Recebeu Medalha de Ouro da Sociedade Histórica de Paris e uma Medalha

de Cobre pela exposição de Turim. Bibliografia: *Datas e notas para a história da Paraíba, 1909*; *O cólera-morbus na Paraíba, 1910*; *Resenha dos trabalhos científicos, 1910*; *A igreja do colégio, 1910*; *A instrução pública na Paraíba, 1910*; *A Paraíba de Lyra Tavares, 1910*; *A abdicação, 1912*; *Notas para a história da ordem 3ª de Nossa Senhora do Carmo, 1912*; *Resenha dos trabalhos científicos do IHGP, 1912*; *Sobre o XVII Congresso de Americanistas, 1912*; *Assuntos bibliográficos*; *Heroísmo de Cabedelo*; *Capela do Senhor do Bom Jesus*; *A Bahia e o V Congresso Brasileiro de Geografia*; *Documentos para a bibliografia de Pedro Américo*. Colaborava nos jornais *A União*, *O Norte e O Comércio*, publicando trovas, sonetos e crônicas. **Redatora: LO**

Referências:

PINTO, Piragibe. *Irineu Pinto: sua vida e sua obra*. João Pessoa: (1955). <http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira19.htm>

PINTO, João Pereira de Castro – (* 1863, Mamanguape-PB – + 1944, Rio de Janeiro-RJ). Secretário de redação e Diretor de *A União*.

PINTO, Joel – (* 30.05.1899, João Pessoa-PB). Com vocação jornalística, cria diversos periódicos, como a revista *Menina*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PINTO, Luiz – Jornalista, colaborou em vários jornais do Rio de Janeiro.

PIRAGIBE, Aderbal – (* 06.05.1895, Cabedelo-PB - + 30.07.1940, João Pessoa-PB). Dedicou-se ao jornalismo, sendo redator dos jornais *O Norte*, *Correio Da Manhã*, *Brasil Novo* e *O Liberal*.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

PIRES, Pe. Heliodo de Souza – (* 11.09.1888, Umbuzeiro-PB – + 03.1971). Era filho de Silvestre Pires de Azevedo e Ludgera Almeida de Sousa. Seus estudos para receber as ordens foram no Seminário do Ceará, recebendo ordens em 1911, por D. Luis de Brito. Seu sacerdócio teve início em Cajazeiras, levado por D. Moisés Coelho para instalar a Diocese daquela cidade. Posteriormente, transferiu-se para o Recife, seguindo dali para os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Rio de Janeiro organizou os vitrais da igreja de São Judas Tadeu, composto dos maiores vultos religiosos nacionais. Dedicou-se aos estudos e ao trabalho, tornando-se especialista em literatura católica, estudioso das artes sacras e da história da igreja brasileira.

Como jornalista, escreveu para a imprensa do Recife, publicando trabalhos no *Jornal do*

Comércio e em *A Manhã*. O Padre Heliodoro era admirador do Padre Rolim, com o qual teve uma rápida convivência quando criança. Em sua homenagem escreveu uma biografia do padre, baseada em grande parte nas lembranças que lhes ficaram na memória. Sobre a biografia, porque baseada na memória e na tradição oral, apresenta inúmeros problemas com relação a datas e dados sobre o biografado e sua família. Um deles, apontado pelo Barão de Studart, em carta prefácio ao livro, desmente o fato de que Rolim tenha sido discípulo do Padre José Martiniano de Alencar no seminário do Crato, pois segundo ele nessa época Alencar pai freqüentava o Seminário de Olinda. Outra explicação para os “erros” teria sido a pressa do padre em inscrever o seu trabalho sobre Padre Rolim no Congresso de História, que ocorreu na Paraíba, em homenagem ao centenário da Revolução de 1817. Contudo, não há registro de que esse trabalho tenha sido apresentado ou discutido. Não há mesmo nenhum registro por escrito dessa apresentação. O padre Pires é patrono da cadeira nº 04 do IHGP. É autor de: *Pe. Inácio Rolim*, 1ª. Edição publicada em 1971, em Fortaleza. Em 1991 foi editada uma 2ª. edição atualizada pelo historiador Deusdedit de Vasconcelos Leitão. *Nos Caminhos do Nazareno*, 1923; *No*

Sorriso das Almas, 1925; *A Pedagogia na Áustria e a Obra Admirável de Oto Glockel*, 1933; *A Poesia na Igreja do Ocidente*, 1934; *As Educadoras Beneméritas da Colina de Santana*, 1934; *A Paisagem Espiritual do Brasil no Século XVIII*, 1937; *Nas Galerias da Arte e da História*, 1944; *Cenas e Perfis dos Legendários Cristãos Pilatos, Verônica e Plautila*, 1958; *O Aleijadinho*, 1942; *Mestre Aleijadinho: Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa*, 1961/ *Temas da História Eclesiástica no Brasil*, 1946.

Redatora: SFPB

Referências:

DUARTE, Sebastião Moreira. “O auto de batismo”. In PIRES, Heliodoro. *Padre Mestre Inácio Rolim*, um trecho da colonização do Norte brasileiro e Padre Rolim, 2ª. ed. Teresina, Grupo Claudino, 1991.

PIRES, Heliodoro. *Padre Mestre Inácio Rolim*, um trecho da colonização do Norte brasileiro e Padre Rolim, 2ª. ed. Teresina, Grupo Claudino, 1991.

PIRES, Rodolfo – (Areia). Poeta, abolicionista, pertenceu à Sociedade Emancipadora, fundada em Areia por Manoel da Silva e Coelho Lisboa.

PORTO, Carlos Eugênio – (* Cruz do Espírito Santo-PB – + 1979, Rio de Janeiro-RJ). Escreveu em *O Roteiro do Piauí*.

RABELO, Francisco José – (1850). O nome desse bacharel paraibano figura com destaque entre os que, no século passado, esforçaram-se por dar a Paraíba, uma imprensa à altura de sua tradição. Colaborou em diversos jornais; fundou *O Comércio*, em 1882; foi redator-chefe do *Diário da Paraíba* e redator de *O Liberal Paraibano*.

Referência:

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. *Bacharéis Paraibanos pela Faculdade de Olinda – 1832-1853*. João Pessoa: A União, 1977.

RAMOS, José Leal – (* 1891, São João do Cariri-PB – + 1976, João Pessoa-PB). Presidente da Associação Paraibana de Imprensa, ex-diretor de *O Norte*.

RÉGIS, Edson – Fundou o suplemento do jornal *A União, Correio das Artes*.

RETUMBA FILHO, Francisco Soares da Silva – (* 08.08.1856, João Pessoa-PB – + 03.12.1890, Recife-PE). Era filho do engenheiro português Francisco Soares da Silva Retumba, construtor da Ponte Sanhauá, ele de ligação entre a capital e o interior do Estado. Francisco Retumba Filho, ainda jovem, foi morar na Europa,

formando-se na França em Engenharia de Minas. Existe uma dúvida quanto à formatura de Retumba, levantada por José Joffily no seu livro *Entre a Monarquia e a República*, página 112, onde questiona se Retumba era diplomado ou não. Voltando à Paraíba, formado em Engenharia de Minas, Retumba foi convidado pelo Presidente da Província a preparar um estudo sobre os recursos econômicos do Estado. Viajou pelo interior durante muito tempo, estudando a sua viabilidade, e chegando à conclusão que o maior obstáculo ao desenvolvimento do Estado era a inexistência de meios de comunicação entre as cidades do interior, o que dificultava enormemente a exportação dos produtos agrícolas. Em agosto de 1861 ele apresentou um vasto relatório sobre o estudo realizado. Se uniu a Irineu Joffily na criação do jornal *A Gazeta do Sertão* (órgão de propaganda republicana que por ironia foi destruído pelo primeiro governo republicano).; ambos destacaram-se não como empresários, mas como brilhantes articulistas. Retumba morreu, misteriosamente, no Recife.

Referências:

JOFFILY, José. *Entre a Monarquia e a República – Idéias e lutas de Irineu Joffily*. Cosmos, Rio de Janeiro, 1982;

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, vol. IV, p. 164.

<http://www.ihgp.net/memorial4.htm>

RIBEIRO, Beatriz – escritora paraibana, com farta colaboração nos jornais de João Pessoa e de muitas cidades dos Estados Nordesteiros. Sua pena prestimosa e amável, seus escritos bem elaborados, escreveu para o *Brasil Feminino* a bela Revista de Iveta Ribeiro que lhe estampou o retrato. Beatriz no dia 05 de agosto de 1936, assume o cargo de secretária da Associação Paraibana de Imprensa, na posse da nova diretoria. No mesmo mês, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), em 23 de agosto de 1936, sendo recepcionada pelo Historiador José Batista de Mello. A sua produção literária foi publicada no jornal *A União*, na década de 30. Com problemas de saúde e sem condições de manter em atividade sua vida cultural e literária, Beatriz decidiu renunciar à condição de sócia do IHGP, dizendo que: “a vaga será preenchida com certeza por um dos que, fora do Instituto, se distingue nas realizações e esforços pelos ideais comuns, em harmonia com os que já integram seu quadro social, de merecido renome”. O IHGP não acolheu seu pedido de renúncia da consórcia, mantendo-a no quadro social até hoje, naturalmente, a cadeira ser declarada vaga. **Redator: FS**

Referências:

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário Bibliográfico de Mulheres Ilustres e Intelectuais do*

Brasil. 3º Volume.. Ed. Pongetti - Rio de Janeiro. 1972, P. 582

A União, João Pessoa de 1930/1940

A Imprensa, João Pessoa 1928/1940

Memorial do IHGP. Ed. Comemorativa dos 90 anos de Fundação 1905-1995. J. Pessoa, 1995.

Revista Ilustração, João Pessoa, agosto de 1936, nº 27.

RIBEIRO, Hortêncio de Sousa (* 31.01.1885, Campina Grande-PB – + 16.08.1961, Campina Grande-PB). Filho de José Maria de Souza Ribeiro e D. Minervina Lima Ribeiro. Fez o curso primário em Campina Grande, no Colégio São José e os preparatórios em colégios da capital do Estado e de Recife. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1918. Ainda no Rio, tentou estudar Medicina, mas por motivo de saúde abandonou o curso médico já no 2º ano e voltou a sua querida Campina Grande, cidade que sempre amou e dedicou. quase toda sua vida, onde era muito querido e respeitado, sendo para os jovens que desejavam ingressar nas artes literárias, um verdadeiro Mecenas, incentivava e ajudava a todos. Não se envolvendo em política, podia manter-se imparcial nas suas atitudes. Em 1939, casou-se com D. Maria de Moura Ribeiro. O casal teve quatro filhos: Maria de Molina, Rosália Maria, João Hortêncio e Jacinta de Fátima. Colaborou na imprensa paraibana, escrevendo em vários jornais.

Em *A Imprensa*, jornal pertencente à Arquidiocese da Paraíba, ela manteve, por muito tempo, uma coluna intitulada “Nota do dia”, onde eram perfiladas pessoas de atuação relevante na história política, social e religiosa de Campina Grande. Colaborou em *A União*, *A Voz da Borborema*, *Gazeta do Sertão*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, nos *Anuários* de Campina Grande e no *Jornal do Comércio*, do Recife. Foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, integrando os seus quadros a partir de 14 de setembro de 1941. Participava de todos os Grêmios Literários que surgiam e, entre estes, citamos: o Gabinete de Literatura 7 de Setembro e o Centro de Estudos Campinenses. Não deixando livros publicados, após sua morte, D. Maria de Lourdes colheu em jornais e revistas os seus escritos, enfeixando-os em livro, formando, assim, uma antologia de suas crônicas e artigos, intitulada *Vultos e fatos*, publicada pelo Governo do Estado em 1979. Tornou-se articulista diário do jornal *A Imprensa* e colaborador de *A Voz da Borborema*, *Jornal do Comércio*, *A União* e REV.IHGP. Possui obra inédita sobre meio século de República no Estado e muitos outros artigos publicados na Revista APL e nos jornais locais.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/hortencior.htm>.

RIBEIRO, Odilon Nestor de Barros (* 26.02.1874, Teixeira-PB – + 1968, Recife-PE). Publica em revistas e jornais do Recife. Foi o primeiro redator chefe do *Jornal do Comércio*, de Pernambuco. Poeta e jurista, o sertanejo, foi à Europa mais de 15 vezes e era professor de Direito Internacional. Segundo Hélio, sua participação deu ao referido jornal o “tom cosmopolita que marca o jornal até hoje”.

Durante anos foi Presidente do Centro Regionalista do Nordeste; participou do movimento Regionalista, Tradicionalista e a seu modo Modernista. Algum dos seus versos escreveu-os inspirados em assuntos regionais e até recifenses. Viveu no Recife a maior parte de sua longa vida. Segundo Gilberto Freire, ele quase não viajou ao Rio de Janeiro, vivendo apenas entre o Recife e a Europa. Foi por isso, na opinião do sociólogo, um “provinciano cosmopolita”. Odilon Nestor possui uma obra variada e numerosa. Escreveu *Faculdade de Direito do Recife: traços de sua história*, 1930; ainda no campo do Direito, publicou *Direito Internacional Privado*, 1919; no campo da literatura publicou, em 1906, o primeiro

livro de poesias, *Juvenilia* e na maturidade *O barqueiro das sombras*, 1945. **Redatora: SFPB**

Referência:

HÉLIO, Mário. *A literatura nas páginas do JC*. In:

<http://www2.uol.com.br/JC/1999/80anos/80c21.htm>

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

RODRIGUEZ, Walfredo – (* 1893, João Pessoa-PB – + 1973, João Pessoa-PB). Filho de Emiliano Rodriguez Pereyra, Walfredo Rodriguez nasceu no ano de 1894, na cidade de João Pessoa, então denominada Cidade da Parahyba. Segundo o alistamento eleitoral de 1898, seu pai possuía residência na Rua da Viração, atual Avenida Gama e Mello na referida cidade. Sua infância deu-se entre artistas, posto seu pai, Emiliano possuir um hotel-botequim no Teatro Santa Roza, e sempre ter sido um admirador da cultura e da arte. Além disso, desde criança, Walfredo teve profunda ligação com a fotografia, pois o seu avô paterno era fotógrafo. Iniciou carreira no cinema em 1921. Walfredo Rodriguez faleceu em 1974, aos 80 anos de idade, na mesma cidade em que nasceu. Em 1984, a Fundação Casa José Américo promove a “Semana Cultural Walfredo Rodriguez” para celebrar seus 90 anos, a qual culminou

com a publicação do livro: Walfredo Rodriguez e a cultura paraibana, organizado por Alex Santos.

Conhecido como escritor foi também destacado fotógrafo e cineasta. Sua carreira iniciou-se no cinema, quando, em 04 de setembro de 1921, exibiu no Cine Rio Branco, na Cidade da Parahyba, um filme documentário de uma retreta que havia sido realizada na Praça Venâncio Neiva, na referida cidade. No mesmo mês, viajou ao Rio de Janeiro para ser fotógrafo da Federal Filmes, tornando-se posteriormente um dos fotocinematografistas da Companhia de Antônio da Silva Barradas, dono da Omnia Film. Ao voltar à Paraíba passa a produzir cine-jornais, exibidos nos cinemas de sua cidade, particularmente no Cine Rio Branco e no Filipéia, com o título de “*Filmes-Jornais do Brasil... Um pouco de tudo*”. O que o fez ser considerado por muitos autores paraibanos, como pai do cinema paraibano.

Estes filmes-jornais possuíam 10 minutos de duração, em média revelados em cores: azul quando as cenas se passavam à noite; e amarelo, quando as cenas ocorriam durante o dia. A maioria deles, a exemplo do que produzia Antônio Barradas na cidade do Rio de Janeiro, com quem Walfredo havia trabalhado anteriormente, destacava a parte esportiva. Esse é o caso do flagrante do jogo de futebol entre os clubes “Parahyba

United” e o “Red Cross” realizado entre os anos de 1923 e 1924, porém, seus filmes não se limitavam ao esporte. Podemos citar: um flagrante da chegada do recém-eleito presidente João Suassuna à Cidade da Parahyba, em 1924; os filmes sobre a dança de coco, e ainda o “Reminiscência de 30”. Segundo Wills Leal (2007) esses “filmes-jornais” tiveram pouco tempo de duração. Cerca de 20 filmes foram lançados por Walfredo, durante os aproximadamente, três anos de produção. Isto se deve ao fato de que os filmes-jornais não eram lucrativos, já que o material para sua produção era custoso e precisava ser adquirido na cidade de Recife, o que encarecia ainda mais o processo. Portanto, os filmes-jornais deixaram de ser realizados.

Diante da não lucratividade dos filmes-jornais, Walfredo passa a produzir filmes mais longos, divididos em três partes, que totalizavam ao final, cerca de 80 minutos de duração, como por exemplo, o “Carnaval Paraibano e Pernambucano”, de 1923, que chegou a ser exibido na cidade do Rio de Janeiro, no Cine Pathé. Este filme pode ser considerado um documentário jornalístico, pois tratava de mostrar as várias faces do carnaval paraibano e pernambucano, partindo dos blocos formados pelos integrantes da elite da época, como o “Aluga-se um coração”, até os blocos dos

Índios, constituído pela população em geral e ainda o bloco “Filopanças”, título que se refere à própria organização do bloco, posto que o mesmo saía às ruas, de casa em casa.

Em seguida, no ano de 1924, Walfredo inicia as filmagens de “Sob o céu Nordeste”, momento em que era diretor e proprietário da “Empresa Nordeste Filme”. Como paraibano, e profundo admirador de sua terra e apaixonado por sua riqueza cultural Walfredo pretendia, através desse filme, mostrar ao país que o nordeste não era apenas seca, ou miséria, para poder contestar o que os seus colegas de trabalho da “Federal Filmes” do Rio de Janeiro diziam sobre a Paraíba não ter nada civilizado, e que os índios atacavam as pessoas na cidade. Portanto, em 1928, seu sonho é concretizado, e “Sob o céu Nordeste”, é finalizado, com aproximadamente duas horas de projeção. Mais um filme de caráter documentário, sendo sete partes com esta característica, e uma parte fictícia, a primeira delas, considerada pelos autores paraibanos que analisaram a obra, como um prólogo-ficção, no qual o autor demonstra a nossa formação histórica. Concluído, o filme foi exibido em várias cidades do estado e em outros estados nordestinos, como a Bahia e o Rio de Janeiro. Posteriormente foi levado

por Antônio Barradas para Paris, a fim de sonorizá-lo, porém isto não foi possível, já que o mesmo faleceu subitamente durante a viagem, e não foi mais possível encontrar esta cópia original do filme.

Em primeiro de setembro de 1950, o Cine Rex Rotary Clube da Paraíba, juntamente ao Departamento de Educação, promove um festival com os filmes de Walfredo Rodriguez, que segundo os jornais da época ao veicular este festival o tratavam como “filmes de flagrante da vida nordestino, nos anos de 1923 e 1924”.

Ao analisar as obras sobre Rodriguez, percebemos que muitos são os autores que o citam como colunista de algumas revistas e jornais, que circulavam na cidade de João Pessoa, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Porém não foi possível comprovar determinada afirmação, posto que a maioria dos artigos publicados nos jornais e revistas durante o período referido não era assinada. Algumas revistas, como a “Era Nova”, por exemplo, sobretudo as do início da década de 1920, as quais tivemos acesso, traz junto ao sumário, a lista de colaboradores, dentre os quais não consta o nome de Walfredo, apesar disso alguns autores o citam como colunista da mesma.

No jornal *A União*, encontramos, no ano de 1942, a seguinte citação: “com um brilhante êxito, foi inaugurada, domingo último, às 16

horas, a exposição de quadros foto-verniz, organizada pelo artista fotógrafo Walfredo Rodriguez, chefe do serviço fotográfico desta folha, sob o patrocínio do casal Ruy Carneiro”, (grifo nosso). Ou, conforme afirma J. Veiga Júnior em outra ocasião, ainda no referido jornal “não sei se estou perpetrando indiscrição repreensível advertindo ao codaquista (grifo nosso) de *A União* de que a escolha do local não primou bastante pela felicidade.” (08 de outubro de 1942), ambos referindo-se à Exposição “Dos tempos dos azulejos e beirais à cidade de hoje”, sobre a qual falaremos adiante. Portanto resta-nos a indagação se a contribuição de Walfredo Rodriguez estava nas fotografias utilizadas pelos jornais, ou se algumas colunas eram escritas pelo mesmo.

Vários são os registros nos jornais da época sobre a abrangência da exposição “Dos tempos dos azulejos e beirais à cidade de hoje”. O jornal *A União*, no mês de outubro de 1942, publica quase que diariamente chamadas para a mesma, a partir das quais podemos aqui refazer um pouco de sua história.

A abertura oficial da supracitada exposição ocorreu no domingo, dia 04 de outubro, no andar térreo da ex-Caixa Rural, na Rua Duque de Caxias, área central de João Pessoa. Foi patrocinada pelo interventor federal Ruy Carneiro e sua esposa, que

adquiriram sete quadros de azulejos no momento em que visitaram a exposição, junto com o seu assistente militar o capitão Manuel Ramalho e outras autoridades da época. O então prefeito da cidade, Francisco Cícero adquiriu para a Galeria da Prefeitura vários quadros “que futuramente serão encaminhados para a Galeria Tururbanística da cidade” (*A União*, 13 de outubro de 1942).

“Dos tempos dos azulejos e beirais à cidade de hoje”, contava com 258 quadros, e já no terceiro dia de exposição haviam sido vendidos 66. No dia anterior à abertura oficial é promovido por Walfredo Rodriguez um coquetel com a finalidade de receber a Associação Paraibana de Imprensa. A maioria dos jornalistas da época o considerava um fotógrafo competente, que “apanhou vários aspectos da Parahyba de outrora e os apresenta sob um seu processo de foto-verniz, juntamente com seu aspecto atual da cidade”. Essa capacidade fez com que os visitantes, (cerca de 400 pessoas por dia) tenham “uma visão retrospectiva da cidade, podendo facilmente julgar seu processo” de urbanização. (*A União*, 11 de outubro de 1942).

Vale salientar que Walfredo era além de fotógrafo, um colecionador de jornais e revistas, portanto muitas dessas fotografias, principalmente as primeiras, de meados do

século XIX, quando o autor da referida exposição tinha poucos anos de idade, fazem parte de seu acervo de colecionador, e não foram feitas pelo mesmo. Enfatizamos aqui a contribuição desta exposição para a produção da imprensa local, posto acreditarmos que muitas destas fotos expostas foram posteriormente utilizadas nas matérias jornalísticas. É possível perceber no próprio jornal *A União*, já que Walfredo era fotógrafo do mesmo, ou da Revista *Era Nova*, quando até mesmo anterior a esta data, em 1923 encontramos um foto da cidade assinada por ele.

A partir da década de 1950, o autor passa a publicar algumas obras, a primeira delas, é *História do Teatro da Paraíba: só a saudade perdura* (1831-1908), lançado em 1960, que tem o objetivo principal de retratar os teatros na Paraíba, particularmente o Teatro Santa Roza. Isto devido ao fato, não só de Walfredo Rodriguez ser o diretor desta casa de espetáculos na referida época, mas também, como já dissemos no início deste relato, ter sua vida ligada ao mesmo desde criança, quando seu pai aí trabalhava. A segunda obra de grande destaque para a historiografia paraibana é o “Roteiro Sentimental de uma Cidade”, publicado em 1962, e reeditado 1994. Trata-se de uma rica descrição da cidade de João Pessoa, em que

o autor revela um grande saudosismo da cidade de tempos passados. Em 1974, seu filho José de Nazareth Rodriguez organiza o livro “Dois séculos de cidade: passeio retrospectivo”, que contém imagens da Parahyba registradas por Walfredo Rodriguez.

Pelo exposto, afirmamos que a contribuição de Walfredo Rodriguez acerca da cultura paraibana, é bastante ampla, já que se encontra no cinema, no teatro, mas, sobretudo nos jornais e na fotografia, pois muitas dos artigos de imprensa publicados à época tinham como fundamento ilustrativo as imagens captadas ou coletadas por ele.

Redatoras: DSM/ NLARS

Referências:

LEAL. Wills. *Cinema na Paraíba/Cinema da Paraíba*. Livro-álbum. 2º volume. Academia Paraibana de Letras: João Pessoa, 2007.

MELLO. Virginius da Gama e. Prefácio. (In) *Dois séculos de cidade: passeio retrospectivo*.

_____. Prefácio. (In) *História do Teatro da Paraíba: Só a saudade perdura (1831-1908)*. Imprensa Oficial: João Pessoa, 1960.

RODRIGUEZ. Walfredo. *Roteiro Sentimental de uma cidade*. 2. ed. A União Editora: João Pessoa, 1994.

_____. *História do Teatro da Paraíba: Só a saudade perdura (1831-1908)*. Imprensa Oficial: João Pessoa, 1960.

SANTOS. Alex. (org.) *Walfredo Rodriguez e a cultura paraibana*. EGN: João Pessoa, 1989.



SANTOS NETO, Antônio Bernardino dos – (* 28.02.1884, João Pessoa-PB – + 04.09.1934, Rio de Janeiro-RJ). Filho de Arthur Aquiles, segue o itinerário comum à época, cursando o primário e o secundário na capital paraibana, formando-se em Direito no Recife. Desde os tempos do Liceu Paraibano torna-se amigo de Augusto dos Anjos. Publica seus primeiros poemas no jornal *O Comércio*, dirigido por seu pai, onde começa sua carreira jornalística. Em 1908, demite-se do cargo de Oficial de Gabinete de João Lopes Machado e vai morar no Rio de Janeiro, onde é nomeado juiz de Direito. Sua produção varia da poesia – *Versos do coração* (1903), passando pela biografia com os *Perfis do Norte* (1910), editado pela Garnier. Em 1926 publica no Rio de Janeiro, pela Livros e Papeis, *Criminalidade e justiça* e em 1932 publica *Psicologia criminal e justiça* pela Civilização Brasileira. Também é autor do livro *Imprensa doutrinária e informativa*, sobre o qual não constam nem informações de data, nem de editora.

Referências:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Antônio Bernardino – (* 1835, Paraíba, – + 1912, Rio de Janeiro-RJ).

SANTOS, Arthur Aquiles dos – Ver AQUILES, Arthur.

SERRA SOBRINHO, Joaquim Maria – (* 20.07.1838, São Luís-MA – + 29.10.1888, Rio de Janeiro-RJ). Jornalista, professor, político, teatrólogo, é o patrono da Cadeira n. 21, por escolha de José do Patrocínio. Seu pai, Leonel Joaquim Serra, militava na política e no jornalismo, redigindo *O Cometa* (1835) e a *Crônica dos Cronistas* (1838), em São Luís. Estudou humanidades na província natal. Entre 1854 e 1858 esteve no Rio de Janeiro para ingresso na antiga Escola Militar, carreira que abandonou, voltando a São Luís. Sem mais a preocupação de ir em busca de um diploma de faculdade, iniciou-se muito moço no jornalismo e na poesia. Seus primeiros escritos (1858-60) saíram no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotero dos Reis. Em 1862, com alguns amigos, fundou o jornal *Coalisão*, que advogava em política o Partido Liberal. Em 1867, fundou o *Semanário Maranhense*. Foi professor de

gramática e literatura, por concurso, no Liceu Maranhense, deputado provincial (1864-67), secretário do Governo da Paraíba (1864-67). Ainda residia na província quando foi apresentado literariamente à corte por Machado de Assis numa de suas crônicas do Diário do Rio de Janeiro (24.10.1864). Em 1868, fixou residência no Rio de Janeiro. Fez parte das redações da Reforma da Gazeta de Notícias, da Folha Nova e do País, foi diretor do Diário Oficial (1878-82), de que, com dignidade, se exonerou por divergir do gabinete de 15 de janeiro de 82. Deputado geral (1878-81) pelo Maranhão, foi um combatente tenaz na campanha abolicionista, “o publicista brasileiro que mais escreveu contra os escravocratas”, no dizer de André Rebouças. Escreveu também para o teatro, como autor e tradutor. Suas peças, entretanto, ao que parece, nunca foram impressas. Adotou vários pseudônimos: Amigo Ausente, Ignotus, Max Sedlitz, Pietro de Castellamare, Tragaldabas. Segundo o *Dicionário literário da Paraíba* deixou várias comédias em que se destacam *O chapéu*, *Lágrimas de crocodilo* e *Idílios*. Sua poesia foi publicada sob o título de *Tetéias e Efêmeras*.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

Patrono. Academia Brasileira de Letras. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=900&sid=225>

SILVA, Antônio Joaquim Pereira da – (* 06.11.1876, Araruna-PB – + 11.01.1944, Rio de Janeiro-RJ). Filho de Manuel Joaquim da Silva e Maria Ercelina da Silva. Seu pai era um carpinteiro, que fabricava violas para as festas e caixões para os cemitérios. Foi durante muito tempo coroinha e sineiro da Capela da Conceição. Aprendeu as primeiras letras com o mestre escola, Tio Sinésio, a quem dedicou um poema. Aos quatorze anos, muda-se para o Rio de Janeiro, sem conhecer ninguém. Seguindo a trajetória paterna, matricula-se no Liceu de Artes e Ofícios, até atingir a idade de poder matricular-se na Escola Militar. Ainda muito jovem dedicou-se à carreira de poeta e jornalista com pequenas contribuições em revistas especializadas. Dos simbolistas já ouvira falar através da leitura de revistas e livros principalmente o *Gouaches*, de João Barreira, livro de poemas em prosa, adotado pelo grupo. Ao chegar a Curitiba, entrou em contato com os membros da Revista *O Cenáculo*, dirigida por Dario Veloso, Silveira Neto, Antônio Braga e Júlio Pernetá, irmão de Emiliano Pernetá. Naquela cidade, fundou revistas simbolistas onde também exerceu atividades de jornalista, como era próprio aos jovens

da época. Para sobreviver, ensina português e literatura no Ginásio local. Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife. Emigrou para o sul do País, sendo Promotor Público no Paraná. Poeta e pensador, foi um dos expoentes da escola simbolista, dedicando-se ao jornalismo junto com outros simbolistas, entre os quais Carlos Dias Fernandes junto a quem integra o grupo *Rosa Cruz*. Na segunda fase da *Rosa Cruz* conheceu Colatino Barroso e particularmente se ligara a Álvaro Sá de Castro Menezes, também do Arte Nova, com quem trabalhou como redator do *Jornal do Comércio*.

Em 1922, juntamente com Agripino Grieco e Théo Filho, dirige o mensário *O Mundo literário*. Segundo Alcides Carneiro, foi João do Rio quem cogitou a possibilidade de lançar o seu livro de poesia pela editora Garnier, Luís Murat, por sua vez, acenava-lhe com a possibilidade da Lelo & Irmão do Porto, responsáveis pela edição de Coelho Neto, Silvio Romero entre outros. Seguindo o colega Vicente de Carvalho que teve o seu livro publicado com prefácio de Euclides da Cunha, Pereira da Silva, entrega-lhe a única cópia, contando que um prefácio de tal nome garantiria sua publicação.

Nesse momento é nomeado para o cargo de Promotor Público na cidade de São José dos Pinhais, no Paraná, em seguida para

Palmeira, quando soube do assassinato de Euclides da Cunha e do conseqüente desaparecimento do livro no qual trabalhara tantos anos. Sem vocação para o cargo, deixa o interior do Paraná e volta à cidade do Rio de Janeiro, em 1911, onde volta a ser jornalista militante na *Gazeta de Notícias*, do seu amigo Félix Pacheco. Ajudou a lançar *A Noite*, de Irineu Marinho, cuja intenção era a de publicar um vespertino com feitiço diferente dos demais existentes, com o grupo dissidente de *A Gazeta*. Conseguiu que o jornal fosse impresso nas oficinas do *Jornal do Comércio*. Segundo Alcides Carneiro, a imprensa era para ele uma “segunda natureza”. Paulo Barreto (João do Rio), quando fundou *A Pátria* o fez seu redator-chefe, em 1920.

Em 1934, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, mas não dispunha de dinheiro para confeccionar o fardão.

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

SILVA, Beatriz Ribeiro da – Escritora paraibana, com farta colaboração nos jornais de João Pessoa e de muitas cidades dos Estados Nordestinos. Sua pena prestimosa e amável, seus escritos bem elaborados, escreveu para o *Brasil Feminino* a bela Revista de Iveta Ribeiro que lhe

estampou o retrato. Beatriz no dia 05 de agosto de 1936 assume o cargo de secretária da API, na posse da nova diretoria. No mesmo mês, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), em 23 de agosto de 1936, sendo recepcionada pelo Historiador José Batista de Mello. A sua produção literária foi publicada no jornal *A União*, na década de 30. Com problemas de saúde e sem condições de manter em atividade sua vida cultural e literária, Beatriz decidiu renunciar à condição de sócia do IHGP, dizendo que: “a vaga será preenchida com certeza por um dos que, fora do Instituto, se distingue nas realizações e esforços pelos ideais comum, em harmonia com os que já integram seu quadro social, de merecido renome”. O IHGP não acolheu o pedido de renúncia da consórcia, mantendo-a no quadro social até hoje, naturalmente, a cadeira ser declarada vaga. **Redatora: FS**

Referências:

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário Bibliográfico de Mulheres Ilustres e Intelectuais do Brasil*. 3º Volume.. Ed. Pongetti - Rio de Janeiro. 1972, P. 582.

SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e M. *Mulher e fronteira na historiografia paraibana – 1940/1964*. João Pessoa-PB. Projeto PIBIc/CNPq, (2001).

A União, João Pessoa de 1930/1940

A Imprensa, João Pessoa 1928/1940

Memorial do IHGP. Ed. Comemorativa dos 90 anos de Fundação 1905-1995. J. Pessoa, 1995.

Revista ILLUSTRAÇÃO, João Pessoa, agosto de 1936, nº 27.

SILVA, Joaquim José Henrique da – (* 03.07.1820, Areia-PB – + 18.07.1889, Areia-PB). Era casado, em primeiras núpcias, com D. Joaquina Nunes Pinto, ficando viúvo, casou-se novamente com D. Raquel Augusta Gouveia; dos dois casamentos, nasceram vinte e seis filhos, entre estes, Júlio, Abel da Silva, Cicina e Tito Silva. Fez o curso primário em Areia e, não dispondo de recursos para freqüentar uma escola superior em outra cidade, Joaquim da Silva estudou sozinho. Foi um autodidata. Tornou-se um latinista respeitável, capaz de concorrer com o famoso Tobias Barreto a uma vaga de professor de Latim na Faculdade de Olinda. No Colégio de Areia, lecionava Francês e Latim; escreveu o *Manual do estudante de Latim*, editado na Bahia, em 1855; traduziu a *Arte poética*, de Horácio e escreveu uma Gramática grega, que nunca foi publicada. Em 1859, fundou o *Teatro Recreio Dramático* que foi a *célula mater do Teatro Minerva*, de Areia. Joaquim da Silva foi um abolicionista autêntico; fundou a Sociedade Emancipadora Areiense e um periódico *A Verdade*, através dos quais fazia campanhas abolicionistas. *A Verdade* foi um “órgão progressista e noticioso”, que

circulou entre os anos de 1888 e 1896. Seu fundador foi o abolicionista Manuel da Silva. O movimento era tão convincente que rapidamente ele se tornou amigo da classe senhorial, o que fez com que Areia se antecipasse à Lei Áurea, libertando os seus escravos duas semanas antes do 13 de maio. Como jornalista, participou dos periódicos *O Areiense*, fundado em 1877, por ele e dois dos seus filhos, Júlio e Tito Silva. Segundo Gaudêncio, Joaquim da Silva foi um precursor do empresário paraibano, sendo suas iniciativas – introdução da máquina a vapor no processo de descaroçamento do algodão, o traçado e as primeiras obras da estrada da Onça. Nas páginas d' *O Areiense*, Joaquim da Silva sugere o “aproveitamento dos braços ociosos na construção de açudes, no calcamento das ruas, no melhoramento das estradas e caminhos que ligavam Areia a outras localidades da região”. Nessa linha, também defendia a construção de um mercado municipal. No campo cultural, suas iniciativas compreendem a construção do teatro, a instalação de um gabinete de leitura e posteriormente a construção das bases do Instituto Jurídico Paraibano. Pelo Partido Liberal, elegeu-se Deputado Provincial, por várias legislaturas, mas não conseguiu eleger-se Deputado Geral. Sensível aos problemas sociais, fundou uma escola

gratuita para atender às crianças flageladas da seca de 1877 e, para defender seus conterrâneos mais carentes, improvisou-se advogado. Em 1882, com 62 anos, foi nomeado Inspetor do Tesouro e, para assumir o cargo, foi obrigado a deixar a sua cidade e estabelecer-se na capital. Em 1884, cria na capital paraibana o Colégio Paraibano que foi, por muitos anos, considerado um dos melhores colégios do Nordeste, onde, estudavam além dos paraibanos, os filhos das famílias dos Estados vizinhos. Morreu no Recife, para onde foi em busca de melhoras para os males da bexiga que o afligiam, uma prostatite crônica irreversível. **Redatora: SFPB**

Referências:

CASTRO, Oscar Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

GAUDÊNCIO, Francisco de Sales. *Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do império*. Bauru: Edusc, 2007.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira20.htm>

SILVA, José Coutinho da. (Padre Zé Coutinho) – (* 1897, Esperança-PB – + 1973, João Pessoa-PB). Gerente de *A Imprensa*.

SILVA, Tito Henrique – Latinista, jornalista e empresário. Foi o primeiro Diretor do jornal *A União*. Fundou em 1892 a fábrica Tito Silva, a primeira de vinho de

caju do Nordeste.

SILVEIRA, Isabel Iracema Feijó da – (* 25.12.1893, João Pessoa –). Foram seus pais Emídio de Oliveira Feijó e Maria Carolina de Lima Feijó. Fez seus estudos primários na Escola pública da professora dona Maria Amélia Cavalcante de Avelar e os secundários na Escola Normal do Estado, onde recebeu o diploma de professora, no dia 26 de março de 1908. Em visita a Aliança Liberal a Santa Rita, em fevereiro de 1930, fez o discurso de saudação. Tendo exercido os seguintes cargos: professora pública em Guarabira, Areia e Santa Rita, em cuja cadeira foi jubilada. Não tem nenhum livro publicado, mas, foi colaboradora em vários jornais como: *A União* e *A Imprensa* na página feminina das Revistas *Era Nova*, *Manáira* e *Almanach*, desta Capital, do Rio de Janeiro e dos Estados vizinhos, que estampam suas poesias. Iracema foi a primeira mulher a ter o título de eleitor em 1929 e a votar no Estado da Paraíba em 1930. **Redator: FS**

Referências:

Revista Manáira João Pessoa, dezembro de 1940. N° 14 pág. 32

A União, João Pessoa de 1930/1945.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940.

SILVEIRA, Josué Gomes da – (* 1897, Alagoa Grande-PB, – + 1975, João Pessoa-PB). Gerente de *A União*.

SOARES, Epitácio. Campina Grande (?) – (?). Editor de *Diário da Borborema*.

SOARES, Orris Eugênio (* 14.10.1884, João Pessoa-PB – + 10.02.1964, Rio de Janeiro-RJ). Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife. Foi deputado, jornalista e homem de letras. Secretário Geral do Estado da Paraíba [1920]. Fiscal de Bancos. Delegado do Tribunal de Contas e do Instituto Nacional do Livro. Fundou com seu irmão Oscar Soares, o jornal *O Norte* no dia 7 de maio de 1908. Na época, a capital paraibana se chamava Parahyba. *O Norte* foi concebido dentro de padrões jornalísticos modernos para o período, com boa qualidade gráfica e textual, revolucionando a imprensa de seu estado de origem. Seu lançamento fora noticiado até pelo concorrente direto, o jornal *A União*, hoje o jornal mais antigo ainda em circulação na Paraíba. Apesar da qualidade de suas obras teatrais, hoje reconhecidas e estudadas por historiadores paraibanos, Orris Soares é injustamente mais conhecido pelo fato de ter prefaciado e organizado a obra de Augusto dos Anjos *Eu e Outras Poesia*. Em 1920, ele organiza, prefacia e prepara a edição do volume de poesias publicado em vida pelo próprio poeta, acrescido de versos póstumos. É também de 1928, por interferência sua que a Livraria Castilho, do Rio, edita a 3ª edição,

com extraordinário sucesso de crítica e público.

Sobre seu teatro, Paulo Vieira reconhece a qualidade e tendências expressionistas. No que diz respeito a Rogério, sua obra prima, “o tema é a revolução. Outro indicador de sua modernidade, pois aparenta tomar como referência à revolução soviética de outubro de 1917”. Segundo Paulo Vieira, “por este ponto de vista, torna-se ainda mais espantosa a contemporaneidade da obra, pois líder de uma revolução popular, Rogério, após a vitória, torna-se um cruel e desumano ditador, assassino e temível déspota. Em 1920, quando Orris Soares escreveu o seu texto, Stalin ainda não havia assumido o comando da U. R. S. S. e, muito menos, dado início aos expurgos que eliminaram líderes influentes e revolucionários de primeira hora. Assim como Ernst Toller em suas peças, a burguesia e, por conseqüência, o governo, ou o poder em todas as suas instâncias, são uma e semelhante coisa”. Sua produção inclui além das obras teatrais, biografia e dicionários: *A barreira*. Paraíba, 1917; *A Cisma*. Rio de Janeiro, 1915; *Rogério: drama em 3 atos*; *Pedro Américo*(1920); *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro; INL, V. 1,1952 e V.2, 1968. Em 1985 o Governo do Estado da Paraíba publica seu teatro completo.

Redatora: SFPB

Referências:

ALMEIDA, Horácio. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

VIEIRA, Paulo. “Orris Soares, um inovador”. In: *Agulha*. Revista de Cultura # 36 Fortaleza, São Paulo - outubro de 2003. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/ag36soares.htm>.

SOUZA, Braz Florentino Henriques de – (* 1825, João Pessoa-PB – + 1870, São Luís-MA). Bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda, turma de 1849, onde se doutorou em 1851. Foi professor da Faculdade de Direito de Recife, integrante do partido conservador. Exerceu o jornalismo no *Diário de Pernambuco*. Político vinculado ao Partido Conservador. Professor da Faculdade de Direito do Recife. Publicou os livros *Casamento Civil e o Casamento Religioso* e *Do Poder Moderador: ensaio de Direito Constitucional*, este publicado pela Typographia Universal do Recife, em 1864. Escolhido pelo Imperador D. Pedro II, integrou a comissão de juristas que elaborou parecer sobre o projeto do Código Civil, de autoria do mestre Teixeira de Freitas. Presidente da Província do Maranhão, falecendo ali, prematuramente aos 45 anos, quando designado para idêntica função em Minas Gerais. Em 2003,

o Senado Federal reedita o seu clássico nos estudos jurídicos, *Lições de Direito Criminal*, uma compilação dos seus trabalhos, editados em 1872.

Referências:

ODILON, Marcus. *Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.



TAVARES, João Lyra. (* 23.11.1871 Goiana-PE – + 31.12.1939, Rio de Janeiro-RJ). Jornalista, biógrafo e professor. Aos 5 anos de idade mudou-se para o Rio Grande do Norte onde fez os estudos primários e se matriculou no Ginásio Rio Grandense, em 1882. Em 1886, por falta de dinheiro dos pais para sustentá-lo, abandona os estudos para ser guarda-livros e depois chefe de escritório da firma comercial em que trabalhava, na cidade de Macaíba. Nessa cidade, foi um dos fundadores do clube abolicionista e assinou o manifesto republicano de Pedro Velho. Mais tarde tornou-se secretário do clube republicano da cidade e colaborador do respectivo jornal. Depois da proclamação da república, mudou-se para Natal, onde trabalhou na imprensa defendendo sempre a causa política. Em 1895, passou a ser guarda-livros em Recife, onde chegou a ser sócio da firma, que tinha várias filiais na Paraíba. Como diretor da Associação Comercial de Pernambuco, teve que assumir a gerência de uma dessas filiais. Na Paraíba, entregou-se à política, onde foi deputado estadual por sucessivos mandatos. A partir de 1908 abandona a profissão comercial e passa a se

dedicar à imprensa, fundando *O Tempo*, órgão da imprensa, que circulou sob a sua direção. Fundou em seu estado, uma Associação de Guarda-Livros e foi membro da Associação Comercial do Recife. Atuou na política, foi historiador e fundou *O Tempo*, órgão da imprensa, que circulou sob a sua direção. Quando o jornal desapareceu, entrou para a redação política do órgão do PRC. Foi lente de Corografia e história do Brasil na Escola Normal e diretor do Anuário *Almanaque da Paraíba*, bem como catedrático de contabilidade do Liceu Paraibano. Foi economista e autor de obras didáticas e estudioso de geografia. Publicou *Ligeiras notas, Traços biográficos do coronel Lordão, Apontamentos para a história territorial da Paraíba* (2 vols.), *A Paraíba* (2 vols.), *Notas históricas sobre Portugal, Estudos sobre a rebelião praieira, Pontos de história pátria*. Segundo Bittencourt, ele tinha um gosto especial para os estudos históricos, econômicos e políticos.

Referências:

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1797&li=34&lcab=1927-1929&lf=34

TEJO, William – (Campina Grande-PB). Integra o corpo redacional da *Gazeta do Serão*.

TOLEDO, Severino Carvalho de – (*
10.09.1899, Vila de Alagoa Nova-PB). Poeta
e jornalista.

Referência:

COUTINHO, Afrânio, dir. Brasil e
brasileiros de hoje. Rio de Janeiro, Sul
Americana S.A., 1961, II: 568.



VASCONCELOS, Albino Gonçalves Meira – (* 15.03.185, Pilar-PB – + 10.06.1908, Recife-PE). Filho do casal Manuel Joaquim Carneiro Meira e D. Antônia Carneiro Meira. Era casado com a senhora Isabel Peixoto de Miranda Henriques. Iniciou o curso primário na Escola do professor Demétrio Toledo, em Pilar, e concluiu no Colégio de Itabaiana; fez o secundário no Lyceu Paraibano e bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1875. De origem modesta, Albino Meira, ainda muito jovem, começou a trabalhar para custear os seus estudos, lecionando Português no Curso Anexo à Faculdade de Direito, iniciando, assim, a sua carreira no magistério; em 1876, através de concurso público, ingressou no magistério superior, lecionando Direito Constitucional. Como era peculiar à época, utilizou a imprensa para travar várias batalhas, inclusive com Tobias Barreto. Além de professor, atuava como advogado, jornalista, orador e político; escreveu nos jornais: *O Comércio*, *A Gazeta*, *A Tribuna Liberal* e em vários outros periódicos da época, não teve, porém, a preocupação de reunir em livros a sua produção. Na capital

federal, colaborou com o *Jornal do Comércio*. Foi Deputado Provincial pela Paraíba, em duas legislaturas consecutivas (1878/1879-1880/1881) e governou o Estado de Pernambuco, em 1890. Republicano, tornou-se oposição com a revolta da armada, ao lado de Custódio de Mello, o que lhe custou algum tempo na prisão. Foi recolhido ao quartel das Cinco Pontas e depois transferido para o Forte do Brum e em seguida para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor Desterro. Publicou: *Tese e dissertação apresentada à Faculdade de Direito do Recife*. Tipografia Mercantil, 1881.

Referências:

ALMEIDA, Horácio de. *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. João Pessoa: A União, 1994.

BITTEENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil**, vol. II (Parahybanos ilustres). Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

CASTRO, Oscar de Oliveira. *Vultos da Paraíba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/ca-deira03.htm>

VASCONCELOS, Olinto José Meira – (* 07.07.1829, João Pessoa-PB – + 10.10.1901, João Pessoa-PB). Poeta e biógrafo. Formado em Direito em 1851, torna-se professor e membro da Academia Paraibana de Letras.

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

VIDAL FILHO – (* 1899, Paraíba – + 1964, João Pessoa-PB). Diretor de *A União*.

VIDAL, Ademar Victor de Menezes – (* 07.10.1900, Paraíba – + 30.11.1986, Rio de Janeiro-RJ). Ainda menino faz jornalzinho em casa e torna-se, com apenas doze anos, ajudante de revisor de *A União*, jornal que chega a dirigir oito anos mais tarde. Cria e dirige a revista *A Novela*. Colaborador de várias revistas estrangeiras como *Atlântico* (Lisboa), *Pretexte* (Paris) e *Ocidente* (Madrid), escreve matérias sobre política, social e jurídica, revelando fatos e problemas do Nordeste. Deixou viúva a senhora Maria do Céu Vidal com cinco filhos. Eram seus pais o jornalista Francisco de Assis Vidal e D. Amélia Augusta Menezes Vidal; foi alfabetizado em casa, com a sua mãe, freqüentando depois o Colégio Nossa Senhora das Neves, Colégio Diocesano Pio XII, preparando-se para ingressar no Lyceu com o poeta Augusto dos Anjos, cujas aulas eram ministradas na própria residência do poeta, à Rua Direita, 93, atual Duque de Caxias. Desse contato diário com Augusto dos Anjos, Adhemar Vidal armazenou lembranças que, mais tarde, lhe ofereceram subsídios para escrever o livro intitulado *O outro EU de Augusto dos Anjos*. Formou-se em

Direito pela Faculdade do Recife, em 1920, começando a advogar na capital do seu Estado. Depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro, submetendo-se a concurso público para o Itamaraty, tendo sido aprovado e nomeado para a Legação do Brasil na Holanda, porém, teve problema de saúde e renunciou ao cargo, retornando à Paraíba. Aqui chegando, foi nomeado Oficial de Gabinete do Presidente Sólton de Lucena ocupando, também, o cargo de Procurador da República. Mais tarde, o Presidente João Pessoa convidou-o para assumir as pastas de Justiça e Segurança, permanecendo à frente dessas Secretarias até 1930. Aos doze anos, começou a trabalhar no jornal *A União* como revisor, ocupando, mais tarde, a direção do órgão. Fundou a Revista *A Novela*, que circulou na capital e foi classificada como precursora do movimento modernista no Nordeste. Escreveu em vários jornais do país e em revistas estrangeiras, representou o Brasil em Congressos, fez conferências em diversas Universidades sobre temas políticos e jurídicos. Colaborador assíduo da Revista *Era Nova* e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Foi eleito, por aclamação, membro efetivo da Academia Paraibana de Letras, tendo sido empossado no dia 24 de outubro de 1979 e recepcionado pelo acadêmico José Octávio

de Arruda Mello. A sua produção literária é vasta e variada. Além de artigos em jornais e revistas, publicou: *Fome*, 1922; *O incrível João Pessoa*, 1931; *1930 – História da Revolução na Paraíba*, 1933; *Epitácio Pessoa ou o sentimento de autoridade*, 1942; *Recordações sentimentais de Epitácio Pessoa*, 1942; *Guia da Paraíba*, 1943; *Terra de homens*, 1945; *América, mundo livre*, 1945; *Espírito de reforma*, 1945; *Importância do açúcar*, 1945; *Lendas e superstições*, 1950; *Europa*, 1950; *Reparações de guerra*, 1952; *Organização judiciária dos Estados Unidos do Brasil*, 1959; *Liquidação dos bens de guerra*, 1960; *O outro Eu de Augusto dos Anjos*, 1967; *Canção de liberdade*; *Regime jurídico do estrangeiro*; *Moderno sentido de soberania*, s/d. *O grande presidente*; *A família brasileira e as suas origens*; *João Pessoa e a Revolução de 30*.

Redatora: SFPB

Referências:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/adhemarv.htm>

VIEIRA, Eudésia – (* 08.04.1894, Livramento-PB – + 16.7.1981, João Pessoa-PB). Nasceu no dia 08 de abril de 1894, na povoação de Livramento, no município de Santa Rita, sendo seus pais Pedro Celestino Vieira e Rita Filomena de Carvalho Vieira. Fez seus estudos primários na Escola particular de D. Isabel Cavalcanti Monteiro

nesta Capital. Recebeu o diploma de professora pública pela Escola Normal Oficial, em 15 de junho de 1911, sendo a oradora da turma. Iniciou a carreira do magistério dando aulas particulares, somente em 1915, através de concurso público, ingressou no magistério oficial. Foi designada para ministrar aulas em Serraria, mais tarde transferiu-se para Santa Rita e, finalmente para a capital do Estado. Casou-se em 1917, com José Taciano da Fonseca Jardim, nascendo desse casamento 14 filhos, dos quais apenas cinco sobreviveram, João Batista, Leôncio, Marcília Celeste e Maria Brasil. Foi professora pública em várias escolas primárias do Estado. Já casada decidiu ser médica, contrariando a vontade do marido e enfrentando todos os obstáculos e preconceitos da época, preparou-se e submeteu-se às provas da Faculdade. Eudésia foi à única mulher numa turma de homens a receber o grau de doutora, e a primeira paraibana a conquistar o título, pela Faculdade de Medicina de Recife. Ali recebeu o diploma de doutora em ciências médicas e cirúrgicas, por ter sido a única que defendeu Tese (Síndrome de Schickelê), dentre os 52 diplomados naquele ano. Aqui em João Pessoa, instalou um consultório em sua residência, à rua Duque de Caxias, passou a atender e dedicar-se à sua clientela, fazendo da

medicina o seu apostolado. Foi Assistente Social da Penitenciária Modelo, sendo muito amada pelos presidiários. Professora, médica, jornalista e poetisa. Eis a mulher Eudésia Vieira. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 3 de junho de 1922, onde exerceu o cargo de suplente de 1º Secretário no período de 1925-26. Como professora se preocupou muito com a qualidade do livro didático adotado nas Escolas Primárias e, com muito sacrifício, conseguiu elaborar e editar dois livros e adotá-los nas Escolas Oficiais do Estado. Como médica, dedicou-se com extremo desvelo às clientes, orientando-as, principalmente na questão do pré-natal, numa época que este exame era totalmente desconhecido pela maioria das mulheres. Como escritora, jornalista e poetisa, foi muito atuante. Colaborou na Revista *Era Nova*, nos jornais *O Norte*, *A União*, *A Imprensa*, *A Gazeta do Recife* e em *Novelar*, jornal da Festa das Neves. Seu primeiro poema foi publicado quando tinha 14 anos. Realizou muitas Conferências que, posteriormente, foram enfeixadas em livros. Em 1974, foi convidada para ocupar a Cadeira nº 20 da Academia Fluminense de Letras, onde seu patrono era Alberto Torres; infelizmente, por motivo de saúde não aceitou o convite. Eudésia Vieira, considerava fato marcante na sua vida a

conversão ao Catolicismo. Depois desse acontecimento, tornou-se devota de Nossa Senhora de Fátima, a quem atribuiu o milagre de seu salvamento, em 1943, quando o navio em que viajava do Rio de Janeiro para João Pessoa, foi torpedeado por um submarino Alemão nas Costas da Bahia. Em 1974 recebeu o título de cidadã Benemérita da Paraíba e, quando faleceu, foi homenageada com seu nome dado a uma rua do Bairro dos Estados. Deixou publicados os seguintes trabalhos: *Pontos de História do Brasil* (didático); *Cirus e Nimbo*; (versos); *A Minha Conversão e Dom Ulrico Sonntag*; *Síndrome de Schickelé*, (Tese de doutorado); *Terra dos Tabajaras* (didático) - 1955; *Mistério de Fátima* - 1952; *Conferência - 1948*; *Dois Episódios de uma Vida*; *Poema do Sentenciado*; *O Torpedeamento do Afonso Pena* - 1951; *Inéditos: Mortos que Falam*; *A Mãe Cristã e a Educação Eucarística que Ha de Dar aos Filhos*. Além de proferir palestra em sessão solene sobre a Emancipação Política do Brasil. Eudésia exerceu cargo de suplente de 1ª Secretário, no período de 1925-26 no IHGP. Entre o período de 1956/59 assumiu o cargo de Oradora e entre 1959/62 assumiu a Comissão de Contas desta Instituição. Eudésia faleceu em João Pessoa, no dia 16 de julho de 1981.

Redator: FS

Referências:

Revista Manaíra. João Pessoa, abril de 1940. Nº 06 pág. 04. Memorial do IHGP Edição Comemorativa dos 90 anos de Fundação 1905/1995. J.P. 1995.

SANTANA, Martha M^a Falcão de C. e M. , “Primeira Historiadora e Médica Santaritense”, Artigo publicado na coluna Brasil 500 anos, In: *O Norte*, 17 de maio de 1998.

A União, João Pessoa de 1930/1940.

A Imprensa, João Pessoa de 1928/1940.

Era Nova, Parahyba do Norte, Imprensa Oficial, 1921/1926.

Revista de IHGP, João Pessoa, A UNIÃO, Imprensa Oficial, 1932/1940.

VIEIRA, José de Araújo – (* 23.03.1880, Mamanguape-PB – + 08.07.1948, Rio de Janeiro-RJ). Funcionário público, jurista, cronista e romancista. Órfão muito cedo faz tardiamente seus estudos na Paraíba, quando ingressa em um curso de comerciários. Manifesta suas primeiras tendências literárias no campo da poesia, publicando seus poemas no *Almanaque da Paraíba* e nos jornais *A União* e *O Correio*, sob o pseudônimo de Félix de Araújo. Como a grande maioria dos jornalistas da época migra para outros estados, principalmente Pernambuco, Ceará e Pará. Neste último dedica-se ao curso de Direito e mostra seu talento jornalístico em *A Província do Pará* e *O Jornal*. Posteriormente, conclui seu curso de Direito na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, onde fixa residência. Na capital, estréia como cronista

no *Correio da Noite* e na *Gazeta da Tarde*, ao mesmo tempo em que desenvolvia suas atividades de redator-chefe de documentos parlamentares na Câmara dos Deputados. Suas crônicas, após uma viagem à Suíça, são reunidas no volume *A cadeia velha*, publicado em 1912. Viaja a Portugal, mas se mantém ligado à Paraíba, através de assíduas publicações no jornal *A União*, textos que serão organizados sob o título de *Sol de Portugal* (1918).

Referência:

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

VIEIRA, Manoel Pedro Cardoso – (* 01.1848, Conde-PB – + 10.01.1880, Rio de Janeiro-RJ). Filho de Pedro Cardoso Vieira e Maria Severina Vieira, proprietários do engenho que era uma pequena aldeia indígena, próxima à praia de Jacumã, no município do Conde. Faleceu no dia 10 de janeiro de 1880, aos 32 anos de idade. Lá, Cardoso Vieira aprendeu as primeiras letras, vindo, depois, morar na capital, na Rua da Lagoa da Frente, atual Treze de Maio, continuando os estudos. Em 1873, bacharelou-se em Direito, no Recife. Formado, voltou à Paraíba e dedicou-se à advocacia, ao jornalismo e ao magistério; aprovado em concurso público, foi nomeado professor do Lyceu, passando a lecionar Retórica, Geometria e Português.

Ingressou na política, elegendo-se Deputado Geral pelo Partido Liberal, apesar de seus pais serem conservadores. Ao lado de Joaquim Nabuco, muito lutou pela reforma social e pelo abolicionismo; como jornalista, colaborou nos jornais *Correio Noticioso*, *A Opinião* e *A União Liberal*; dirigiu *O Despertador* e fundou o *Bossuet da Jacoca*, jornal satírico, tendo como alvo especial o Padre Lindolfo Corrêa (Comendador Corrêa Neves), diretor de *O Publicador*, cuja eloquência era satirizada impiedosamente. “*Cardoso Vieira, através do seu jornal, manteve-se sob o fogo crepitante de sua ironia contundente, propiciando revide à altura*” (José Leal.) Não deixou livros publicados, encontrando-se, apenas, artigos e poemas em jornais; discursos e interpelações nos Anais do Parlamento.

Referência:

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/cadeira10.htm>